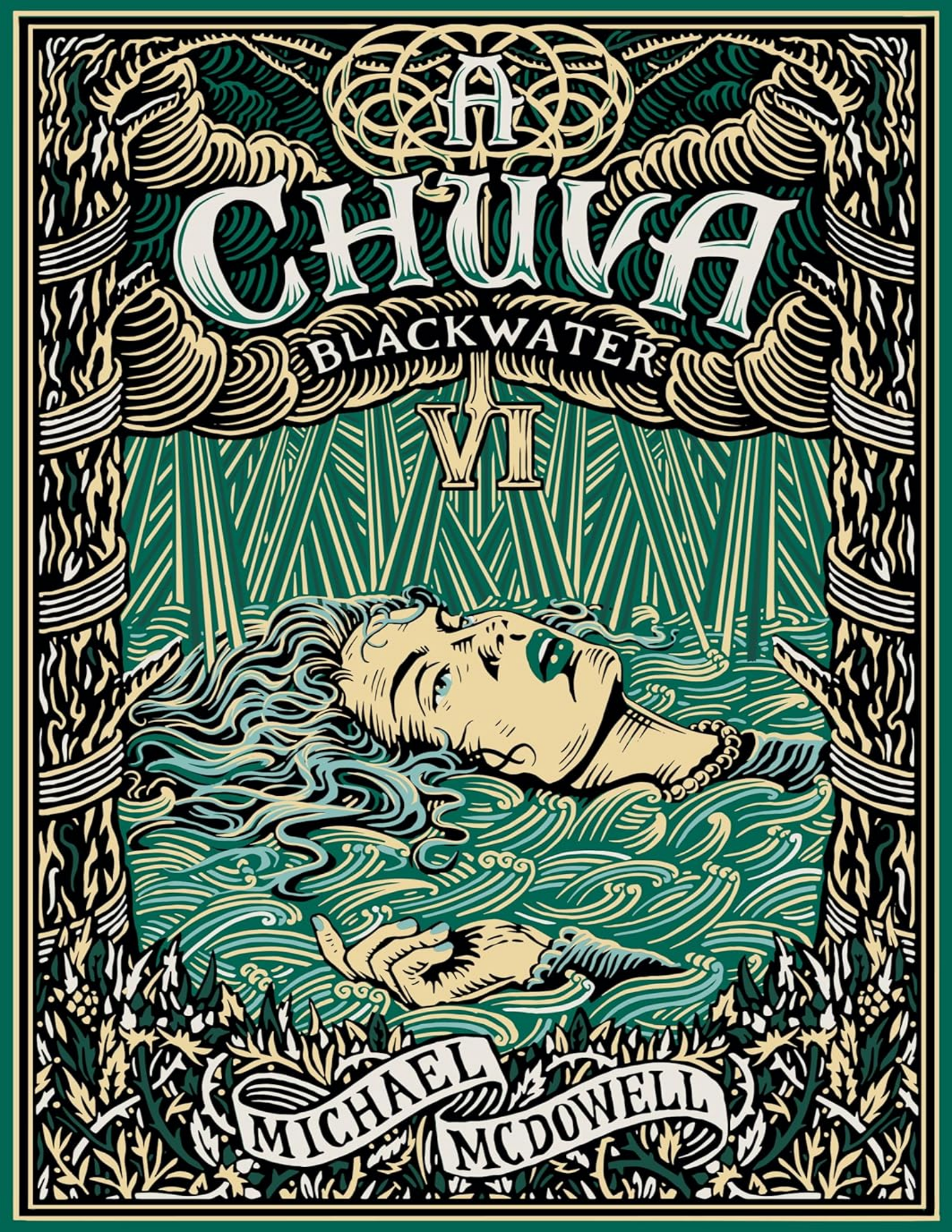
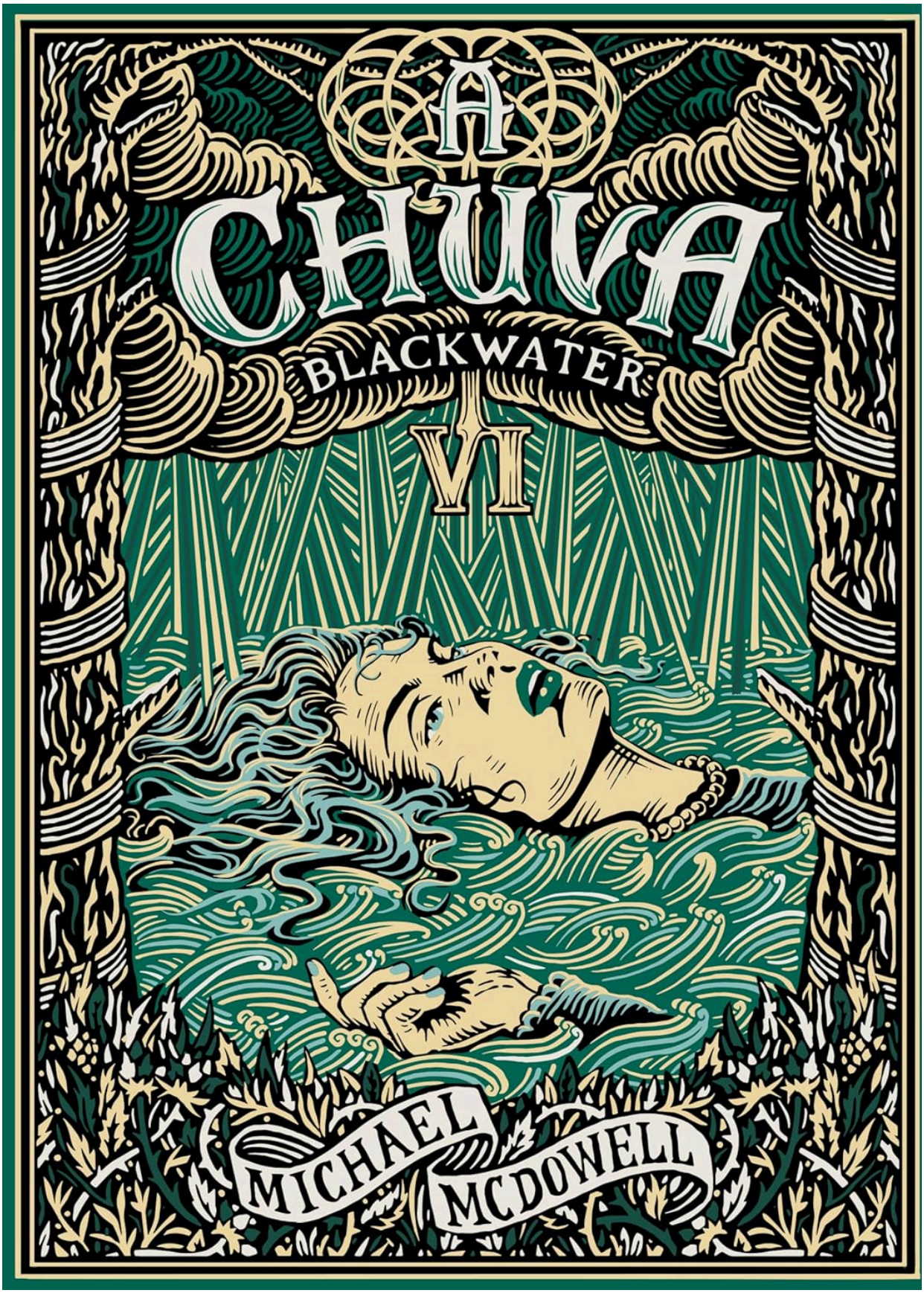

A
CHUD
BLACKWATER
VI
MICHAEL
MCDOWELL


A
CHUVA
BLACKWATER
VI
MICHAEL
MCDOWELL



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

A Chuva

MICHAEL MCDOWELL

A CHUVA

BLACKWATER·VI

TRADUZIDO POR FABIANO MORAIS



ARQUEIRO

Título original: *Rain*

Copyright © 1983 por Michael McDowell
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Esta edição foi publicada mediante acordo com The Otte Company, por meio da Piergiorgio Nicolazzini Literary Agency (PNLA) junto com a LVB & Co. Agência e Consultoria Literária.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Guilherme Bernardo

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Midori Hatai e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Monsieur Toussaint Louverture e Pedro Oyarbide

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão e Pedro Oyarbide

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144c

McDowell, Michael, 1950-1999
A chuva [recurso eletrônico] / Michael McDowell ; tradução Fabiano Morais. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital (Blackwater ; 6)

Tradução de: Rain
Sequência de: A fortuna
Formato: ebook
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-852-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título. III. Série.

25-97999.1

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMARIO

CAPÍTULO 1
O noivado

CAPÍTULO 2
Adiamento

CAPÍTULO 3
A festa de casamento

CAPÍTULO 4
A solidão de Queenie

CAPÍTULO 5
As crianças dos Caskeys

CAPÍTULO 6
A canção da pastora

CAPÍTULO 7
Faculdade

CAPÍTULO 8
Oscar e Elinor

CAPÍTULO 9
Os pijamas de Oscar

CAPÍTULO 10
Passos

CAPÍTULO 11
Sra. Woskoboinikow

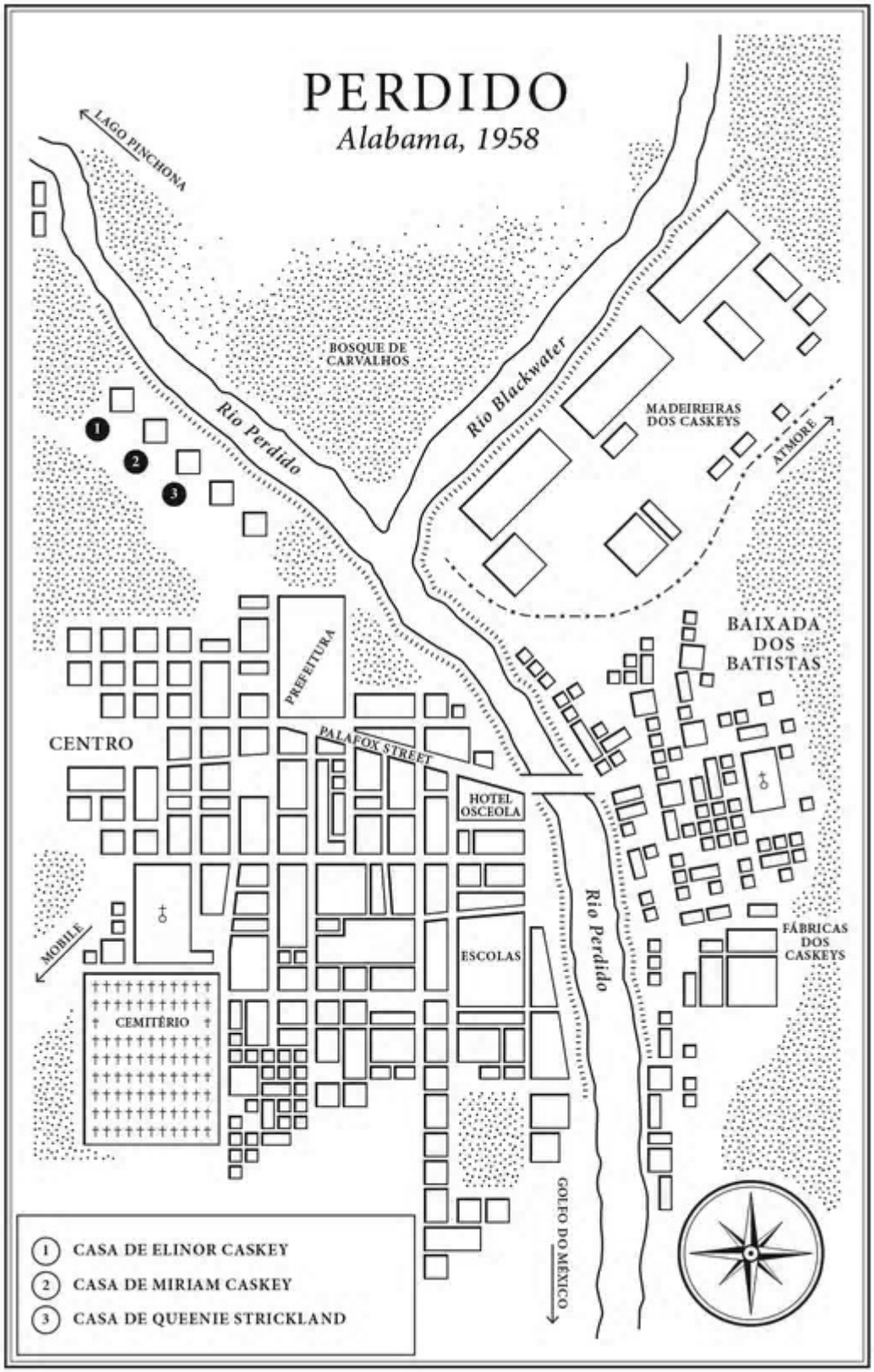
CAPÍTULO 12
Brindes com champanhe

CAPÍTULO 13
O ninho

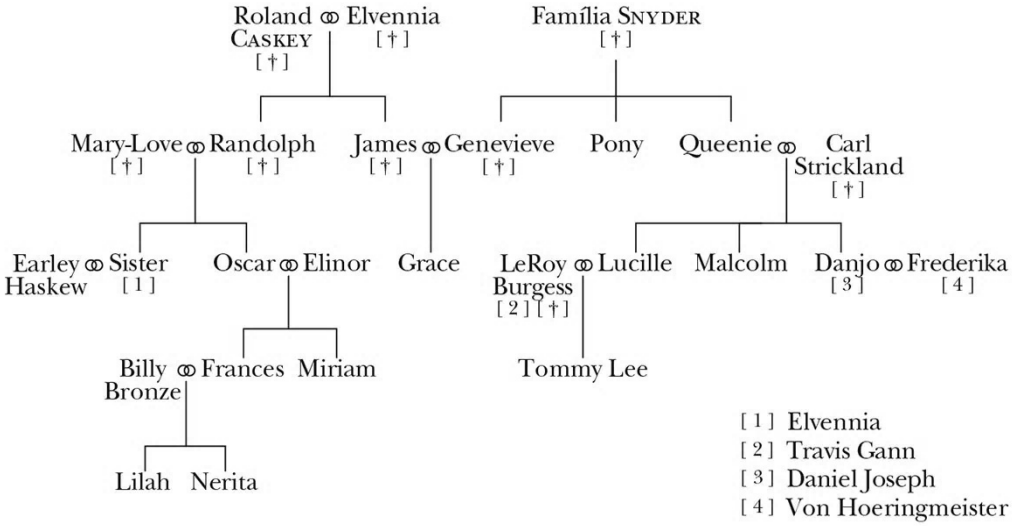
CAPÍTULO 14
Chuva

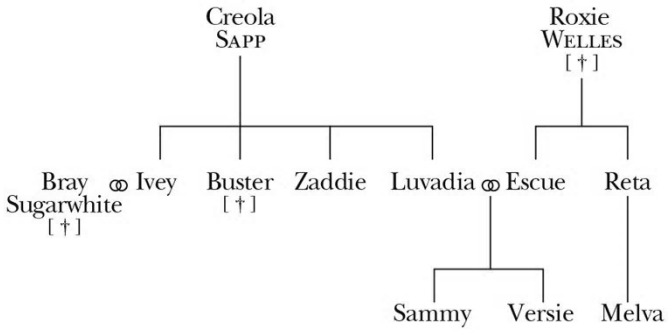
Sobre o autor

Sobre a Arqueiro


PERDIDO
Alabama, 1958
LAGO PINCHONA
BOSQUE DE CARVALHOS
Rio Perdido
Rio Blackwater
MADEIREIRAS DOS CASKEYS
ATMORE
1
2
3
PREFEITURA
CENTRO
PALAFOX STREET
HOTEL OSCEOLA
BAIXADA DOS BATISTAS
MOBILE
CEMITÉRIO
ESCOLAS
Rio Perdido
FÁBRICAS DOS CASKEYS
GOLFO DO MÉXICO
1 CASA DE ELINOR CASKEY
2 CASA DE MIRIAM CASKEY
3 CASA DE QUEENIE STRICKLAND

As famílias
Caskey, Sapp, Snyder e Welles – 1958





CAPÍTULO 1

O noivado

Talvez elas fossem apenas isto: duas senhoras de idade que fofocavam no quarto dos fundos de uma casa antiga nos recônditos do Alabama. Em 1958, Sister Haskew, com 64 anos, era uma mulher inválida, acamada, ranzinza, fraca, dependente e exigente. Queenie Strickland, com 66, era gorda, feliz, ativa, devota e alegre. Ambas eram extremamente ricas, e nenhuma das duas sequer pensava no dinheiro que possuíam.

Queenie era a espiã e a empregada de Sister. Ela levava e trazia tudo o que lhe era pedido. Morando na casa ao lado, saía todos os dias pontualmente às 6h55 para levar a bandeja com o café da manhã de Sister, servido cinco minutos depois. Às sete da noite, carregava a bandeja do jantar de Sister de volta à cozinha de Ivey, bufando enquanto largava estrepitosamente os pratos no balcão.

Não fosse pela sua curiosidade insaciável sobre os acontecimentos da cidade, da madeireira e da própria família, Sister jamais deixaria Queenie se afastar de sua cama. Queenie tinha permissão para jogar bridge, fazer compras, ir de carro à fazenda da filha Lucille e jantar na casa vizinha de Elinor apenas porque, quando voltava ao quarto bolorento, fechado e entulhado de Sister, podia contar a ela tudo o que tinha sido dito e feito. Ao receber essas informações aleatórias, Sister tirava conclusões e fazia previsões estapafúrdias, o que sempre levava Queenie a dizer:

– Sister, você está muito enganada. Isso não vai acontecer.

E, de fato, as previsões nunca se concretizavam. Nenhuma delas. Ela estava afastada da sociedade havia tanto tempo que praticamente esquecera como tudo funcionava. Os relatos de Queenie eram precisos, mas a análise de Sister estava sempre incorreta.

A casa em que Sister e Miriam viviam mudara por completo nos últimos doze anos. Durante a adolescência de Miriam, quando Mary-Love ainda era viva, o lugar parecia animado por uma espécie de vitalidade nascida da mesquinhez – mas talvez essa energia fosse apenas pura determinação. Ela se mantinha firme entre a residência muito maior de Elinor de um lado e a moradia mais distinta de James Caskey do outro.

Agora, porém, com as varandas e todas as janelas do primeiro andar escondidas atrás de azaleias e camélias, a casa parecia se ensimesmar, como se não quisesse mais competir com suas vizinhas. Pelo contrário, desejava abandonar o torneio. Seu interior cheirava a velhice. Os móveis ainda eram os mesmos desde o dia da morte de Mary-Love Caskey, 22 anos antes. Não por reverência à falecida, mas porque Miriam não tinha interesse em trocá-los e Sister gostava de lembrar com o máximo de frequência possível (embora jamais o admitisse, sequer para si mesma) que Mary-Love estava, afinal de contas, morta.

Ivey Sapp também já era uma mulher de idade, tão velha quanto Queenie, e enterrara Bray em 1957. Quem a ajudava agora era Melva, neta de Roxie, antiga cozinheira de James. Ivey era ainda mais gorda do que Queenie e não fazia nada além de ficar sentada na cozinha o dia inteiro, ouvindo rádio e dando instruções a Melva. Saía do lugar apenas para preparar os poucos pratos que Sister aceitava comer.

Sister passara tantos anos acamada que toda a casa carregava o cheiro dela e de sua doença: um leve odor adocicado de lavanda, como o das ervas que os egípcios usavam para preencher as cavidades de um cadáver eviscerado. Uma pessoa de temperamento mais delicado poderia enlouquecer ali sem nunca perceber como.

Miriam Caskey, então com 37 anos, possuía um temperamento robusto o suficiente para suportar a precariedade do ambiente no qual dormia todas as noites, embora o ar em seu quarto – cuja porta tinha o cuidado de manter fechada o dia inteiro – talvez não fosse tão insalubre.

Por mais que Early Haskew nunca tivesse voltado para buscar Sister, ela se dizia incapaz de dormir sossegada à noite enquanto

Miriam não verificasse os trincos de todas as portas e janelas do primeiro andar.

– Aquele homem escalaria muros para me pegar – declarava Sister. – Ele seria capaz de pôr escadas apoiadas na lateral da casa para me espiar pela janela.

Miriam já havia desistido de argumentar que Early, onde quer que estivesse, tinha 64 anos, era muito gordo e dificilmente estaria inclinado a realizar proezas atléticas.

Sister e Miriam haviam se afastado. Miriam não conseguia esquecer que a doença de Sister, por mais que agora fosse real, começara como uma farsa. Após sua queda da escada, causada por uma cegueira momentânea, Sister tinha ficado de cama por conta de uma suposta fraqueza nas pernas. Então, para evitar o marido, nunca mais saíra dali, permitindo que suas pernas atrofiassem a fim de que Early jamais tivesse a oportunidade de tirá-la do seu adorado lar.

Miriam se recusava a cuidar de uma mulher que se tornara inválida por vontade própria. Por sua vez, Sister achava que Miriam passava tempo demais na madeireira e cuidando do negócio de petróleo dos Caskeys.

Sister dizia a Queenie:

– Eu sou rica, sabia? Tenho tanto dinheiro que nem sei o que fazer com ele. E sabe quem vai ficar com todo esse dinheiro? Miriam! Até o último centavo. E como ela me trata? Como se eu fosse uma prima pobre.

– Eu é que costumava ser a prima pobre – ressaltou Queenie.

– Exatamente – concordou Sister. – E Miriam me trata como a mamãe e todos na família costumavam tratar você. Como se eu fosse uma desqualificada, uma parasita sem um tostão.

Queenie ficou chocada ao ouvir Sister falar daquela maneira. Não por ela ter sido rude, mas porque soava como algo que a própria Mary-Love Caskey diria. Isso fez Queenie prestar mais atenção no comportamento de Sister. Foi quando concluiu que a mulher estava cada dia mais parecida com a falecida mãe.

Um dia, depois da igreja, no início do outono de 1958, Queenie puxou Miriam para um canto do quintal e indagou:

– Miriam, por acaso você notou algo diferente em Sister?

– Que ela está mais exigente a cada dia que passa?

O verão do Alabama se recusava a ir embora, e foi com alívio que Miriam tirou as luvas. Em seguida, desprendeu o chapéu e balançou os cabelos.

– Não – respondeu Queenie, franzindo um pouco a testa. – Estou falando de como ela está cada vez mais parecida com Mary-Love.

Miriam sorriu.

– Ainda não tinha percebido isso? Nunca viu como ela assina os cheques?

– Como "Elvennia Haskew". De que outra forma ela assinaria? – retrucou Queenie, surpresa.

– Não é isso.

Miriam se virou, subiu os degraus em direção à varanda e se sentou em uma cadeira de balanço de vime. Queenie fez o mesmo.

– Cerca de um ano atrás, recebi um telefonema do banco – prosseguiu ela. – Eles me disseram que alguém estava forjando os cheques de Sister. Então fui até lá para ver os cheques que tinham entrado. Estavam assinados "Elvennia Haskew", sim, mas na letra da vovó. – Miriam riu. – Meu coração saltou no peito. Pensei: "Ai, meu Deus, ela voltou dos mortos! O que vai ser de nós?" Os "enes" eram idênticos, e o "a" no final também. Iguais aos da vovó. Eu voltei e perguntei: "Sister, por que está brincando desse jeito com a sua assinatura? Está deixando todos no banco aflitos." E Sister nem entendeu do que eu estava falando. Então mostrei sua assinatura antiga e, depois, a que acabara de fazer no cheque. Ela disse: "Não vejo a menor diferença." Eu não falei mais nada. Mas confira você mesma. Peça para ela escrever algo. A caligrafia é a da vovó, até o último traço.

– Você amava sua avó – comentou Queenie, embora o tom de Miriam tivesse sugerido o contrário.

– Sim, amava. Eu a amava de paixão. Nunca amei tanto alguém quanto a ela. Mas, graças a Deus, vovó se foi. Era ela quem mandava naquela época. Agora, quem manda sou eu. Então é bom que não precisemos brigar.

– Se ainda fosse viva, Mary-Love não brigaria com você. Ainda estaria brigando com Elinor. Deixaria você em paz.

– Nada disso – discordou Miriam. – Ela me acharia arrogante e tentaria me tolher, exatamente como Sister faz. Sister me acha arrogante por administrar a madeireira do meu jeito. Não importa que eu esteja enriquecendo todos nós se não estou dando atenção a *ela*. Se não estou sempre às ordens dela, como você.

– Eu não me importo.

– Sei que não, mas eu me importaria. Não que um dia eu fosse cuidar dela. Foi a própria Sister quem se meteu nessa situação, Queenie, e você sabe disso. Ela caiu da escada onze anos atrás. Poderia ter se colocado de pé em poucas semanas, mas, mesmo depois de todo esse tempo, continua obrigando as pessoas a servi-la. Eu amo a Sister. Fui criada para amá-la. E continuarei a amá-la até ela morrer afundada naqueles cinco colchões de pena e naqueles sete malditos travesseiros. Mas nunca vou dizer "Sister, lamento que esteja inválida" ou "Sister, lamento que fique tão sozinha aqui em cima". E ela sabe que nem adianta me pedir nada.

Foi então que Lilah veio andando da casa ao lado. Miriam sorriu e estendeu as mãos para a sobrinha, então com 11 anos. Lilah subiu os degraus.

– Vovó disse que o jantar vai ficar pronto em quinze minutos, e que vocês podem vir quando quiserem.

Queenie, cujo apetite nunca havia diminuído com o passar dos anos, se levantou na mesma hora.

– Você vem? – perguntou a Miriam.

Lilah atalhou rapidamente:

– Miriam, pode subir comigo e me mostrar suas joias?

– Posso, sim. Também vou deixar você experimentar algumas.

Assim, Miriam e Lilah entraram e Queenie atravessou o quintal de areia em direção à casa de Elinor, na esperança de encontrar algo para petiscar na cozinha antes de todos se sentarem para o almoço.

– Quem é? – indagou Sister, ouvindo os passos que subiam a escada.

– Sou eu! – gritou Miriam. – E Lilah!

– Lilah, venha falar comigo!

A menina disparou pelo corredor, inclinou-se para dentro do quarto de Sister e exclamou, impaciente:

– Já vou! Miriam me deixou experimentar algumas joias dela.

– Vá experimentá-las, mas depois desça e as mostre para mim.

Lilah voltou correndo para o quarto de Miriam. Ela temia ter perdido o que, em sua opinião, era a melhor parte: a hora em que a gaveta era aberta. No entanto, Miriam estava apenas parada diante da penteadeira com um sorriso.

– Vou deixar você abrir hoje – disse para Lilah.

Lilah se ajoelhou e puxou com reverência a última gaveta da penteadeira antiga. Dentro dela, estavam empilhadas nove caixas de tamanhos, idades e texturas diferentes. Para Lilah, elas eram tão distintas quanto nove pessoas na fila do banco; cada uma delas cheia de tesouros.

– Qual quer abrir para ver? – perguntou Miriam.

Lilah apontou para a caixa do meio na pilha à direita.

– Esta!

Miriam tirou uma chave pequena do bolso e foi até um armário baixo, de aparência peculiar, no canto do quarto. Era da altura dela e tão estreito quanto seu corpo, com um espelho na porta. Lilah adorava esse armário perpendicular, pois nunca tinha visto nada parecido. Dentro, havia uma dúzia de prateleiras e, nelas, Miriam guardava coisas que ninguém tinha permissão para ver.

Na gaveta mais alta, ficavam apenas chaves – centenas e centenas de chaves que abriam fechaduras que só Deus e Miriam sabiam quais eram. Sem hesitar, Miriam tirou do fundo um molho de chaves minúsculas, inserindo sem erro uma delas na fechadura da caixa que Lilah escolhera. A caixa se abriu de imediato.

Dentro havia uma confusão de brincos: alguns de pressão, com pedras de esmeralda, rubi e diamante; gotas de pérola engastadas em ouro; brincos de pino minúsculos e delicados, trabalhados em ouro na forma de estrelas, navios e cavalos; pendentes antigos elegantes, do tipo que Lilah nem sabia que existia: peças de filigrana enormes, com diversas pedras; pérolas negras solitárias em estilo moderno, de aparência modesta. Ao pressionar as mãos dentro da caixa, sentiu a picada das presilhas, pinos e faces lapidadas contra a pele, mas era uma dor animadora. Parecia impossível que cada peça que pegasse

tivesse um par em alguma parte daquele caos de gemas, mas Miriam lhe garantiu que sim.

– Eu não compro peças soltas – argumentou ela. – E nunca perdi nenhuma, então estão todas aí dentro.

– Quer que eu junte os pares para você?

– Para quê? – perguntou Miriam. – Teríamos que colocá-los de volta na caixa e tudo se misturaria outra vez. Além do mais, Queenie deve estar quase desfalecendo de fome. Escolha um par para experimentar.

As orelhas de Lilah não eram furadas, de modo que teve que encontrar brincos de pressão. Achou um com uma pedra vermelha enorme, cortada em quadrado.

– O que é isso?

– Rodolita. Vem da África do Sul. Comprei na Quinta Avenida, em Nova York, em 1953.

Miriam enfiou a mão na caixa e, passado um segundo, segurava o par do brinco. Lilah achou que Miriam não tinha sequer olhado. Parecia ter encontrado a joia pelo *tato*. Ela colocou os brincos de pressão nas orelhas da sobrinha. Eram tão pesados que repuxavam os lóbulos da menina.

– Como ficou?! – exclamou Lilah, fitando o espelho.

– Um tanto ridículo – falou Miriam. – Agora vá mostrar a Sister. E não demore! Minha barriga ficou roncando o sermão inteiro esta manhã.

– Eu sei – disse Lilah, enquanto atravessava correndo a porta. – Eu ouvi!

Lilah tornou a disparar pelo corredor e entrou no quarto de Sister. Parou à beira da cama, virando a cabeça de um lado para o outro para exibir as joias.

– São lindos! – exclamou Sister. – Assim como você, querida.

– Obrigada.

– Miriam não deixa ninguém experimentar as joias dela, só você.

– Ela tem tantas! – sussurrou Lilah.

– Nem sei como temos dinheiro para comer nesta casa, do jeito que Miriam gasta com tanto lixo – falou Sister, em tom de crítica.

– Não é lixo!

– Se ela não usa, é! Esta deve ser a primeira vez que alguém colocou esses brincos desde que ela os comprou.

– Tenho que tirá-los – disse Lilah, bufando.

– Lilah! – exclamou Miriam, chamando-a do corredor. – Temos que ir!

Lilah começou a se virar, mas Sister sacou a mão de baixo da colcha leve e agarrou o braço da menina.

– Seu pai está se sentindo sozinho – falou Sister, mantendo a voz baixa.

– Hã?

– Seu pai está se sentindo sozinho desde que sua mãe se afogou no Perdido.

– Eu sei… – concordou Lilah, cautelosa, também em voz baixa.

– Já fez dois anos, não fez? Dois anos, em maio passado.

– Sim, senhora.

– Fico surpresa que ele ainda não tenha se casado de novo.

– Casar? Com quem o papai se casaria? – perguntou Lilah, perplexa.

Sister fixou o olhar na jovem, então olhou para a porta, como se quisesse dizer algo.

Lilah seguiu o olhar, sem entender.

– Com quem? – tornou a perguntar.

Sister assentiu, mas não falou nada.

– Está querendo dizer que papai se casaria com *Miriam*?

– Quem mais?

– Papai não vai se casar com ela! – exclamou Lilah. – Quem falou *isso* para a senhora?

– Ninguém me falou. E nem precisava falar. Vocês acham que não sei de nada e não vejo nada só porque estou presa a esta cama, cheia de dores. Mas estão enganados. Queenie me conta tudo o que eu preciso saber. As pessoas me visitam. Tenho olhos, posso ver pela janela. E tenho tempo para pensar nas coisas. Eu ficaria muito surpresa se você não tivesse uma nova mamãe muito em breve.

– Sister, não *acredito* – falou Lilah. – Vou perguntar a Miriam.

– Se perguntar, ela vai negar. Não vai me dar o gostinho de dizer que estou certa. Mas, qualquer dia desses, você vai voltar da escola e

seu pai vai dizer: “Lilah, querida, Miriam e eu fomos viajar e nos casamos.” Espere só para ver.

– Ainda tenho minhas dúvidas.

– Você quer esses brincos ou não? – disse Sister, cutucando o brinco preso à orelha esquerda de Lilah com um dedo ossudo.

Lilah se encolheu.

– Sim, senhora. Claro que quero.

– Se Miriam se tornar sua mamãe, vai ficar com eles depois que ela morrer. Vai ser a herdeira de uma fortuna em pedras preciosas.

Lilah não parecia nada convencida das previsões de Sister. Miriam tornou a chamá-la.

– Tenho que ir – falou Lilah, desvencilhando-se.

Sister abriu um sorriso matreiro e soltou o braço de Lilah, que saiu correndo do quarto. Miriam estava à espera no corredor e puxou os brincos das orelhas de Lilah, largando-os no bolso.

– Elinor vai nos matar – disse a Lilah. – Vamos logo.



Na opinião de Perdido, Billy Bronze não havia lamentado o suficiente a morte da esposa. Frances Caskey tinha se afogado no Perdido em uma noite de tempestade na primavera de 1956. Billy estava viajando na época. O rio havia sido dragado aleatoriamente acima e abaixo da confluência, mas o corpo de Frances não foi recuperado. Foi Elinor quem contou a Billy sobre a morte da filha:

– Ela foi nadar, como sempre. Mas desta vez não voltou.

– Não me parece que Frances se afogaria naquele rio – retrucou Billy. – Nunca vi ninguém nadar tão bem quanto ela. A senhora disse que houve uma tempestade naquela noite. Talvez ela tenha sido atingida por um raio.

O luto de Billy foi discreto. Ele continuou indo ao trabalho como sempre, sua rotina inalterada, e nunca parecia distraído em momentos inadequados. Dormia sozinho à noite, o que parecia ser a maior mudança em sua vida. Perdido notou a aparente indiferença de Billy e desaprovou essa conduta. Os Caskeys, no entanto, o

defenderam. Sem alarde, com comentários cautelosos, Elinor e Queenie lembravam à cidade como Frances havia se distanciado em seus últimos anos de vida; como começara a ignorar tanto o marido quanto a filha, parecendo se importar apenas com o rio.

Embora tivesse se afastado da esposa, Billy permanecia em bons termos com o restante da família. Esse relacionamento não foi alterado pela morte de Frances. Ele continuou a morar na casa com os sogros, Elinor e Oscar, e sequer cogitou se mudar dali. Quando Oscar comentou que poderia haver problemas, já que o corpo de Frances nunca fora encontrado, Billy se limitou a perguntar:

– Que tipo de problema?

– Bem, caso queira voltar a se casar… – respondeu Oscar, constrangido.

– Casar? – indagou Billy com uma gargalhada. – Com quem eu iria me casar, Oscar?

– Não sei, mas pode surgir alguém um dia. Admito que acho improvável, mas pode acontecer. Algum dia.

Billy tornou a rir.

– Elinor jamais me deixaria fazer isso.

Então deu de ombros expressivamente, como se quisesse dizer: *Ainda bem.*

O relacionamento de Billy com Miriam naqueles primeiros dois anos de viuvez permaneceu o mesmo. Os dois mantiveram o grau de amizade, proximidade e profissionalismo. Nunca passara pela cabeça de ninguém, até ocorrer a Sister, que haveria a chance de um casamento entre Billy e sua cunhada. Lilah não tinha uma opinião formada sobre quais seriam as consequências de tal união, mas pressentia que *poderiam* ser negativas. Então, foi até a avó e perguntou:

– Papai vai se casar com Miriam? Se ele se casar, isso significa que eu ficaria automaticamente com as joias dela se Miriam morresse?

– De onde tirou essa ideia? – perguntou Elinor à neta.

– Foi a Sister. Ela disse que é só uma questão de tempo até papai e Miriam fugirem para se casar. Eles vão morar aqui ou na casa ao lado?

– Não quero ouvir mais uma palavra sobre esse assunto – respondeu Elinor. – É indelicado.

– Indelicado? – perguntou Lilah, confusa.

– Sim – repetiu Elinor e, por algum tempo, isso encerrou a questão para Lilah.

Mas não para Elinor. A mulher foi até Oscar e perguntou:

– Você ouviu algo sobre Billy se casar com Miriam?

Oscar não ouvira nada do tipo. Queenie, Lucille, Grace, Zaddie ou Ivey tampouco. Elinor foi visitar Sister e questionou:

– De onde você tirou essa ideia?

Sister se recostou em seu travesseiro com arrogância e respondeu, mantendo um ar de mistério:

– Eu sei o que sei…

– Oscar, converse com Miriam – pediu Elinor, não satisfeita. – Você é o único nesta família que ela ouve.

– Que diferença vai fazer se Billy se casar ou não com Miriam?

– Não sei dizer. Mas, seja como for, deveríamos tentar descobrir.

Assim, naquela noite, à mesa de jantar, enquanto Zaddie tirava os pratos para servir a sobremesa, Oscar pigarreou e disse:

– Miriam, posso fazer uma pergunta sem que tente me esganar?

– Não sei – respondeu ela, que não se deixava convencer tão fácil. – Talvez sim. Talvez não. Qual é a pergunta?

– Bem… – titubeou Oscar. – Talvez seja melhor eu perguntar ao Billy.

O homem olhou para Oscar, depois para Miriam.

– Claro, pode perguntar. Não vou me zangar.

– Vou perguntar aos dois, então – disse Oscar, ainda hesitante.

Zaddie ficou parada diante da porta, segurando pilhas altas de pratos nas mãos.

– Desembuche, Sr. Oscar – falou Zaddie –, antes que eu quebre estes pratos todinhos!

– Nós temos nos perguntado…

– Quem tem se perguntado? – quis saber Miriam.

– Todos nós – deixou escapar Malcolm, ficando vermelho em seguida.

– Vocês têm se perguntado o quê? – falou Billy.

– Se vocês estão pensando em fugir para se casar.

Billy e Miriam trocaram olhares, aturdidos.

– É *nisso* que vocês têm pensado esse tempo todo? – indagou Miriam após alguns minutos de silêncio perplexo.

– Miriam e eu? – indagou Billy, rouco.

– Foi Sister que sugeriu! – exclamou Queenie.

– Sister esqueceu que existe outro mundo fora daquele quarto no fim do corredor – respondeu Miriam com rispidez.

– Então não vão se casar? – perguntou Lilah.

– É claro que não. Essa é a maior besteira que já ouvi na vida. Por que eu iria me casar com Billy?

– Ora, vocês são unha e carne – respondeu Queenie. – E Billy está tão sozinho e triste sem Frances… Vocês estão sempre viajando juntos, mais valia estarem casados. Billy não se casaria com ninguém de fora da família, e você nunca se daria ao trabalho de correr atrás de um estranho.

– Essas são ideias da Sister – falou Elinor.

– Bom, são equivocadas – interveio Miriam. – Não posso falar por Billy…

– Pode, sim – apressou-se a dizer Billy.

– … mas nós nunca pensamos em nos casar, e não é agora que vamos fazer isso.

– Eu sinto falta de Frances – disse Billy. – Mas tenho Lilah para me fazer companhia. Não preciso de outra esposa. E nem *pensaria* em trazer alguma mulher desconhecida para cá.

– Nós não a aceitaríamos, de todo modo – falou Elinor, ríspida.

– Eu sei disso – concordou Billy. – E não vou desistir de vocês só para ter alguém para aquecer meus pés à noite.

Assim, mais uma das análises de Sister foi destroçada, para o alívio da família. Eles nem sabiam exatamente *por que* estavam aliviados, mas estavam. Zaddie retirou os pratos, trouxe o café, mais pratos, mais garfos e, por fim, uma torta de amoras recém-saída do forno com sorvete de pêssego para acompanhar.

Elinor se serviu de café e o passou adiante. Todos falavam de outros assuntos agora, mas Miriam estava imóvel e calada. Ela girava a xícara no pires e corria os olhos pela sala, séria. Por fim, quando a conversa cedeu por alguns instantes, ela levantou a cabeça e comentou:

– Além do mais, Billy e eu nem *poderíamos* nos casar.

– Por que não? – perguntou Queenie, cujo propósito mais ardoroso na vida era dar continuidade a qualquer conversa. – Porque o óbito de Frances ainda não foi declarado oficialmente?

– Não – respondeu Miriam. – Porque eu já estou noiva.

CAPÍTULO 2

Adiamento

Miriam correu os olhos pela mesa.

– Bom, ninguém vai me perguntar quem é o noivo? – indagou após alguns instantes. – Não é *todo dia* que eu decido me casar, ora essa.

Todos à mesa ficaram pasmos. Se não era Billy, então com quem Miriam iria se casar?

– Quem é? – perguntou Queenie, por fim. – Miriam, estamos muito felizes por vocês, seja quem for, mas…

– Mas o quê? – interrompeu Miriam.

– Não fazemos ideia de quem seja – falou Oscar.

Miriam deu de ombros.

– Nem eu mesma sabia. Acabei de decidir. Neste minuto. Já que querem tanto que eu me case, parece que não tenho escolha.

– Já contou ao felizardo? – perguntou Elinor.

– Ainda não. Mas talvez seja melhor contar agora mesmo.

Ela olhou para Malcolm, que estava na extremidade oposta da mesa, em silêncio e com os olhos arregalados durante toda a conversa.

– Malcolm, eu aceito sua proposta. – Então voltou o olhar primeiro para Queenie, que estava ao lado do filho, e depois para Elinor, sentada à cabeceira da mesa. – Qual de vocês duas vai querer organizar a cerimônia?

Queenie agarrou o braço do filho por baixo da toalha de mesa.

– Malcolm! – sibilou ela. – Que ideia é essa de pedir Miriam em casamento?

– É pelo meu dinheiro, Queenie – esclareceu Miriam, impassível. – E porque eu sei mandar nele. E também porque me ama, suponho.

Malcolm precisa de alguém que o mantenha nos eixos, e você não vai estar aqui para sempre. Já é uma mulher de idade.

– Eu sei disso – retrucou Queenie. – Mas por que decidiu aceitar?

– Porque acho que *devo* – respondeu Miriam. – E Malcolm está bem aqui me pedindo em casamento. Além disso, vocês sabem que eu não toleraria ninguém que me causasse *um pingo* de problemas. Malcolm, você vai continuar fazendo exatamente o que eu mandar, não vai? Isso é fundamental.

– Sim, senhora – disse Malcolm, com um sorriso um pouco entusiasmado demais. – Mãe, a senhora está me beliscando!

Queenie largou o braço do filho.

– Queenie e eu vamos organizar a cerimônia juntas – anunciou Elinor, em tom sério. – Miriam, acho que fez uma escolha sábia. Não precisamos de estranhos nesta família.

Enquanto dizia isso, ela colocou a mão com carinho sobre a de Billy Bronze, que estava ao seu lado, como se quisesse tranquilizá-lo de que não pensava *nele* dessa forma.

Sentada junto ao pai do outro lado, Lilah ergueu os olhos para ele e sussurrou:

– Papai, o senhor está decepcionado? – Ela não queria que mais ninguém à mesa ouvisse a pergunta, mas todos ouviram.

Billy riu e enlaçou a filha com o braço.

– Por Deus, não! – exclamou ele. – Já tenho que lidar com Miriam todo santo dia! Acham mesmo que eu iria querer *viver* com ela? Malcolm, espero que saiba onde está se metendo!

Malcolm se limitou a sorrir.

– Vou fazer 40 anos no mês que vem. Miriam faz 37 na primavera. Já está na hora de nos resolvermos.

– Em breve não poderão ter filhos – disse Queenie com um suspiro. – Eu bem que gostaria de ter mais um netinho. Se vocês começassem a tentar logo…

– Não me venha falar de crianças – exigiu Miriam. – Se eu vir um bebê que seja na minha casa, vou usar a cabeça dele como almofada de alfinetes. Malcolm, não deixe Queenie colocar ideias na sua cabeça. *Ninguém* vai me obrigar a viver presa ao papel de mãe.

– Onde você e Miriam pretendem morar, Malcolm? – perguntou

Oscar.

– Não me faça esse tipo de pergunta, Oscar. Acabei de receber a notícia. Se quiser saber algo, pergunte a Miriam.

– Não sei ainda – complementou ela. – Sister não vai muito com a sua cara, e não sei como reagiria se você se mudasse para lá. E sua mãe não gostaria muito de me ter perto. – Queenie fez menção de protestar, mas Miriam a interrompeu: – Não se incomode em dizer nenhuma gentileza, Queenie. Ninguém nesta mesa acreditaria em você.

– Eu não ia convidar você para morar comigo, Miriam. Só queria perguntar se conversou com Sister sobre o assunto.

– Não, não conversei. – Miriam empurrou a cadeira para trás. – Suponho que seja melhor fazer isso agora mesmo. Peça a Zaddie para deixar um pouco de café quente para mim. Não sei quanto tempo vou demorar.



Sister não gostou nada da notícia. Miriam estava sentada em uma cadeira de espaldar reto junto à porta, girando o botão sintonizador do rádio, embora não tivesse ligado o aparelho. Sister a repreendia:

– Achei que você fosse se casar com Billy! Ele é um homem de verdade! Malcolm não presta para nada, nunca prestou, desde quando Queenie pôs os pés em Perdido. Quando o vi pela primeira vez, no funeral da Genevieve, eu disse para mamãe: "Este menino não vai prestar." Ele só não foi parar na cadeia graças a James e Dollie Faye Crawford. Foram você e Billy que o tiraram de trás do balcão daquela churrasqueira no Mississippi. Foi preciso o esforço conjunto de todos os Caskeys para que aquele menino não causasse problemas nos últimos dez anos.

– Malcolm já não é um menino, Sister. Ele vai fazer 40 anos no mês que vem.

– E o que ele conquistou durante esse tempo?

– Ele não precisa ter conquistado nada. Somos todos ricos e capazes de tomar conta dele. Malcolm é muito útil por aqui, sabia?

Faz um monte de coisas que precisam ser feitas. A manutenção do telhado. Vai comprar lâmpadas quando for preciso. Ora, ele esteve aqui na semana passada mesmo, para matar um morcego que tinha descido pela sua chaminé. Você ficou muito feliz em vê-lo.

– Ah, sim, ele é ótimo em matar morcegos – falou Sister, sarcástica. – Mas não sei se isso é um bom motivo para se casar com ele.

– Já conheci muitos homens que *nem para isso* prestavam. Seja como for, não importa qual seja sua opinião, porque já tomei minha decisão.

– Quando ele a pediu em casamento? – perguntou Sister após alguns instantes.

A curiosidade era mais forte do que o desgosto que sentia.

– Na semana passada. No mês passado. No ano passado. Há dez anos Malcolm me pede em casamento. Quando traz a correspondência para mim pela manhã, ele diz: "Bom dia, Miriam. Quer se casar comigo?"

– Então por que de repente resolveu aceitar?

– Porque olhei para minha certidão de nascimento um dia desses, vi como estava velha e pensei: *Chegou a hora, Miriam.* Então entrei aqui e vi como *você* estava velha, Sister.

– Eu estou velha?

Miriam assentiu.

– Daí eu pensei: *Um dia Sister vai morrer e eu vou ficar sozinha.*

Essa observação casual sobre sua mortalidade chocou Sister, que mergulhou em um silêncio horrorizado. Quando ela por fim falou, foi com uma voz débil, desviando do assunto:

– Miriam, pode fazer o *favor* de parar de mexer nesse rádio? Está me deixando maluca.

Miriam largou o botão sintonizador e prosseguiu, olhando pela janela enquanto falava:

– Eu nunca vivi sozinha. Então comecei a pensar em como seria morar nesta casa sem ninguém. E duvido que eu vá gostar. Provavelmente ficaria louca. E sou ocupada demais para perder meu tempo enlouquecendo.

– Então por que não me esperou morrer para se casar? Assim, só precisaria aturar Malcolm quando eu já não estivesse mais aqui.

Miriam riu.

– Ah, Sister, você não me incomoda mais. Nem Malcolm.

– Não quero que Malcolm Strickland more aqui. Os passos dele são pesados demais.

– Então vamos morar na casa de Queenie e deixar você aqui sozinha.

– Não! – exclamou Sister, em um pânico repentino. – Miriam, será que não pode adiar um pouco o casamento?

– Até você morrer?

– Não – respondeu Sister, acalmando-se. – Até eu me acostumar com a ideia, só isso. Não precisa ser muito tempo. Estou confinada a esta cama, mudanças são difíceis para mim. Nem consigo *imaginar* você se casando. Ainda é minha garotinha.

Miriam afastou o olhar da janela e sorriu.

– Do que está rindo? – quis saber Sister.

– De você. Está tentando adiar meu casamento, do mesmo jeito que vovó tentou fazer você adiar seu casamento com Early.

– Mamãe tinha razão! Viu em que enrascada eu me meti? Se eu a tivesse escutado, seria uma mulher feliz hoje! Então me ouça: adie este casamento. Só por um tempo. Até que eu tenha pensado melhor no assunto.

– Não – declarou Miriam calmamente, seguindo em direção à porta. – Eu não vou mudar de ideia, já está decidido.



E assim foi. A capacidade dos Caskeys de surpreender Perdido parecia inesgotável. O anúncio do noivado de Malcolm e Miriam foi motivo de grande espanto na cidade. Antes, havia duas teorias sobre a situação matrimonial de Miriam: metade da cidade acreditava que ela se casaria com Billy Bronze, enquanto a outra acreditava que ela jamais se casaria.

Seu casamento com Malcolm era uma possibilidade que não havia ocorrido a ninguém. A única explicação satisfatória que Perdido

encontrou foi que Malcolm tinha estuprado Miriam e ela havia engravidado.

Miriam não era o tipo de mulher que toleraria longos noivados. Ela anunciou que o casamento seria dois dias depois do Natal, uma data escolhida pelo motivo prático de que sua agenda estaria livre para o feriado e nos poucos dias antes e depois dele.

– Não tenho a menor intenção de telefonar para as pessoas em Houston e em Nova York para remarcar minhas reuniões só porque vou me casar – disse ela à mãe.

Isso deu a Elinor e Queenie apenas dois meses para tratar de tudo, mas elas se dedicaram à tarefa com afinco. O casamento em si, como todas as cerimônias dos Caskeys, seria discreto e privado – marcado para as dez da manhã na sala de estar da casa de Elinor. A recepção seria outra história. Foi Queenie quem deu a ideia de que, para variar, eles dessem uma festa de verdade, "convidando todos de Perdido e das outras cidades", nas palavras dela.

Queenie não nutria esperança de que Miriam aceitasse a sugestão; tinha certeza de que ela preferiria que tudo fosse o mais breve e casual possível. Mas Miriam surpreendeu sua futura sogra:

– Boa ideia. Convide todo mundo.

E *todo mundo* foi convidado. Foram enviados mais de quinhentos convites para a recepção. Miriam era uma mulher de negócios, o que a tornava conhecida no sul do Alabama, no noroeste da Flórida e muito além. Ela tinha um status para manter, e esse status exigia que seu casamento estivesse à altura de sua importância. Era verdade que o noivo estava um tanto aquém das expectativas, mas todos os parceiros de negócios de Miriam já a haviam visto com Malcolm a tiracolo uma vez ou outra. A maioria deles, verdade seja dita, já supunha que Miriam o mantinha por perto por outros motivos além do fato de ele saber trocar uma lâmpada.

Oscar esteve afastado durante quase todo o tempo entre o anúncio do noivado de Miriam e o casamento. Elinor garantiu isso; ela o queria fora do caminho para poder fazer o que precisava ser feito. Sugeriu ao marido que fosse conferir como eram os campos de golfe em Kentucky, e Luvadia permitiu que seu filho Sammy o acompanhasse para carregar os tacos.

Oscar enxergava mal e precisava ter por perto alguém conhecido que fosse paciente com seus problemas de visão. Durante dois meses, Sammy, que tinha apenas 14 anos e estava fora da escola durante esse período, viajou de carro pela Geórgia e pela Carolina do Sul com Oscar, que jogava em country clubs e campos de golfe públicos espalhados por ambos os estados.

Oscar pernoitava em hotéis, trazendo Sammy para seu quarto às escondidas à noite. O rapaz dormia no chão, enrolado nas cobertas. Oscar telefonava para Perdido toda noite, perguntando a Elinor se as coisas tinham se acalmado o suficiente para ele voltar para casa. A resposta dela era a mesma:

– Fique por aí o máximo que puder, querido. Você acabaria pisoteado se voltasse para cá.

Miriam não levantava uma palha para ajudar, e insistia em manter inalterada sua agenda na madeireira. Malcolm, Billy e ela fizeram duas viagens para Houston e uma para Atlanta naquelas oito semanas frenéticas. As medidas para o vestido de casamento foram tiradas no escritório, enquanto ela ditava cartas.

Malcolm, por sua vez, explodia de felicidade. Mal conseguia acreditar na própria sorte. Às vezes se questionava se seria ou não um bom marido, mas então concluía que não tinha com que se preocupar. Miriam faria dele o que bem entendesse. Fortalecido por esse raciocínio, ele se entregou por completo à alegria. Seu relacionamento com Miriam continuava o mesmo, com uma só exceção: quando viajavam com Billy, os dois ficavam no quarto de casal enquanto o cunhado ficava no de solteiro. Antes, era Billy quem sempre compartilhava o quarto com Miriam. Certa vez, Queenie perguntou a ela por que não deixava Malcolm e Billy dividirem um quarto nessas viagens e ficava com outro só para ela. Isso certamente daria uma melhor *impressão*.

Queenie recebeu uma resposta inesperada:

– A verdade é que tenho medo de dormir sozinha. E já sou crescida e rica o suficiente para fazer o que quiser.

Malcolm dormia no mesmo quarto de Miriam, mas não tentava se deitar na cama com ela. Também *nesta* questão seria Miriam quem conduziria seus passos.

Queenie continuava perplexa com aquelas novas circunstâncias, mas se mantinha ocupada. O tempo era tão curto, e havia *tanto* a fazer, que ela mal se dava a oportunidade de refletir. Ainda assim, sempre que parava por alguns instantes, era tomada por dúvidas em relação ao noivado do filho.

Ele não estava se casando com Miriam por dinheiro, disso Queenie tinha certeza. A própria Queenie era rica agora, tendo garantido que Malcolm seria bem recompensado em seu testamento. Por outro lado, não conseguia se convencer de que o filho amava a noiva. Mas talvez amasse, e talvez ela até retribuísse esse amor. Queenie suspirava. Achava tudo aquilo incompreensível.

Era muito mais fácil se preocupar em garantir que os guardanapos fossem impressos a tempo.



No sábado depois do Dia de Ação de Graças, Lucille e Grace organizaram um chá de panela para Miriam, e as mulheres de todas as classes sociais de Perdido aceitaram o convite com prazer.

As duas sempre tinham sido reclusas quando não se tratava da família, e muitos em Perdido nunca haviam visitado a fazenda de Gavin Pond. O lugar estava diferente do que era catorze anos antes. A pequena casa de fazenda à qual Lucille chegara, grávida e apreensiva, fora reformada e ampliada em tantas direções que nem parecia a mesma. Era conectada à estrada principal por uma rua asfaltada, contando também com um pátio de tijolos amplo e uma piscina grande.

Dois acres de floresta tinham sido liberados para dar lugar a um jardim de camélias. Lucille se dedicava a plantar ali algumas das espécies mais raras de que se tinha notícia. Um enorme rebanho de vacas pastava no bosque de nogueiras, e a propriedade ostentava três carros, dois caminhões, dois tratores e cinco barcos diferentes. À noite, o céu ao sul da fazenda de Gavin Pond ficava alaranjado devido às chamas da queima de gás dos poços de petróleo no pântano.

Grace tinha 46 anos e era mais magra do que qualquer Caskey

jamais havia sido. Era curtida de sol, e Lucille a fazia feliz. Lucille tinha 38 anos, era mais gorda do que Queenie, e Grace a fazia feliz. O menino dela, Tommy Lee Burgess, tinha 14 anos. Tímido, meigo e inseguro, era um membro peculiar da família. Ninguém lhe dava muita atenção quando estava por perto, e o esqueciam por completo quando não estava.

Tommy adorava pescar, caçar, dirigir e ficar sozinho. Grace lhe perguntou certa vez se ele por acaso queria ir para a escola militar, onde conviveria com homens, para variar, mas o filho balançou a cabeça, horrorizado, dizendo que não queria ir para lugar algum ou fazer qualquer outra coisa além do que já fazia.

Grace e Lucille construíram para Luvadia a maior cozinha que qualquer pessoa daqueles cantos já tinha visto, e Zaddie e Melva vieram ajudar com a comida para o chá de panela. As mulheres de Perdido chegaram com meia hora de antecedência, na esperança de serem levadas para conhecer a propriedade. Lucille, que tinha orgulho da casa, teve prazer em mostrar tudo. As mulheres ficaram impressionadas, criticando Grace e Lucille em tom de brincadeira por terem mantido aquele lugar maravilhoso em segredo por tanto tempo.

No meio das festividades, Grace disse a Miriam:

– Este lugar começou como um segredo, quando Lucille veio grávida para cá. Então, quando encontramos petróleo, quisemos manter *isso* em segredo durante algum tempo. Daí, Lucille e eu acabamos nos acostumando a viver aqui sozinhas, sem receber ninguém que não fosse da família. Talvez devêssemos começar a chamar mais visitas.

– Deus me livre de ser anfitriã dessa gente – falou Miriam em voz baixa, correndo os olhos pelo grupo de mulheres que atacava a comida à mesa da sala de jantar.

A farsa conduzida por Miriam quando ela se sentou para abrir os presentes superou e muito as atuações das mulheres no jogo de adivinhação que ocorreu mais tarde. Miriam ficou entusiasmada com uma nova calculadora, mas não via tanta utilidade em roupas íntimas cor-de-rosa e pantufas felpudas para usar no banheiro. Mesmo assim, foi tão cortês quanto possível.

Mais tarde, até Elinor chegou a dizer:

– Você poderia ter tornado tudo muito desagradável, mas se conteve.

– Não havia motivo – respondeu Miriam. – Elas estavam sendo simpáticas comigo.

– Às vezes acho que você está amadurecendo.

– A questão é… – disse Miriam com um suspiro. – Como vou me livrar de tanto *lixo*?



Sister não conseguia aceitar o casamento. Não quis ter envolvimento algum com o evento e não podia ouvir falar no assunto. Recusava-se sequer a admitir em voz alta que Miriam iria se casar com Malcolm. Queenie se viu obrigada a abandoná-la naquele período conturbado, o que azedou ainda mais a situação.

Dessa forma, Ivey passava o dia todo com Sister, sentada à cadeira ao lado do rádio, mas não gostava de fofocas. Sister então ficava entediada e irrequieta, olhando pela janela para a casa de Elinor com seus binóculos. Mas tudo o que via era Zaddie ou Elinor passarem de vez em quando pela janela.

Ivey não trazia nenhuma notícia da casa ao lado, pois continuava brigada com Zaddie e as duas não se falavam. Ninguém conseguira descobrir o motivo daquela frieza entre as irmãs, pois era um assunto que nem uma nem outra jamais comentava.

Em uma gaveta da mesa de cabeceira, Sister mantinha um calendário em que marcava os dias que faltavam até o Natal. Estava de tal forma obcecada com aquela contagem decrescente que Ivey ficou preocupada. Ela começou a importunar Sister com bebidas doces servidas de garrafas azuis sem rótulo, mas essas panaceias não ajudavam. Sister ficou mais fraca, embora mais raivosa. A cada manhã, parecia se afundar ainda mais em sua fortaleza de travesseiros de penas de ganso.

Cerca de dez dias antes do casamento, Miriam teve que fazer uma

viagem inesperada e inadiável a Nova Orleans. Quando voltou à hora do jantar, dois dias depois, Ivey estava à sua espera na porta de tela.

– A Sra. Caskey está doente – limitou-se a dizer. – Quer falar com a senhora.

Quando subiu, Miriam ficou chocada com a aparência de Sister.

– Você está mesmo doente – falou ela, sem rodeios. – Acho que nunca vi ninguém tão abatido.

Sister mal parecia capaz de abrir os olhos. Sua cabeça caía para a frente, mole; as mãos enroscadas, repousadas inertes sobre a manta bem dobrada. Dava a impressão de que não se movia havia dias, uma marionete frágil cujos fios tivessem sido cortados.

– Adie – sussurrou ela, quase sem mover os lábios.

Miriam se aproximou da cama.

– Adie – repetiu Sister, tão baixo quanto antes.

– Não – falou Miriam, enfim compreendendo a ordem enigmática. – Para começar, Elinor e Queenie já tiveram um trabalho enorme. Além disso, é tarde demais. E, por último, eu quero ir até o fim.

A cabeça de Sister pendeu para um lado.

– Eu vou morrer – sussurrou ela.

Sua cabeça pendeu para o lado oposto, os olhos se fechando durante o movimento. Miriam se sentou à beirada da cama. Estava escuro lá fora, uma lâmpada solitária acesa na mesa de cabeceira. Miriam segurou a mão de Sister.

– Sister – disse ela, sua voz firme –, mesmo que acreditasse nisso, eu iria até o fim.

Sister abriu os olhos devagar, fitando Miriam através das lágrimas.

– Você quer me ver morta, não quer?

– Sister – insistiu Miriam, tomando a outra mão dela e pressionando-a de leve contra o peito da tia –, você está se transformando na vovó.

– Nãão… – protestou Sister no que mais parecia uma lenta expiração.

– Está, sim. Isso não passa de um truque para me fazer adiar o casamento. Do mesmo jeito que a vovó teria feito. Mas você não é a vovó. E eu não sou você, tampouco sou Oscar. Não sou sequer eu mesma quando era jovem. Ninguém vai me obrigar; nem a isso nem a

nada. Você acha que vai conseguir me fazer adiar o casamento com esse golpe baixo?

– Não é um golpe…

– Se é ou não, não me interessa – prosseguiu Miriam. – Se está mesmo doente, sinto muito, mas não faz diferença. Não vou deixar que faça. Então é melhor ficar boa, Sister, porque 437 pessoas virão a esta casa para me dar os parabéns no sábado que vem e não quero que fique incomodada com o barulho.

Miriam soltou as mãos de Sister, então se levantou, saiu pela porta e desceu o corredor até o próprio quarto para desfazer as malas.

– Adie – sussurrou Sister alguns instantes depois, sem perceber que Miriam já não estava mais ali.

CAPÍTULO 3

A festa de casamento

A saúde de Sister continuou a mesma na semana anterior ao casamento. Quando Oscar voltou, ficou chocado ao vê-la em um estado de tamanha fraqueza e devaneio.

O Natal chegou e, depois que os presentes foram abertos pela manhã na casa de Elinor, todos foram até a casa de Sister para lhe dar os presentes, juntando-se no corredor em frente ao seu quarto e entrando um de cada vez.

Sister dava um sorriso fraco, mas nem sempre era capaz de abrir os olhos. Lilah se sentou à beirada da cama e pôs uma caixa embrulhada na mão da tia-avó que estava voltada para cima. Com um dos dedos, a mulher puxou o laço brevemente, mas então Lilah teve que abrir o embrulho. Era o pó de rosas preferido de Sister, que cheirava a flores mortas.

– Obrigada, minha filha – sussurrou Sister, pestanejando por um instante para abrir os olhos marejados.

Ninguém, nem mesmo Elinor, ousou sugerir que o casamento fosse adiado devido à doença de Sister. Miriam vinha exibindo uma boa-fé incomum em relação aos preparativos para a cerimônia, concordando com cada sugestão de Elinor ou Queenie, mas ninguém sabia como ela reagiria se lhe pedissem para adiar o casamento. Poderia simplesmente se recusar a fazê-lo, arrastando o filho de Queenie até um juiz de paz e decidindo nunca mais voltar para casa. Ela certamente jamais voltaria a pôr os pés no quarto de Sister.

– E Miriam teria razão – disse Oscar, com um suspiro, por mais abalado que estivesse pela piora da doença da irmã. – Eu me lembro de quanto adiei meu casamento para agradar mamãe, o que só nos causou problemas.

Elinor não o contrariou, e o casamento continuou agendado para sábado.

Na véspera de Natal, trabalhadores da madeireira foram erguer tendas vazadas nas laterais dos quintais das três casas dos Caskeys, usando os troncos altos e estreitos dos carvalhos-aquáticos para amarrá-las. As tendas de lona se estendiam das varandas traseiras das casas até o dique. Um palco foi erguido à beira da floresta, onde uma pequena orquestra de Mobile se apresentaria. Malcolm ficou encarregado das cadeiras e mesas, que foi buscar em igrejas, arsenais e associações de veteranos de guerra de todo o condado. Esses preparativos geraram muito interesse em Perdido.

Carros desaceleravam nos dois sentidos em frente à casa durante todo o dia; crianças ficavam empoleiradas na cerca ao redor do pomar do outro lado da estrada, trajando roupas natalinas e mostrando seus novos brinquedos umas às outras enquanto assistiam à montagem.

Durante todo esse processo, Oscar sentia apenas que estava atrapalhando. O único lugar em que não se sentia *inconveniente* era com Sister. Assim, ia à casa da irmã para conversar sobre os velhos tempos. Sister nem sempre respondia às longas histórias e reminiscências do irmão, e raramente em uma voz alta o suficiente para que ele compreendesse. Quando entendia, Oscar se remexia na cadeira com desconforto, pois era como se Sister não tivesse ouvido uma só palavra que ele dissera. Mesmo assim, o irmão voltava a se sentar ali. Segurava a mão de Sister e falava sobre quando os dois eram crianças naquela casa com Mary-Love.

– E, Sister, sabe de uma coisa? Você está cada vez mais parecida com ela.

Nem todas as cozinheiras dos Caskeys, mesmo que trabalhassem juntas por semanas, teriam conseguido preparar a comida para a multidão de pessoas que era esperada, de modo que os serviços começaram a chegar logo após o raiar do dia de sábado.

O dia estava nublado e escuro, embora fizesse calor. Os fornecedores de comida estavam preocupados com a chuva, mas não os Caskeys. Elinor havia declarado, de forma sucinta mas taxativa:

– Não vai chover hoje.

Às nove da manhã, Elinor e Queenie, já arrumadas, foram à casa de Miriam para ajudar a noiva a pôr seu vestido. Encontraram-na lutando para entrar na roupa sem nenhuma cerimônia ou emoção.

– Ai! Maldição! Droga! – exclamava Miriam, irritada. – Será que ninguém sabe que é preciso tirar os alfinetes?

Em quinze minutos ela já estava pronta e não tinha mais nada a fazer além de sentar e esperar até as dez horas. Ficou parada junto à janela, batendo com o buquê na palma da mão e vez por outra cumprimentando algum dos trabalhadores que passavam lá embaixo. Queenie foi para casa para se certificar de que Malcolm havia dado o nó da gravata direito. Lucille e Grace chegaram, beijaram Miriam e disseram:

– Você está cometendo um erro terrível ao se casar com um homem. Mas torcemos para que seja a mulher mais feliz do mundo.

Poucos minutos antes da hora de ir para a casa ao lado, Elinor se levantou e fechou a porta, então atravessou de volta o quarto e parou diante da filha. Miriam e ela estavam sozinhas.

– O que foi? – perguntou Miriam, impaciente. – Meu zíper está aberto?

– Você está linda – falou Elinor, baixinho. – Só queria perguntar como você e Malcolm vão fazer em relação à aliança.

Miriam riu e apontou para a penteadeira no canto do quarto.

– Vá perguntar a Lilah se eu não tenho uma caixa inteira de anéis no fundo daquela gaveta ali, isso sem falar nos meus cofres. Peguei um deles e dei para Malcolm. Não vejo motivo em gastar dinheiro quando já tenho tantos.

– Miriam, eu ainda não lhe dei nada, não é mesmo?

– Você organizou toda a cerimônia – falou Miriam, indicando a janela com um gesto amplo. Lá embaixo, tendas listradas e uma dúzia de criadas e homens contratados; o retinir de garrafas e um burburinho de ordens flutuando pelo ar em direção às duas mulheres. – Eu não conseguiria ter feito nada disso.

– Mesmo assim, tenho algo para você.

– O quê? – perguntou Miriam, desconfiada.

– Isto – falou Elinor, pegando no bolso um anel de diamantes.

A pedra solitária era turva porém grande, com quase três quilates,

engastada em uma base de ouro quadrangular. Miriam o pegou devagar, correndo os dedos pelas facetas da joia e erguendo os olhos de volta para Elinor.

– Este anel era da vovó – declarou Miriam, devagar. – Você o tirou quando ela estava estirada no caixão. Antes de mim.

– Isso mesmo.

– Nunca perdoei você por isso.

– Eu sei – disse Elinor.

– Pouco importa se foi você quem me disse que havia petróleo debaixo da fazenda de Gavin Pond, ou que você nunca tentou interferir na minha administração da madeireira, ou que você manteve esta família unida, deixando todos felizes… eu nunca a perdoei por ter pegado este anel.

Elinor ficou calada.

– Suponho que esteja querendo que eu a perdoe agora.

– Não. Mas o certo é que fique com o anel, agora que vai se casar.

Miriam olhou pela janela.

– Está quase na hora. Tenho que falar com Sister.

Ela pôs o anel no dedo, levantou-se e saiu do quarto, deixando a mãe sozinha.

Miriam estava parada ao lado da cama de Sister, segurando o buquê diante da mulher acamada. Foi o cheiro daquelas flores frescas, tão pungente no quarto que fazia anos cheirava apenas a pétalas mortas, que fez Sister abrir os olhos.

– Sister – chamou Miriam. – Estou indo para a casa de Elinor. Malcolm e eu vamos nos casar.

Sister tentou virar a cabeça, mas não teve forças. Seus olhos tornaram a se fechar.

– Vamos passar a tarde nos preparando para a recepção à noite, e depois Malcolm e eu vamos a Nova Orleans para nossa lua de mel. Iríamos para Nova York, mas tenho negócios a tratar, então mudamos os planos. Malcolm diz que podemos ir para qualquer lugar que eu

queira e que podemos ficar bem aqui se não quiser ir a lugar nenhum. Queenie vai cuidar de você enquanto eu estiver fora, como sempre. Quando voltarmos, Malcolm se mudará para cá. Ainda não decidi se vou pô-lo no meu quarto ou no quarto da outra ponta do corredor. Mas isso não faz diferença para você, já que nunca sai daqui mesmo. Não precisa se preocupar com Malcolm, pois já disse a ele para deixar você em paz e se manter afastado se não for chamado. Ele também já comprou três pares de sapatos novos com solas macias, então não vai fazer barulho pela casa.

Nenhum movimento por parte de Sister pareceu indicar que ela houvesse ouvido uma só palavra do que Miriam lhe dissera.

– Elinor acabou de me dar o anel da vovó, Sister. Achei que o tivesse perdido para sempre. Ele é maior do que eu me lembrava, mas a pedra tem defeitos.

Sister continuou imóvel, suas mãos inertes sobre a manta.

Miriam se virou de repente e arrastou uma cadeira até a beirada da cama. Jogou o buquê de lado. Sentou-se à cadeira e se inclinou para a frente, agarrando as mãos de Sister e apertando-as com força.

– Sua bênção! – sibilou. – Me dê sua bênção, Sister!

A idosa abriu os olhos devagar e, ainda mais devagar, balançou a cabeça.

A cerimônia transcorreu de forma pacífica e ligeira. Ruthie Driver a celebrou. Como todos previram, Ruthie seguiu os passos da mãe, Annie Bell.

Quando Annie Bell morreu, Ruthie assumiu a congregação da Igreja Batista da Graça de Sião como pastora. Já era casada, embora a maioria das pessoas tivesse dificuldade em recordar o nome de seu marido. Os noivos não frequentavam a igreja de Ruthie, mas Miriam disse que se sentiria mais confortável com uma juíza de paz. Billy Bronze foi o padrinho de Malcolm, enquanto Lilah foi a dama de honra. Tommy Lee passou o braço em volta dos ombros de Queenie, que subiam e desciam ao ritmo dos seus soluços. A única música que

se ouvia era a das marteladas de última hora de um carpinteiro do lado de fora.

– Muito bem – disse Miriam, assim que Ruthie proferiu *Amém* em sua oração –, vamos começar o espetáculo.

Todos se apressaram a voltar para casa para vestir roupas mais confortáveis e reapareceram alguns minutos depois, prontos para ajudar com os preparativos finais para a recepção mais à noite. Oscar subiu até o quarto de Sister, onde ficou ouvindo uma partida de futebol americano pelo rádio. Elinor e Queenie pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Havia tanto a fazer e tantas orientações a dar que, pela primeira vez em mais de dez anos, Ivey e Zaddie se viram falando uma com a outra.

Grace e Lucille definiam de forma sistemática tarefas para si próprias, executando-as com serenidade. Organizaram mesas para o ponche e buscaram as toalhas de mesa mais adequadas, desembrulhando e lavando todas as centenas e centenas de taças de vidro lapidado de James destinadas à bebida. Até Lilah estava ocupada, dando ordens a homens bem mais velhos do que ela e se sentindo muito importante com isso.

Miriam zanzava por todos os cantos com Malcolm mais ou menos a reboque, trocando palavras com o pessoal do bufê, as criadas e os trabalhadores da madeireira, sem se preocupar em ajudar com nada, mas claramente se divertindo bastante.

– Que alívio tirar aquele raio de vestido – disse várias vezes. Trazia o anel de diamante de Mary-Love no dedo, embora evitasse falar com a mãe.

Por volta das quatro da tarde, estava tudo pronto. Lilah subiu correndo as escadas da casa de Sister e disse a Oscar:

– Vovô, vovó disse que está na hora de ir para casa se vestir. Os convidados vão chegar a qualquer momento.

Oscar se levantou, foi para o lado de Sister e disse:

– Sister, está incomodada com tudo isto? Vai ficar incomodada de ter tanta gente por aqui?

Sister não respondeu, mas Oscar sentiu os dedos da irmã pressionarem de forma muito tênue a palma da sua mão. Não fazia ideia de como interpretar aquilo.

Os primeiros convidados chegaram meia hora mais cedo, o que já era esperado. Era impossível para aqueles que vinham de longas distâncias sincronizar de forma exata sua chegada. A casa inteira de Queenie fora organizada para servir como área de descanso para os homens, enquanto a de Miriam havia ficado para as mulheres. Elinor, Oscar e Queenie, como pais dos recém-casados, receberam os convidados nos cômodos formais da casa de Elinor.

Miriam usava um vestido de seda verde, com o solitário de Mary-Love como única joia, sua aliança simples e um só bracelete de esmeraldas. Malcolm, que se acostumara a usar terno, parecia sereno em seu novo papel de marido da herdeira. Os convidados concordavam que ele não era o homem mais brilhante do mundo, nem o marido com que *toda mulher* sonhava e que sem dúvida a esposa faria dele gato e sapato; mas também concordavam que, no geral, ele se encaixava na função para a qual Miriam o havia preparado. Ninguém ficou surpreso quando ela mandou que ele enchesse sua taça de ponche, lhe trouxesse três *petits fours* do tipo que ela mais gostava e perguntasse a Elinor se o homem da Texas National Oil já tinha chegado. Era exatamente assim que o tratava antes do casamento, e todos supunham que as coisas continuariam as mesmas.

O jantar foi servido do lado de fora. As tendas de lona listradas ondulavam e se espichavam ao sabor do vento. Sob os troncos dos carvalhos-aquáticos, elas pareciam colunas finas, curvadas de forma grotesca. A areia entrava nos sapatos de todos, mas as centenas de luzes amarelas ofereciam uma iluminação quente e lisonjeira; pela primeira vez, o cheiro do Perdido, que corria logo atrás do dique, era doce, como se tivesse se perfumado especialmente para a ocasião.

Foi com enorme prazer que Perdido recebeu aquela festa grandiosa. Miriam não fizera muitas exigências em relação aos preparativos, mas havia decretado que todos os trabalhadores da madeireira deveriam receber um convite. Assim, cada um deles, acompanhados de suas esposas, estava ali; a maioria tendo comprado roupas novas para a ocasião.

Miriam conhecia todos pelo nome. Na fila para recebê-los, Oscar ficou chocado ao perceber que não se lembrava de tantos deles ou que sequer os conhecera. Convidados chegavam do sul do Alabama e

do oeste da Flórida, em caravanas de carros vindas de Mobile, Montgomery e Pensacola. Homens de petrolíferas e madeireiras vieram de avião de Nova York, Atlanta, Nova Orleans e Houston. Havia até uma tenda auxiliar montada atrás da casa de Queenie para a população negra de Perdido.

Depois que o jantar foi servido, os trabalhadores da madeireira tiraram o paletó e afastaram rapidamente todas as mesas e cadeiras. Enquanto isso, a orquestra afinou os instrumentos e começou a tocar. Sammy Sapp e um exército de meninas e meninos negros tornaram a passar o ancinho na areia em preparação para a dança.

Às nove da noite, Miriam declarou que a música continuaria a tocar até o último casal não se aguentar mais de pé. Miriam e Malcolm foram os primeiros a dançar, recebendo aplausos e vivas por sua habilidade. Elinor e Queenie trocaram olhares orgulhosos, porém intrigados. Nenhuma das duas poderia ter imaginado que *aqueles* dois fariam uma apresentação tão convincente.

Oscar pediu a vez e se pôs a dançar com Miriam. Malcolm fez uma mesura diante de Elinor, conduzindo-a para a pista de areia. Logo em seguida, todos dançavam, mais de mil pessoas valsando na areia entre os carvalhos-aquáticos.

Os habitantes de longa data de Perdido ficaram impressionados não com o esplendor do evento, pois os Caskeys eram extremamente ricos e podiam arcar com tudo aquilo e muito mais, mas com o fato de nem sequer ter havido uma festa. Ninguém se lembrava de ter visto um dos Caskeys se casar com qualquer tipo de comemoração. Os casamentos da família sempre foram simples, e até um tanto nebulosos. O fato de Miriam ter desejado, ou até permitido, uma despesa daquele porte era talvez a coisa mais surpreendente que Perdido veria em um bom tempo.



Como a casa de Miriam tinha sido reservada para as mulheres, durante toda a noite houve um movimento constante de pessoas entrando e saindo pela porta da frente, pela porta dos fundos,

subindo e descendo as escadas, entrando e saindo do quarto de Miriam, dos dois quartos de hóspedes e dos dois banheiros.

Antes de a festa começar de fato, Queenie subira para se sentar com Sister por alguns minutos, ficando com a impressão de que a mulher estava mais pálida e apática do que nunca. Queenie também havia designado a filha de 10 anos de Luvadia, Versie, como uma espécie de guarda para Sister, dando à criança instruções firmes para que não abrisse a porta a nenhum convidado.

Mas Versie era uma pequena menina negra do interior, e não era páreo para as mulheres de Perdido, que sabiam que o quarto de Sister ficava naquela ponta do corredor. Essas mesmas mulheres não tardaram a aproveitar aquela oportunidade única de bisbilhotar e falar com ela, que não era vista nas ruas de Perdido havia mais de dez anos.

A princípio, entraram uma a uma, ignorando Versie e se sentando ao lado da cama por alguns instantes, pondo-se a tagarelar com Sister, lamentando sua doença e, por fim, ficando constrangidas quando se tornou claro que Sister não ofereceria nenhuma resposta. Logo passou a ser impossível fechar a porta, com as mulheres de Perdido entrando aos bandos no quarto para cercar a cama de Sister. Visitado tão poucas vezes na última década, o quarto se tornou uma confusão de sedas e lãs, pó de arroz e perfumes, algazarra e risos. Sister permanecia imóvel, apoiada em sua muralha de travesseiros de pena de ganso, as mãos viradas para cima e enroscadas sobre a manta dobrada com esmero.

Versie ficou tão desmoralizada diante de sua incapacidade de impedir a entrada daquelas mulheres que acabou por desistir. Foi embora às escondidas, desceu as escadas e saiu pela porta dos fundos, seguindo para a tenda reservada às pessoas negras. Escondeu-se em um canto nas sombras, onde bebeu ponche e comeu frango até não aguentar mais. Só foi descoberta uma hora depois por Oscar, quando sua visão cada vez pior o fez tropeçar na menina a caminho do banheiro na casa de Queenie.

– Quem está aí? – perguntou ele.

– É a Versie, Sr. Oscar – respondeu a criança, assustada.

– Versie, da Luvadia?

– Sim, senhor.

– O que está fazendo aqui? Queenie me disse que tinha posto você lá em cima com Sister.

– Ela pôs, Sr. Oscar – respondeu Versie, apavorada por ter sido flagrada descumprindo ordens. – Mas aquelas senhoras todas lá em cima acabaram me expulsando!

– O quê?! – exclamou Oscar. – Quer dizer que deixou as pessoas entrarem naquele quarto?

– Não consegui impedir, senhor!

– Versie, vá buscar Queenie! Leve-a lá para cima e expulse aquelas mulheres, está me entendendo? *Agora mesmo!*

Depois de ir ao banheiro, Oscar foi para a casa de Miriam. As mulheres gritaram e riram ao verem um homem à sua volta, mas Oscar não lhes deu atenção. Subiu a passos firmes as escadas e desceu o corredor até o quarto de Sister. Era óbvio que Versie ainda não tinha encontrado Queenie (ou talvez a menina estivesse com tanto medo de que Queenie descobrisse o que ela havia feito que nem sequer fora atrás dela), pois o quarto continuava cheio de mulheres. Elas estavam sentadas nas cadeiras, recostadas nos móveis, empoleiradas no peitoril da janela e na beirada da cama. Em meio a todas, estava Sister, silenciosa e inerte.

– Fora! – gritou Oscar a plenos pulmões. – Todas para fora!

As mulheres protestaram com fervor, pois o tom de Oscar foi rude e categórico. Oscar, no entanto, não disse mais nada. Simplesmente agarrou o braço da mulher mais próxima, esposa de um dos novos médicos da cidade, empurrando-a de forma não muito gentil porta afora.

– Ora essa! – exclamou ela, virando-se para reclamar, mas Oscar já havia agarrado uma segunda mulher, a esposa do contador da madeireira, empurrando as duas em direção ao corredor.

Então, Oscar pôs as mãos em uma terceira, enquanto repetia sem parar:

– Fora! Fora! Todas para fora!

Vendo que ele estava falando sério, as mulheres debandaram. Poucos segundos depois, o quarto estava desocupado. Oscar fechou a

porta com força e cerrou as cortinas. Sister e ele ficaram a sós. Oscar puxou uma cadeira mais para perto da cama.

– Sister, está com os olhos abertos? Está tão escuro aqui, mal consigo enxergar.

Até onde Oscar pôde notar, Sister não fez nenhum movimento.

– Eu expulsei todas elas. Queenie não devia ter deixado Versie aqui. Aquela criança é pequena demais para guardar uma porta. Mas não se preocupe! Vou ficar sentado aqui com você. E ninguém mais vai entrar neste quarto, não enquanto eu estiver do seu lado.

Então, enquanto esperava por Queenie, Oscar se recostou na cadeira e contou a Sister sobre a recepção. Falou sobre quantas pessoas tinham ido, quem havia dito o quê, como Miriam estivera bonita e Malcolm, elegante. Ainda ouvia a orquestra tocar do palco à beira da floresta. Quando sabia a letra de uma música, ele a cantarolava por alguns instantes, sorria para Sister e ajeitava as cobertas da irmã. Passado algum tempo, no entanto, Oscar ficou sério e falou:

– Vou dizer algo que não quer ouvir, Sister, mas que precisa ser dito. Você não tratou Miriam nada bem em relação a tudo isso. Ela sempre foi boa para você. Não merecia ser tratada assim. Miriam pode ser dura, mas duvido que exista na face da Terra alguém tão leal quanto ela. Você a tratou mal, sabendo que a Miriam faria tudo por você. Tem agido exatamente como mamãe agiria. Isso é inquestionável, e me corta o coração ver isso acontecer. Mesmo assim, não é tarde demais para mudar. Afinal, quando Miriam e Malcolm voltarem de Nova Orleans, eles vão estar bem ali na outra ponta do corredor. Você vai ter vinte oportunidades por dia para ser simpática com eles. E sei que consegue. É só se esforçar um pouco. Não posso falar por Miriam, se ela ama Malcolm ou não; e não posso falar por Malcolm, se ele ama Miriam ou não. Mas parece que sim, apesar de tudo o que qualquer um de nós já tenha pensado sobre os dois. E eles merecem todas as chances do mundo de serem felizes. Eu nunca disse isso, Sister, nem para a Elinor, mas, quando você e mamãe tiraram Miriam de Elinor e de mim, eu fiquei magoado, muito magoado. Tive que vê-la crescer aqui nesta casa, sabendo que ela era minha, sabendo que havia sido roubada de mim e que nunca pertenceria a mim de

novo. Fiquei tão ferido que nem Frances me serviu de consolo. Billy também não me serve de consolo, nem Lilah. Quando tiraram Miriam de mim, foi uma perda que até hoje não superei. Então, você tem uma obrigação, e essa obrigação é *comigo*, de garantir que minha garotinha, a que tomou de mim tantos anos atrás, seja feliz. Vai fazer isso, Sister?

Ele se inclinou e agarrou a mão de Sister sobre a manta, mas elas já estavam frias e rígidas.

CAPÍTULO 4

A solidão de Queenie

Versie por fim encontrou Queenie no tumulto da recepção e lhe disse que o Sr. Oscar queria que ela subisse até o quarto de Sister. Queenie não parou sequer para descobrir por que a menina tremia tanto. Foi correndo até a casa de Miriam e galgou as escadas, passando por mulheres que reclamavam sobre como tinham sido destratadas por Oscar.

Queenie tentou abrir a porta do quarto, mas parecia estar trancada. Pôs-se a esmurrá-la.

– Oscar! – chamou. – É você que está aí dentro com Sister?

Passado um instante, ela ouviu a voz baixa de Oscar do outro lado:

– Vá embora, Queenie. Sister e eu estamos conversando.

– Vocês estão bem?

– Sim, tudo bem.

Ele destrancou a porta e abriu uma fresta. Queenie meteu a cabeça para dentro e olhou para além de Oscar, em direção à cama. Sister estava ali, imóvel e em silêncio.

– Bem – sussurrou Queenie –, que bom que está aqui para lhe fazer companhia. Com certeza esse barulho todo deve estar enlouquecendo ela.

– Queenie, ouça. Eu vou ficar aqui em cima conversando com Sister, mas preciso que faça algumas coisas para mim.

Queenie ficou intrigada com o tom de urgência na voz de Oscar, mas concordou sem questionar.

– Veja se encontra Ivey, Zaddie ou Luvadia. Traga uma delas para cá. Então peça para Elinor subir. Acima de tudo, diga a Malcolm que ele e Miriam *não devem* partir para Nova Orleans antes de virem falar

comigo. E que não devem ir até que o último desses malditos convidados tenha partido.

Oscar começou a fechar a porta, mas Queenie encaixou o pé na fresta e a puxou um pouco de volta. Espreitou pela abertura, olhando para Sister, que continuava na cama. Olhou de volta para Oscar e disse, por fim:

– Está bem, Oscar.



Zaddie e Ivey chegaram ao quarto de Sister e foram instaladas em cadeiras dispostas uma de cada lado da porta pelo restante daquela noite. Nenhuma das mulheres de Perdido chegou perto o suficiente para sequer bater.

Elinor chegou, entrou no quarto e saiu poucos minutos depois. Em seguida, Grace e Lucille fizeram o mesmo. Billy foi o próximo, ficando ali com Oscar. Boatos começaram a circular de que Sister estava possessa e fora de controle, e que os Caskeys tentavam desesperadamente dissuadi-la de chamar um advogado e deserdar Miriam. As pessoas olhavam de lado para Miriam, perguntando-se por que ela não subia para tentar acalmar a tia, demonstrando efusivamente que seu amor por ela continuava o mesmo.

A recepção começou a perder fôlego. Por volta da uma e meia da manhã, os últimos convidados já haviam saído para tentar encontrar seus carros. A orquestra e os funcionários juntaram suas coisas e voltaram para Mobile e Pensacola, as tendas de lona listradas ficaram murchas sob o ar noturno. O velho cheiro pungente do Perdido estava de volta, tomando conta de todo o ambiente, e os detritos da festa (a maior comemoração que Perdido já vira) pareciam tristes e desoladores.

Miriam e Malcolm foram levados até o andar de cima por Queenie, atravessando o estrago causado pelas mulheres de Perdido. Passaram por Lucille, Grace e Tommy, sentados lado a lado à beirada da cama de Malcolm e fitando o corredor com uma expressão morosa; por Billy, parado à porta do quarto de hóspedes com o braço

em volta de Lilah. Quando viu o trio passar, Billy agarrou a mão de Malcolm e o puxou para o lado. Queenie e Miriam entraram sozinhas. Elas passaram entre Ivey e Zaddie e entraram no quarto de Sister. Oscar e Elinor estavam sentados em lados opostos da cama, enquanto Sister, recostada à paliçada de travesseiros com as mãos enroscadas e voltadas para cima sobre a manta bem dobrada, jazia fria e indiscutivelmente morta.



Miriam e Malcolm não saíram em lua de mel para Nova Orleans. Foi anunciado no dia seguinte que Sister havia morrido na calada da noite. Perdido soube que a expectativa pelo casamento de Miriam, bem como a recepção suntuosa, tinha servido para manter Sister viva por ninguém sabia quantos meses. Sister morreu como uma mulher feliz, com toda a família ao seu lado. Foi enterrada em 29 de dezembro, no jazigo dos Caskeys no cemitério de Perdido, entre James e Mary-Love.

Quando chegou em casa do funeral, mesmo antes de retirar o chapéu velado, Miriam marchou corredor abaixo. Sem ao menos olhar para dentro, ela puxou a porta do quarto de Sister, fechando-a. Tirando uma chave do bolso, trancou-a. Então, largou a chave no chão e a chutou para dentro do quarto pela fresta.



No dia 2 de janeiro de 1959, Miriam foi a Nova Orleans. Era uma viagem de negócios, mas, para não parecer que Malcolm e ela estavam em lua de mel tão próximo da morte de Sister, ele ficou em Perdido. Foi Billy quem a acompanhou, nessa ocasião.



Ivey largou o serviço. Em suas palavras, permanecera até então porque Sister não conseguia viver sem ela. Mas seus pés doíam e sua memória estava ruim. Além disso, sentia-se sozinha sem Bray. Tudo o que queria era ficar em casa, ouvindo o rádio. Ivey não tinha dinheiro, mas estava tão confiante de que os Caskeys cuidariam dela que nem sequer se deu ao trabalho de mencionar suas necessidades quando falou com Miriam.

E tinha razão. Miriam passou em sua casa humilde na Baixada dos Batistas na semana seguinte, sob o pretexto de pedir uma receita de milho frito para Melva. O verdadeiro motivo da visita, no entanto, foi enfiar discretamente um cheque vultoso debaixo da toalha de mesa.



Servidos por Melva, Miriam e Malcolm ficaram na casa. Sem Sister e Ivey, ela parecia ter perdido parte considerável de seu vigor. Miriam cedeu a Malcolm o quarto que ficava logo na outra ponta do corredor, também na frente da casa. Mas Malcolm o usava apenas para guardar suas roupas e alguns itens pessoais. Ele dormia com Miriam. Em questão de uma semana, Miriam declarou que não sabia por que não tinha se casado antes. Dormir com um homem certamente era muito mais divertido do que dormir sozinha.

– Mas não sei como vai ser no verão. Imagino que teremos que pôr um ar-condicionado aqui.

Quando o testamento de Sister foi legitimado, no fim da primavera de 1959, descobriu-se que, com exceção de uma herança considerável para Ivey Sapp, todas as propriedades, terras, ações e dinheiro de Sister haviam sido deixados para Miriam. Agora, Miriam e Malcolm eram mais ricos do que nunca. Isso não pareceu fazer diferença para ela, e Malcolm não tinha noção de dinheiro para além do que ela explicara a ele:

– Malcolm, você e eu temos mais dinheiro do que conseguiríamos gastar em mil anos.

Queenie parecia ser a mais afetada pela morte de Sister. Isso não causou surpresa, pois havia dez anos que a vida dela girava em torno da mulher doente. Quando não estava cuidando de Sister, Queenie lhe fazia companhia, agindo como seus olhos e ouvidos, suportando a maior parte de suas afrontas – o que a fez desenvolver níveis extraordinários de paciência e humildade.

Todas as mortes são repentinas, por mais graduais que sejam. Sister passara mais de onze anos deitada naquela cama, com seus cinco colchões e dez travesseiros, um padrão inexorável e inalterado ao longo dos dias e anos. Pouco a pouco, as oscilações desse pêndulo se tornaram mais fracas, mas Queenie mal havia notado a diminuição das forças de Sister. Para ela, a interrupção daquele pêndulo foi como um golpe brusco. Queenie saíra do funeral se perguntando o que faria dali em diante.

Malcolm também a havia deixado. Estivera ao seu lado durante um bom tempo, preenchendo o lar reduzido de Queenie. Agora que o filho estava na casa de Miriam, já não queria saber dela para quase nada. Sempre que Queenie saía de casa, seus pés pareciam se voltar para o lar de Miriam. Nas raras ocasiões em que ia à casa da nora, via-se andando em direção às escadas que havia subido tantas vezes. Na única ocasião em que esteve no andar de cima de novo, não conseguiu evitar ir até o fim do corredor para tentar abrir a porta do quarto de Sister. Estava trancada, e Miriam dizia ter perdido a chave.

Assim, Queenie ficou sozinha na casa de James. Como costumava fazer as refeições nas casas de Elinor ou de Sister, sequer tinha uma cozinheira. Uma jovem aparecia três vezes por semana para a limpeza, enquanto outra ia duas vezes para lavar as roupas. Mas não eram dos Sapps, então Queenie nunca se afeiçoara a elas.

Elinor a convidou para morar com eles, mas Queenie recusou: quatro pessoas em uma casa eram o suficiente. Lucille e Grace ofereceram uma estadia sem prazo na fazenda de Gavin Pond, mas Queenie também rejeitou a oferta: nunca tinha morado no interior e era velha demais para mudar de vida. Teria se mudado para a casa de

Sister no mesmo instante, mas Miriam e Malcolm não a convidaram. Queenie chegou a sugerir isso ao filho, mas ele respondeu:

– Mamãe, já pedi a Miriam para convidar a senhora, porque tenho saudades de você, mas ela disse que não.

– *Por que* Miriam disse que não?

– Sua presença na casa a faz lembrar demais de Sister. É por isso que nunca sequer convida a senhora a ir lá em casa. Miriam não fala muito, mamãe, mas acho que sente muita falta de Sister.

Disso, Queenie não discordou.

Quando estava em casa, o que era a maior parte do tempo, Queenie ficava sentada em seu quarto ou na varanda da frente, esperando algum membro da família passar para tentar convencê-lo a convidá-la a ir para algum lugar ou pelo menos a conversar por alguns minutos.

Seus movimentos estavam limitados a uma pequena área da casa. Ela usava apenas o quarto, o banheiro contíguo e a varanda da frente. Estabelecia rotas curtas e invariáveis para atravessar os outros cômodos, pois era necessário passar por eles para sair pela porta de entrada ou dos fundos.

Esses caminhos eram como trilhas familiares por uma floresta. Era possível cruzá-los três ou quatro vezes por dia, com serenidade e segurança, sem nunca se aventurar em direção aos bosques escuros e perigosos que se erguiam a cada lado da trilha coberta de agulhas de pinheiro.

A cozinha estava vazia; Queenie havia tirado toda a comida dali, pois odiava baratas. Os quartos de James, cheios de móveis da mãe e de todas as coisas do falecido, continuavam idênticos à noite em que ele morrera. Queenie nunca tinha mudado nada de lugar.

Os quartos adicionais estavam cheios de caixas com roupas descartadas dos Caskeys, agora que os closets nas casas de Elinor e de Miriam estavam cheios. Queenie nunca recebia visitas. Nas raras vezes em que suas amigas iam visitá-la, elas eram chamadas à casa de Elinor. Queenie nunca percebeu que os padrões de sua rotina estavam se tornando tão rígidos quanto os da própria Sister. Como era capaz de se mover, embora nunca fosse muito longe, esses padrões não eram tão evidentes para um observador casual nem para ela.

À noite, Queenie sentia medo. Nunca havia dormido sozinha em uma casa, e a de James parecia especialmente solitária. Os quartos eram cobertos de sombras, cheios de formas e ruídos estranhos. Algum animal pequeno tinha conseguido entrar no sótão, onde zanzava de um lado para outro a noite toda. Tábuas rangiam sob o peso das caixas empilhadas e, vez por outra, as porcelanas delicadas de James chacoalhavam nos guarda-louças, como se movidas por uma mão invisível.

Depois de se trocar, Queenie se punha a olhar pela janela. Não via nada além do dique oscilando em um manto de kudzu negro e um dos cantos da casa dos DeBordenaves, ainda fechada a tábuas. O vento às vezes levantava a areia do quintal e a atirava contra a casa, acordando-a com o que soava como uma saraivada de gotas de chuva minúsculas.

Sister lhe contara certa vez que, "depois de velhas, as mulheres não dormem bem". Como nunca tivera essa experiência, Queenie não havia acreditado, mas agora percebia ter sido acometida pela insônia de Sister. Ficava desperta na cama horas a fio, aparentemente incapaz de adormecer. Somente o fato de acordar pela manhã a convencia do contrário. Ainda assim, Queenie nunca conseguia dizer por quanto tempo tinha dormido.

Rígida em sua cama, ela captava cada ruído da casa e registrava todos em um bloco de notas mental, que crescia a cada noite que passava. Em algumas, era importunada pela areia soprada pelo vento; em outras, pelas tábuas que rangiam; em outras ainda, pela porcelana chacoalhante. Queenie ficava ali, desperta e trêmula.

De vez em quando, novos ruídos surgiam. Algo na casa parecia tremer; algo que até então ela nunca ouvira ser perturbado. Os cristais no candelabro sobre a mesa da sala de jantar às vezes repicavam, como se alguém se movesse de forma agitada e silenciosa naquele cômodo fechado, dando voltas à mesa, agitando-a de leve e fazendo o candelabro vibrar com suas passadas.

Uma das janelas que dava para a varanda da frente tremia, como se alguém andasse furtivamente do outro lado. Às vezes, Queenie pensava ouvir a maçaneta da porta ser forçada. Certa noite, ouviu a

janela trepidar e pensou: *É só o vento.* Poucos minutos depois, escutou a maçaneta ranger e pensou: *Deve ser uma mudança de temperatura.*

Então ela teve certeza de que ouviu passos, leves e cautelosos a princípio, indo de um lado para outro da varanda. Em seguida, os passos se tornaram mais pesados, como se zombassem dela, dizendo: *E como explica isso, Queenie Strickland?*

Ela se apressou a pegar o telefone, mas, assim que segurou o receptor, o som dos passos parou.

Mas os sons voltaram na noite posterior. Mais uma vez, quando Queenie pegou o telefone, eles pararam. Desta vez, no entanto, logo que Queenie largou o receptor, a maçaneta da porta da frente começou a ser forçada furiosamente. A porta foi golpeada com uma série de chutes fortes, insistentes, e então os passos ressurgiram, botas que andavam com raiva de uma ponta à outra da varanda.

Queenie acompanhava o ir e vir do som lá fora. Os passos estremeceram a casa. Os vidros da janela bateram, o candelabro repicou, a louça tremeu em cada cristaleira, as caixas nos quartos contíguos ao de Queenie deslizaram pelo chão e o animal pequeno no sótão começou a correr alucinado.

De repente, todo o ruído parou. Após um estrépito que ecoou pela casa, veio o silêncio. Queenie se enroscou na cama, esperando ouvir o som das botas voltar. Não escutou nada.

Ainda fitando a escuridão, Queenie estendeu a mão lentamente para apanhar o telefone. Quando fez isso, a porta fechada que dava para o corredor foi emoldurada por uma luz branca suave e repentina – como se uma lâmpada tivesse sido acesa na varanda da frente. Em seguida, a luz ficou mais forte, como se o candelabro da sala de jantar tivesse ganhado vida. Uma terceira intensificação, desta vez muito maior, fez Queenie crer que a luz do próprio corredor havia sido ligada.

Outras luzes se acenderam pela casa, até que o portal foi enquadrado por uma luminosidade ofuscante.

Mas o silêncio continuava.

Sem pensar duas vezes, Queenie se levantou da cama, foi em direção à porta e a abriu. O clarão a fez fechar os olhos. Todas as luzes da casa estavam acesas. Ela foi até o interruptor do corredor,

tentando pressionar o botão para desligar a luz; mas ele já estava pressionado. Quando pressionou o botão de ligar, a luz continuou a brilhar no teto. Tornou a tentar desligá-la, sem sucesso. Foi até a sala de estar. Todas as lâmpadas acesas, assim como as luzes no candelabro de ferro fundido.

Queenie experimentou o interruptor da lâmpada mais próxima, mas não fez diferença. Correu de um interruptor para outro, ligando-os e desligando-os freneticamente. Arrancou um fio da parede, mas as lâmpadas continuavam a brilhar.

A mulher disparou pelo corredor, entrando na cozinha. Ali também as luzes estavam acesas, até mesmo as lâmpadas dentro dos armários e as lanternas nas gavetas. As luzes do banheiro, dos quartos, dos closets, dos roupeiros, da varanda dos fundos, da sala do café da manhã, acima do retrato de Grace e Genevieve, atrás da porta fechada do forno. O tubo da televisão emitia um brilho branco, mas não havia imagem.

Então, a luz pareceu ficar mais intensa. Cada um dos milhares de objetos naquela casa, iluminados ao mesmo tempo por uma dezena de direções diferentes, lançava uma fantasmagoria de sombras nas paredes. A luz fustigava Queenie. Ficou tão intensa, branca e ofuscante que parecia sugar a cor de tudo à sua volta.

Mas o silêncio persistia.

Queenie ficou parada à porta da sala de jantar, no exato local em que James Caskey tinha caído morto. Olhava ao redor, atordoada, seus olhos doloridos por conta da claridade.

E as luzes ficaram ainda mais fortes.

Na sala de estar, ouviu-se uma pequena explosão de vidro. Queenie se voltou por instinto na direção do som.

Outra explosão mais fraca atrás dela, e depois outra. Queenie se virou e viu que as lâmpadas em forma de chama no candelabro – cada qual ardendo com uma intensidade que ela nunca vira – começaram a explodir uma a uma, causando pequenas chuvas de estilhaços de vidro. A luz sobre o retrato de Grace e Genevieve estourou com um chiado líquido, fragmentos de vidro derretido escorrendo pelos rostos pintados da irmã e da sobrinha de Queenie.

Mais explosões surgiram em ambas as pontas do corredor, nos

salões de um lado e na cozinha do outro. Por um instante, a televisão brilhou tão intensamente quanto o sol, queimando-se de repente com um negrume intenso e desmoronando sob o próprio peso com um estrondo.

Queenie voltou correndo para o quarto. A luz no teto do corredor brilhava mais forte à medida que ela se aproximava. A lâmpada começou a zumbir, Queenie mal conseguindo entrar no quarto antes que ela estourasse. Fragmentos de vidro e metal foram lançados para dentro do cômodo enquanto a porta se fechava.

No quarto de Queenie, tudo continuava escuro. Ela se recostou na porta, permitindo aos olhos se ajustarem à escuridão. Ficou ouvindo as explosões que persistiam, embora menos violentas e mais espaçadas. A intensidade da luz que entrava por debaixo da porta diminuía a cada vez que Queenie olhava por entre os pés.

Após um tempo, as explosões cessaram. Nenhuma luz passava por debaixo da porta do corredor.

Desnorteada, Queenie voltou para a cama.

Foi uma tempestade elétrica, disse para si mesma.

Ela foi até a janela e olhou para fora, na esperança vã de ver nuvens carregadas no céu. Viu somente estrelas.

A janela estava aberta e a noite silenciosa, de modo que conseguiu ouvir os passos. Botas pesadas atravessavam os quintais de areia dos Caskeys.

Ela destravou a tela da janela e pôs a cabeça para fora.

Ali, sob o brilho da lua que se punha, distinguiu o vulto de um homem andando em direção ao dique.

Ele não precisou se virar para que Queenie o identificasse. Reconheceu-o pelo jeito de andar e pelas botas; botas que ela mesma havia comprado.

Era Carl Strickland, seu marido, morto havia trinta anos, afogado nas águas do Perdido.

CAPÍTULO 5

As crianças dos Caskeys

– O que a senhora fez aqui ontem à noite, mãe? – indagou Malcolm, espantado. – Estava com raiva de alguém ou o quê?

Com exceção das lâmpadas do quarto de Queenie, todas as outras luzes da casa pareciam ter sido estilhaçadas com uma marreta. Os bocais estavam partidos, derretidos ou retorcidos ao ponto de serem inutilizáveis.

Seguindo Malcolm tão de perto que topava com ele sempre que o filho se virava, Queenie disse vagamente:

– Houve algum tipo de tempestade elétrica ontem à noite. Você e Miriam não ouviram?

– Não ouvi nada, mamãe. Tem ideia de quanto tempo vou levar para limpar toda essa bagunça? Parece que vamos ter que refazer toda a fiação desta casa. Ela devia estar malfeita desde o início.

– Só pode ser isso – disse Queenie, apressando-se a pôr a culpa nas instalações elétricas e descartando a hipótese fantasiosa da tempestade. – Fiação ruim. Sorte minha que não houve um incêndio.

– Mamãe, é melhor ficar com Grace e Lucille por alguns dias enquanto dou um jeito nisto.

Queenie não hesitou em concordar. Naquela mesma manhã, enquanto um Malcolm ainda intrigado continuava a avaliar o estrago, sua mãe pegou o carro e foi para a fazenda de Gavin Pond.

– Cheguei! – exclamou ela para Lucille enquanto se espremia para sair de trás do volante.

– Mamãe – disse Lucille. – A senhora deveria ter ligado para Luvadia preparar algo especial.

– Não quis telefonar – retrucou Queenie, correndo para abraçar a filha – porque tive medo que dissessem que eu não poderia ficar.

– Como assim? Por que diríamos uma coisa dessas?

– Porque eu vim *para ficar*.

– Ora, já não era sem tempo, mamãe. Grace e eu estamos cansadas de convidar a senhora!

– Não para sempre, mas por alguns dias. Toda a fiação da minha casa explodiu ontem à noite, e Malcolm me mandou vir para cá enquanto ele conserta tudo.

– Ah, mamãe, nós vamos nos divertir à beça! – exclamou Lucille, passando o braço em volta da cintura de Queenie, até onde conseguia, e voltando devagar em direção à casa.

No entanto, Queenie não se divertiu. Tinha saudades de sua rotina em Perdido, por mais maçante que fosse. Sentia falta de ver Malcolm e Miriam de vez em quando, bem como dos almoços na casa de Elinor.

Perdido não parecia grande coisa quando ela morava na cidade, mas, em comparação com a fazenda de Gavin Pond, era o centro do universo. Queenie se sentia especialmente sozinha na fazenda, pois Grace e Lucille passavam o dia inteiro ocupadas com seus diversos afazeres: o jardim de camélias, os pomares, o gado, os porcos e os cavalos.

E, por algum motivo, parecia mais quente ali no interior do que na cidade, de modo que Queenie passava a manhã toda com Luvadia na cozinha equipada com ar-condicionado, assistindo a programas de auditório na televisão. Quando Tommy voltava para casa no meio da tarde, fazia companhia à avó. Certa tarde, o rapaz pegou a espingarda que Elinor lhe dera no Natal anterior e começou a limpá-la, explicando a Queenie a montagem da arma e seu funcionamento.

– Você lembra o pai da Lucille – falou Queenie, sem nenhum prazer. – Com a exceção de ele ter sido o homem mais perverso que já andou pela face da Terra, o que eu duvido que você seja.

– Não, senhora – disse Tommy, que era calado e tímido aos 15 anos, mesmo com a avó. – Não acho que eu seja assim.

Tommy Lee Burgess estava no limite do que configurava um Caskey. Tinha a determinação dos membros da família, mas não a inteligência nem a sagacidade. Embora fosse forte, não se envolvia em esportes na escola. Cobiçava o tempo que lhe restava após as aulas,

quando tinha cerca de uma hora para pescar na lagoa, nadar na piscina, caçar um faisão na floresta ou cavalgar pelo bosque de nogueiras com Grace.

Tommy era benquisto o suficiente na escola em Babylon, mas tinha poucos amigos. Toda sua lealdade pertencia à mãe e a Grace. Era com elas, e somente com elas, que Tommy ficava à vontade. O único companheiro da mesma idade era Sammy Sapp, o filho de Luvadia, mas Sammy passava tanto tempo carregando tacos de golfe para Oscar que Tommy mal o via. Resumindo: era um rapaz pacato, um tanto desajeitado, e Lucille e Grace o amavam de todo o coração.

Queenie nunca havia prestado muita atenção no neto. Ele era calado demais para o seu gosto. Talvez tivesse chamado mais sua atenção se fosse malcomportado. Mas, como nunca havia dado problemas a Queenie, acabara por ser ignorado em seus pensamentos.

Queenie passou mais tempo com ele durante o período em que esteve na fazenda do que jamais havia passado. A escola entrou em recesso para o verão no começo da segunda semana de estadia de Queenie, de modo que Tommy andava sempre por ali. O rapaz tinha acabado de tirar a carteira de motorista e, uma vez que Grace e Lucille estavam ocupadas como sempre, Queenie se prontificou a lhe dar aulas. Durante várias horas por dia, os dois seguiam aos solavancos pela fazenda na caminhonete antiga. Enquanto dava suas instruções, Queenie nunca suspeitou que Tommy já dirigisse desde os 10 anos.



Os danos à casa de Queenie foram tão extensos que foi preciso duas semanas para consertar tudo. Teria levado menos tempo se Malcolm houvesse se contentado com remendos, mas ele insistiu que o trabalho fosse feito da forma correta.

Elinor e Miriam avaliaram o estrago na casa de Queenie.

– Não foi uma tempestade elétrica que fez *isso* – declarou Miriam, taxativa. – Malcolm, também não foi uma fiação malfeita.

Elinor ficou calada, mas ajudou Malcolm a escolher lâmpadas novas em Pensacola.

Por fim, no dia 1º de junho, Malcolm telefonou para a mãe e disse que ela poderia voltar para casa. Toda a instalação elétrica fora trocada, e se uma só lâmpada queimasse nos três meses seguintes, Malcolm prometeu que se sentaria à mesa de jantar e a comeria diante de um grupo de testemunhas.

Mas Queenie não voltou a Perdido naquela noite nem na seguinte. Grace e Lucille ficaram felizes, mas também intrigadas. Nem mesmo o prazer que ela sentia ao dar aulas de direção a Tommy se igualava aos prazeres a que estava habituada vivendo em Perdido. No fim das contas, morar no interior era extenuante para Queenie.

– Mamãe, a senhora está sofrendo aqui – afirmou Lucille um dia, durante o jantar. – Por mais que queiramos que fique conosco, agora que a casa está consertada, talvez devesse pensar em voltar para a cidade.

– Eu já pensei nisso – concordou Queenie, desconfortável.

– E? – insistiu Grace.

Queenie limpou a boca com seu guardanapo e se serviu de mais ervilhas. Então, tomou coragem e declarou:

– Eu não vou voltar… porque estou com medo.

– Medo de quê? – perguntou Tommy Lee, um tanto surpreso.

– Sou uma mulher de idade – disse Queenie, continuando a servir ervilhas em seu prato. – Nunca vivi sozinha. Aquela casa velha… está cheia de memórias. Tantas pessoas viveram lá. Tantas pessoas morreram lá também. E não acho que eu vá conseguir viver nela sozinha.

– Bem, Queenie – apressou-se a dizer Grace –, você sabe que é bem-vinda aqui, mas não acho que seria feliz.

Queenie balançou a cabeça.

– Eu sinto falta da agitação da cidade – admitiu ela. – Mas Miriam não me quer na casa dela, Elinor não tem espaço e estou velha demais para pensar em me mudar para outro lugar. Além do mais, James me deixou aquela casa. Ele me deixou tudo que há nela, as coisas *dele*, aquelas coisas lindas que tanto amava. E, da mesma forma

que devo *tudo* ao seu pai, Grace, eu devo a ele ficar lá e tomar conta de tudo aquilo. Eu nunca me perdoaria se não voltasse… mas tenho tanto medo!

– Não entendo do que a senhora tem medo – disse Tommy.

– Eu ouço coisas – explicou Queenie. Ela sorriu, mas havia dor em seu sorriso. – Vejo luzes, Tommy. Sabe, acho que sou apenas uma velha medrosa que ouve coisas que não estão lá e vê coisas que não existem. Mas ainda as ouço e ainda as vejo. Na noite antes de vir para cá, sabem o que vi quando olhei pela janela no meio da noite?

– O quê? – perguntou Tommy.

– Lucille – disse Queenie, voltando-se do rapaz para a mãe dele. – Eu vi seu pai atravessando o quintal. Seu pai subiu até a varanda da frente da casa e tentou entrar. Ouvi o barulho das botas dele na varanda. Ele tentou abrir a janela, mas o trinco estava fechado. Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Quando viu que não conseguiria entrar, ele ficou furioso, fez todas as luzes se acenderem e quebrou cada uma das lâmpadas e luminárias da casa. Não foi uma tempestade elétrica. A fiação da casa estava ótima. *Carl Strickland* foi o culpado. Carl está com raiva porque, quando se afogou no Perdido, eu peguei as moedas de Ivey e as joguei na água, e essas moedas o mantiveram no fundo do rio.

– Mamãe – murmurou Lucille. – Papai está morto. Ele está morto há trinta anos.

– Eu sei – falou Queenie. – Mas não acha que eu reconheceria seu pai se o ouvisse zanzar de um lado para outro na varanda da frente? Não acha que saberia que era ele se o visse? Ele estava andando de volta em direção ao dique. Voltando para o Perdido. Aquelas moedas o mantiveram afundado, eu sei que sim. Ai, meu Deus, quem me dera tê-las de volta! Quem me dera ter deixado aquelas moedas no meu bolso! Se eu voltar, tenho certeza de que ele estará de novo na varanda da frente depois de escurecer. Quando ouvi os pratos tremerem à noite, eu soube que era Carl, na varanda da frente, se balançando em uma cadeira. Lucille, você lembra que seu pai ficava sentado lá fora na varanda à noite, se balançando? Mas depois ele se levantou e ficou andando pra lá e pra cá, tentando encontrar uma maneira de entrar na casa. Como posso voltar assim?

Lucille e Grace ficaram caladas.

– Vovó? – chamou Tommy.

– O que foi?

– E se eu fosse com a senhora?

Queenie pensou na proposta.

– Eu me sentiria protegida – disse ela por fim. – Carl não apareceu quando Malcolm estava lá. Foi só depois que Malcolm se casou e foi morar na casa ao lado.

– Então vou voltar com a senhora. Podemos ir hoje à noite. Eu a levo de carro.

Queenie balançou a cabeça.

– E depois vai voltar no dia seguinte para cá. Carl vai só esperar até ir embora. Não vai adiantar nada.

– Mas e se eu ficar?

– Ficar? – repetiu Grace.

Tommy assentiu.

Queenie sorriu, então se inclinou para a frente e apertou a mão do neto.

– Você é um amor, mas ama esta velha fazenda entediante. Sei que ama.

Tommy deu de ombros.

– Vamos fazer o seguinte? – sugeriu ele. – Se mamãe e Grace deixarem, eu vou ficar com a senhora até que se sinta segura de novo.

– E vai parar de caçar? – indagou Grace.

– Tem uma floresta perto da casa de Elinor. Eu já cacei ali com Malcolm uma vez.

– E pescar? – perguntou a mãe dele.

– Tem o rio Perdido. Mais perto do que isso, impossível.

– E você nos abandonaria aqui? – questionou Lucille, balançando a cabeça com incredulidade.

– A vovó precisa de mim – disse Tommy.

– Isso é verdade – confirmou Queenie. – Conseguem me emprestar Tommy por um tempo?

Grace bufou.

– Tommy é livre para fazer o que quiser.

Lucille assentiu.

– A senhora vai mandá-lo de volta se ele causar problemas?

– Este rapaz?! – exclamou Queenie. – Para quem ele causaria problemas?

– Ele não é seu – falou Grace, incisiva. – Não vamos dá-lo a ninguém como você deu Danjo.

– Eu sei disso. Só preciso dele emprestado por algum tempo. Quando não precisar mais, vou devolvê-lo.

– Estou contando que sim – disse Grace, séria. – E quanto à escola no outono?

– Meu Deus, Grace! – repreendeu Queenie. – O menino acabou de entrar de férias. Não me venha falar sobre a volta às aulas!



Assim, Queenie Strickland voltou a Perdido com Tommy Lee. Como todo o restante de Perdido, os Caskeys se perguntaram o que ela havia feito, dito ou oferecido para arrancar o rapaz da fazenda. Também não sabiam por que Queenie o queria ali, especialmente porque costumava lhe dar tão pouca atenção antes.

No entanto, como se quisesse compensar por essa negligência, Queenie não conseguia abrir mão de Tommy Lee durante aquele verão. Comprou-lhe três armas novas para caçar; levou-o de carro até Destin e pediu que escolhesse as melhores roupas e equipamentos de pesca à venda. Deu-lhe botas novas para andar pela floresta e um bote para navegar o Perdido. Retirou as caixas do quarto ao lado e transferiu para lá a cama mais espaçosa e macia que pôde encontrar. Contratou uma cozinheira só para lhe preparar o café da manhã.

A maioria dos rapazes de 15 anos teria sido mimado ou até se incomodaria com tanta atenção, mas Tommy aceitou tudo com uma serenidade espantosa. Passava os dias caçando e pescando e as noites com Queenie, os dois assistindo à TV ou indo ao drive-in para pegar uma sessão dupla de cinema. Queenie ficava sentada no carro, matando mosquitos e ajustando a todo o momento o volume dos alto-falantes; Tommy ficava estirado sobre o capô, a cabeça recostada em

um travesseiro contra o para-brisa, admirando os relâmpagos que cruzavam o céu de verão enquanto assistia ao filme.

Queenie muitas vezes se perguntava se Tommy não estava enjoando dela, se não preferiria passar o tempo com algum de seus amigos, em vez de amarrado a uma velha chata. Tommy sempre dava de ombros e dizia não ter amigos, e que nunca enjoava de Queenie, exceto quando ela fazia perguntas demais.

Era à noite, depois do noticiário das dez ou de uma sessão noturna, que Tommy provava seu verdadeiro valor para a avó. Ele deixava a porta do quarto aberta e, a qualquer hora da noite, Queenie podia se levantar, ir para o corredor e vê-lo dormindo ali. Queenie fazia isso com frequência. A presença de Tommy na casa, conforme a avó previra, manteve Carl afastado.

O verão passou depressa para Queenie e Tommy, e logo chegou a hora de o rapaz voltar à escola. Grace e Lucille começaram a falar sobre o retorno dele à fazenda de Gavin Pond, enquanto Queenie apontava que o sistema de ensino de Perdido era superior ao de Babylon.

– A decisão é de Tommy – decretou Grace por fim, quando ficou claro que haviam chegado a um impasse.

Tommy decidiu continuar com a avó. Ele foi transferido para a escola de ensino médio de Perdido e, durante o outono de 1959 e a primavera de 1960, passou cinco dias por semana em Perdido e os sábados e domingos na fazenda de Gavin Pond. Mesmo assim, dormia todas as noites no quarto ao lado do de Queenie. Carl Strickland continuava longe.

Essa mudança foi comentada por toda a cidade de Perdido: mais uma criança dos Caskeys havia sido "entregue" a outra pessoa da família. Frances foi a única filha que permaneceu sob os cuidados diretos dos próprios pais… até sua morte.

Lilah, embora morasse na mesma casa que o pai, na prática não era dele, mas de Elinor. Quando Frances se afogou no rio Perdido, Lilah passou a ser responsabilidade da avó. Billy, por sua vez, assumiu apenas o papel de tio da própria filha. Ele não participava ativamente de sua criação. Elinor era quem tomava todas as decisões: autorizava ou negava os pedidos, decidia o que seria feito, comprava as roupas

de Lilah e financiava suas atividades de lazer. Enquanto isso, Billy acompanhava o crescimento da filha com afeto e interesse, mas sem a dedicação ou o envolvimento típicos de um pai.

Perdido esperava que Miriam engravidasse (ela beirava os 40 anos, não lhe restava muito tempo), pois todos na cidade queriam apostar quem ficaria com a criança. De todos os Caskeys de que se tinha memória, Miriam era a menos propensa a querer criar um filho ou uma filha se alguém apresentasse uma oferta. O que mais se dizia era que, se fosse menina, ela a trocaria por diamantes; se fosse menino, ela o trocaria por ações de alguma empresa petrolífera.

Talvez fosse isso que Miriam acabaria por fazer, se tivesse engravidado. Mas não engravidou – por mais que Malcolm e ela se dedicassem à questão com o afinco que Miriam empregava em tudo que fazia. Malcolm tinha ficado surpreso com a mudança de opinião da esposa, chegando inclusive a questioná-la a respeito.

– Você nem sempre quis um bebê – ressaltou ele. – Dizia que iria usar a cabeça dele como almofada de alfinetes.

– Casais casados têm bebês – respondeu Miriam, um pouco constrangida. – Então mudei de ideia, só isso. Decidi que, se iria me dar ao trabalho de me casar com você, e *nunca* existiu um homem que dê tanto trabalho quanto você, então valeria a pena dar o passo seguinte também.

No entanto, não houve bebê. E começava a parecer que nunca haveria.

Isso incomodava Miriam. Ela não gostava de ser contrariada, e o fato de seu corpo a estar desafiando era duplamente insultante. Malcolm tentou convencer sua esposa desapontada de que uma criança provavelmente seria apenas um fardo para ela. A própria gravidez acabaria interferindo em seu trabalho. Além disso, a criança precisaria de tempo e atenção. Com isso, Miriam não poderia se dedicar à madeireira e ao negócio do petróleo, o que a deixaria ressentida.

Isso não serviu de consolo para ela.

– Eu poderia continuar indo ao escritório se engravidasse. E, se de vez em quando não pudesse, diria a você e ao Billy o que fazer. Quando a criança nascesse, eu contrataria alguém para tomar conta

dela. – Todos os irmãos de Zaddie e Ivey tinham se casado havia tempos, e já existia uma terceira geração de Sapps do sexo feminino ansiosa por ser contratada pelos Caskeys. – E, se isso não desse certo, eu sempre poderia mandar a criança para a fazenda de Gavin Pond ou para a casa de Elinor. Elas na mesma hora agarrariam a chance de ter outro bebê. Afinal, não há bebês nesta família desde que Lilah nasceu.

No entanto, como continuava sem engravidar, ela acabou sendo convencida por Malcolm e pelo próprio corpo de que nunca aconteceria. Isso não diminuiu seu desejo de ter uma criança. Olhando para a casa vizinha, ela via como Queenie tinha roubado Tommy de Lucille e Grace. E, quando Miriam olhou para o outro lado, o que viu foi Lilah Bronze pronta para ser colhida.

Lilah tinha 13 anos, estava no oitavo ano e era mais parecida do que qualquer um com a própria Miriam: tinha uma beleza altiva, orgulhava-se de sua posição, além de ser apaixonada por joias e ligeiramente desdenhosa em relação às pessoas de sua idade. Resumindo, Lilah e a tia eram da mesma estirpe. Já havia certa intimidade entre as duas, graças à coleção de joias de Miriam, que Lilah cobiçava com paixão.

Miriam não via motivo que a impedisse de tomar Lilah para si. Certamente, considerando os argumentos de Malcolm, seria melhor do que dar à luz uma criança. Não teria que se preocupar com a gravidez, não precisaria tolerar a infância ou lidar com a incerteza de que tipo de personalidade seria preciso enfrentar. Afinal, ela poderia ter um bebê que acabasse sendo como Malcolm – ou pior, como Frances. O simples fato de uma mulher carregar uma criança no ventre não garantia que elas fossem ter qualquer afinidade.

Mas havia Lilah. Para Miriam, Lilah era a filha perfeita.

Assim que chegou a essa conclusão, e sem ter consultado Malcolm, Miriam se lançou imediatamente à tarefa de tirar Lilah do pai e da avó.

O Natal de 1960 foi realizado na fazenda de Gavin Pond para comemorar a reforma da fachada da velha casa de fazenda, uma obra que apagou os últimos vestígios da construção original antiga e humilde. A casa agora tinha janelas altas e uma varanda da frente ampla, com colunas elevadas e piso de tijolos. As portas duplas eram encimadas por um frontão triangular. Grace construía um novo anexo a cada ano e, quando Lucille terminava de mobiliar e decorar aquela novidade, Grace já estava planejando a nova expansão.

Agora, um quarto inteiro estava ocupado pela árvore de Natal e pelos presentes, os Caskeys tendo que se sentar em cadeiras no corredor e na sala de jantar para abrir os embrulhos. A maioria dos membros da família deu cinco presentes para cada um dos demais. Embora Elinor houvesse tido que comprar e embrulhar todos os presentes de Oscar, eles estavam ali.

Miriam, no entanto, dera a Lilah apenas um único presente: uma caixa pequena, escondida perto da base da árvore, e que foi a última a ser buscada.

Lilah, que não esperava nada de mais da tia, pois ela era conhecida por sua falta de talento para presentear, ficou perplexa ao ver dentro da caixa um broche de diamantes com um rubi no centro que deveria ter no mínimo 2 quilates.

– Isto é de verdade? – indagou Lilah, erguendo a joia bem alto para que todos a vissem. – Miriam! – gritou, olhando para a etiqueta que garantia que o presente era de sua tia.

– É, sim – confirmou Miriam.

– Deve ter custado uma fortuna! – exclamou Queenie. – Ou é um dos nossos?

– Eu o comprei em Nova York no mês passado – revelou Miriam. – Especialmente para Lilah.

– Você é jovem demais para usar algo assim – observou Elinor.

– Mas é *meu* – disse Lilah, fechando as mãos ao redor da joia e apertando os punhos cerrados com alegria contra o peito.

– Abra um cofre no banco para você – instruiu Miriam. – Quando eu tinha sua idade, já estava no meu segundo. É melhor se apressar.

– Não vou gastar dinheiro em joias para essa criança nunca usar – falou Elinor, incisiva.

Miriam riu.

– Você não pode me criticar, Elinor. E não pode me impedir de dar mais joias a Lilah quando eu bem entender.

– Não, não posso – disse Elinor. – Se quiser esbanjar presentes dessa forma, fique à vontade.

Mais tarde, à mesa de jantar, Lilah encontrou uma maneira de se sentar ao lado da tia.

– Por que me deu isto? – perguntou Lilah, ainda agarrada ao broche. – Eu adorei.

Miriam respondeu em um tom de voz que pretendia ser ouvido por toda a mesa.

– Eu dei o broche porque quero que venha morar comigo e com Malcolm na casa ao lado.

Lilah ficou boquiaberta. Virou a cabeça e olhou não para o pai, mas para a avó, sentada à cabeceira da mesa. Grace e Lucille tinham cedido de bom grado seus lugares habituais a Elinor e Oscar, os chefes da família.

Elinor ficou calada.

– Feche a boca, Lilah – disse Grace, secamente. – Vai entrar mosca.

Lilah fechou a boca.

– Malcolm e eu estamos tão sozinhos… – argumentou Miriam. – Não estamos, Malcolm?

– Estamos, sim – concordou Malcolm, obediente, esquecido em seu canto na mesa longa.

– Você teve Lilah durante treze anos, Elinor. Deveria me deixar tê-la um pouco.

– Lilah é filha do Billy – ressaltou Oscar na outra ponta da mesa, de frente para a esposa.

– Lilah é livre para fazer o que quiser – comentou Billy com um suspiro, eximindo-se. – Ou o que Elinor quiser.

– Está certo. Lilah, o que você quer? – perguntou Queenie.

– Não sei – murmurou Lilah, pensativa. – Eu só me mudaria para a casa ao lado, não é?

Ninguém se deu ao trabalho de responder a essa pergunta.

– Lilah? – chamou a avó. Nada no tom de voz de Elinor deu à criança uma pista do que ela queria ouvir.

– Talvez se eu pudesse ficar lá algumas semanas… até as férias de primavera ou algo assim, para Miriam e Malcolm não se sentirem tão sozinhos. Depois eu voltaria.

Os Caskeys se entreolharam, todos com plena consciência do que aquilo significava. Elinor permitira que Lilah se pronunciasse. Ao fazer isso, a menina selou seu destino. As crianças dos Caskeys, quando eram dadas, nunca mais voltavam. Lilah Bronze, naquele momento de descuido, havia perdido Elinor para sempre.

Miriam sorriu e apertou a mão de Lilah.

– Só por algumas semanas – concordou Miriam. – E depois eu deixarei você voltar. Elinor não vai alugar seu quarto, imagino.

Não se falou mais do assunto à mesa. Embora se julgasse muito esperta, Lilah não entendeu nada. O clima ficou, se não sombrio, pelo menos solene, exceto pela felicidade de Lilah diante da perspectiva de ganhar mais joias.

Algo impactante tinha acontecido, de forma inesperada, e todos sabiam disso – menos a criança que seria a mais afetada. Luvadia e Melva continuaram servindo pães quentes e retirando os pratos vazios, e ainda se falava sobre renovar as concessões às petrolíferas e sobre planos de viagem até Houston e Nova York. Em determinado momento, Oscar mandou Sammy ligar o carro para que o motor estivesse quente quando quisesse ir ao campo de golfe de Brewton. Mesmo assim, todos só conseguiam pensar em Lilah – roubada por Miriam em seu desejo de querer sempre mais. Nem um ladrão que enfiasse os braços por uma janela aberta para sequestrá-la de seu berço teria agido de forma tão rápida e precisa.

Oscar não esperou pelo café. Tommy, Sammy e ele foram de carro para Brewton. Lucille e Queenie foram ajudar Luvadia e Zaddie a arrumar a bagunça no corredor. Grace e Billy começaram a levar os presentes até os carros. Elinor permaneceu à cabeceira da mesa, seu café frio diante de si. Miriam bebia a terceira xícara. Tinha o braço em volta de Lilah, que estava cansada e feliz na cadeira ao seu lado.

– Você não lutou – disse Miriam.

– Lutar pelo quê? – quis saber Lilah.

– Psiu! – fez a tia.

Elinor balançou a cabeça devagar.

– Por que não? – perguntou Miriam, curiosa. – Poderia ter lutado. Talvez até ganhasse.

Elinor fez uma longa pausa antes de responder. Uma de suas mãos estava espalmada sobre o peito, a outra brincava com as pérolas negras em volta do pescoço.

– Quando dei a aliança de casamento de Mary-Love…

– Sim? – disse Miriam, erguendo a mão que trazia o anel.

– Não foi suficiente, foi?

– Não. Não foi.

– Suficiente para quê? – quis saber Lilah.

– *Calada* – sussurrou Miriam, beliscando o braço da menina.

– Agora estamos quites – disse Elinor.

– Sim – concordou Miriam. – Acho que estamos. E que tal esta, mamãe? Depois de 39 anos, eu perdoo você.

Elinor não falou nada, apenas bebericou seu café frio.

Pela primeira vez na vida, Miriam chamara Elinor de *mamãe*.

CAPÍTULO 6

A canção da pastora

Lilah se mudou para um dos quartos de hóspedes da casa de Miriam mais tarde naquele dia de Natal, "só por algumas semanas". Somente Lilah, entre todos os Caskeys e a maior parte de Perdido, se deixou enganar que voltaria em breve a viver com a avó e o pai.

Essas poucas semanas passaram, e Lilah disse a Elinor:

– Miriam e Malcolm dizem que não conseguem viver sem mim. Posso ficar só mais um pouco?

– Vou mandar suas coisas para lá.

As roupas de Lilah foram transferidas para a casa ao lado, e logo não passava pela cabeça de ninguém (nem pela de Lilah) que a menina voltaria. Ela pertencia a Miriam e Malcolm agora.

Embora os Caskeys jantassem juntos na casa de Elinor toda noite, e Lilah estivesse com Billy tanto quanto antes, ela havia se tornado uma criança muito diferente. Por mais estranho que parecesse, Miriam mimava a sobrinha pelo simples ato de negligenciá-la. Elinor sempre mantivera a neta sob rédeas curtas, pois Lilah tinha uma natureza impetuosa e precoce, disposta a defender seus privilégios como uma Caskey e como a garota mais rica de todo o condado. Por exemplo, ela tendia a ser arrogante com os criados.

Elinor mantivera essas tendências sob controle. Malcolm nem sequer tentava fazê-lo. Em sua sobrinha, Miriam via a criança que ela tinha sido. Confiava em Lilah como confiava em si mesma. Tudo o que ela desejava tomava ares de necessidade; tudo o que fazia era exatamente o que uma determinada situação exigia. Lilah, em suma, se tornou insuportável. No entanto, Miriam não enxergava nada disso – ou talvez escolhesse não enxergar. Apesar de toda a petulância da

menina, Miriam continuava a amá-la. Talvez até a amasse mais à medida que ela se tornava mais desagradável com os outros.

Oscar viu tudo isso acontecer e repreendeu a esposa e o genro. Elinor e Billy deveriam interferir antes que aquela menina fosse estragada de vez. No entanto, eles não estavam dispostos a agir. Lilah agora pertencia a Miriam, e Miriam a estava criando como bem entendia.

– Não é mais da minha conta – disse Billy. – Poderia ser, se Lilah ainda morasse aqui, mas ela não mora.

– Oscar, Miriam está tratando Lilah exatamente como Mary-Love a tratou – ressaltou Elinor. – Ela vai se tornar uma cópia perfeita de Miriam. Todos na cidade veem isso. É algo que teria acontecido de um jeito ou de outro. Não há nada que possamos fazer a respeito. Mesmo que houvesse, não acho que o faria.

Se Lilah havia piorado depois da mudança, Miriam, por sua vez, estava melhor. Agora, tinha outra pessoa além dela mesma para cuidar. Malcolm não contava, pois Miriam tratava dele havia anos, e Malcolm nem lhe dava tanta preocupação.

Apesar de trabalhar em tempo integral na madeireira, levava Lilah para a escola toda manhã e a pegava de volta toda tarde. As duas iam comprar roupas juntas em Pensacola e, às vezes, também joias. Miriam deixou de levar Lilah à escola durante cinco dias em fevereiro e, arrastando Malcolm com o único propósito de carregar sacolas, foram todos a Nova Orleans para o Mardi Gras, onde, nas palavras de Lilah, "compraram a cidade toda".

Como se tivesse de fato perdoado Elinor por tê-la entregado quando bebê quase quarenta anos antes, Miriam passara a chamar Elinor regularmente de "mãe" e Oscar de "pai". Ela permitiu um pouco mais de intimidade entre as casas, pois agora somente ela, de todos os Caskeys, tinha a família americana perfeita: pai, mãe e filha. As casas de Elinor e Queenie e a fazenda de Lucille e Grace eram todas reflexos distorcidos e incompletos dessa imagem perfeita. Elinor não lutou contra ela e, aos poucos, Miriam começou a se considerar a chefe da família. Estava na hora, em sua opinião, de Elinor abdicar da prisão.

Essa suposição de que era detentora do poder supremo na família

tendia a ter um efeito calmante no temperamento de Miriam. Uma usurpadora deve manter uma postura fria e implacável; uma soberana pode ser magnânima.



Por volta desse período, houve outra mudança considerável no modo de vida dos Caskeys, e isso tinha a ver com os criados. Durante décadas, cada uma das casas contara com uma mulher. Por conta dos quintais de areia estéreis que cercavam as propriedades, um só jardineiro fora suficiente para as três. Novamente, foi Miriam que impulsionou a mudança.

Quando Ivey se aposentou depois da morte de Sister, sua sobrinha Melva assumiu o lugar dela. Melva era uma boa cozinheira, mas não se empenhava em cuidar da casa. Então, em vez de dispensar Melva só porque ela não sabia limpar tapetes adequadamente, Malcolm foi até os vários Sapps e perguntou se eles tinham uma garota que *soubesse* realizar as tarefas. Encontrou uma de imediato e a contratou para limpar a casa. Agora, Miriam tinha duas criadas – o que era considerado suficiente para uma casa com apenas três pessoas, sobretudo quando ela passava tanto tempo fora e tantas das refeições da família eram feitas na casa ao lado.

Queenie havia contratado uma jovem para preparar o café da manhã de Tommy, mas ela ia à escola logo em seguida, voltando apenas no final da tarde. Como o rapaz também saía pelo meio do dia, Queenie contratou outra menina (dos Sapps, naturalmente) que não era muito boa em nada, mas que era ótima para lhe fazer companhia – o que no fim das contas era só o que Queenie precisava. Ela não gostava de ficar sozinha em casa nem mesmo durante o dia.

Zaddie passava dos 50 anos, mas ainda era capaz de manter a casa de Elinor; era o que fazia havia trinta anos, sempre deixando a patroa plenamente satisfeita. Mesmo assim, Elinor agora considerava que Zaddie não precisava mais trabalhar tanto, então enviou Malcolm até os Sapps. Ele voltou com uma menina para ajudar na cozinha, outra

que cuidava apenas da limpeza e um rapaz para realizar outras tarefas.

Depois da morte de Bray, Oscar pegou emprestados vários homens da madeireira como choferes, mas não estava satisfeito com essa solução. Oscar dizia só conseguir se sentir bem se fosse um dos Sapps ao volante. Sammy Sapp tinha carteira de motorista, mas ainda estava no último ano na escola de Babylon.

Oscar convenceu Sammy de que ele não precisava se formar no ensino médio. E, afinal, aquela nem era uma escola muito boa. Prometeu pagar ao rapaz mais do que ele jamais receberia se trabalhasse na madeireira. Já bastante apegado ao Sr. Oscar, Sammy não precisou de muitos argumentos. Oscar arranjou um uniforme para ele e comprou um Lincoln Continental novo em homenagem ao garoto.

Oscar, cuja visão ficava cada vez mais turva por conta da catarata, mandou Sammy levá-lo até San Antonio, onde se consultou com um oftalmologista de renome. O médico disse que a cirurgia era perigosa, podendo resultar em cegueira permanente. Oscar não mencionou o assunto para a família. Sammy levou Oscar por todo o interior, atravessando uma dúzia de estados, sempre em busca de campos de golfe novos para estrear. Sammy lhe servia de assistente, carregando seus tacos. O jovem negro se tornou especialista em descrições, pois Oscar, esparramado no banco de trás do Continental e com os olhos protegidos do sol, agora nem sequer se dava ao trabalho de olhar pelas janelas.

Na fazenda de Gavin Pond, Grace e Lucille ainda diziam que estavam bem apenas com Luvadia e Escue, mas o fato era que Luvadia tinha três filhos adolescentes além de Sammy, que exigiam bastante dela. Além disso, todos os dias trabalhadores iam à fazenda, bem como os homens que faziam a manutenção das máquinas pesadas, consertavam as cercas, enchiam os tanques de gasolina e tratavam do gado. Os trabalhadores das plataformas de petróleo ao sul da fazenda às vezes apareciam sob algum pretexto qualquer, e raras vezes havia menos do que uma dúzia de pessoas sentadas à mesa do almoço na fazenda de Gavin Pond.

Após tantos anos aparentando estar apenas um pouco acima dos

demais habitantes de Perdido, os Caskeys aos poucos se desfizeram de seu verniz grosseiro e conservador e agora pareciam despudoradamente exuberantes. Compravam carros novos todo ano e viajavam de avião na primeira classe. Sempre ficavam nos melhores hotéis e compravam nas lojas mais caras.

Elinor enviava Malcolm a Nova Orleans uma vez por mês, fazendo-o voltar com a mala do carro cheia dos vinhos e licores mais refinados. Ela recebia homens de negócios e políticos aos montes ao longo do ano, habituando-se de tal forma a entretê-los que era considerada a anfitriã perfeita, pois fazia tudo sem esforço e com uma graça inconsciente. Perdido não passava de uma pequena lagoa, mas os Caskeys teriam feito um espetáculo perfeitamente aceitável em águas muito mais profundas.

A cidade talvez tivesse se ressentido se essas mudanças não houvessem ocorrido de forma tão inconsciente por parte dos Caskeys, se a esfera da família não tivesse se ampliado com tanta naturalidade, sem que parecessem buscar agressivamente essa ascensão.

Não se notou qualquer mudança na conduta deles na cidade, e eles não tratavam ninguém de maneira diferente. Quando os Caskeys davam uma festa, o que faziam com muito mais frequência, as mesmas pessoas de cinco anos antes eram convidadas. A única diferença era que agora Perdido provavelmente veria ali pelo menos um dos senadores do Alabama, sem falar em algum texano que tivesse dezessete mil cabeças de gado ou uma mulher que chamasse a primeira-dama dos Estados Unidos pelo primeiro nome.

De todos os membros da família, Tommy parecia ser o menos afetado por essas mudanças. Continuava tímido e retraído. Quando alguém o procurava, sempre o encontrava em algum canto, o mais fora do caminho possível. Seus lugares preferidos eram o rio, onde adorava pescar; a floresta, onde adorava caçar; e o quarto de Queenie, onde conversava com a avó por horas a fio.

A maior parte da família não o menosprezava, muito pelo contrário, pois considerava uma função nobre manter Queenie feliz e ocupada. A mulher fizera companhia a Sister por muitos e muitos anos e, agora, estava sendo recompensada por essa lealdade por meio

do neto. E Deus sabia que Tommy não prestava para muita coisa além disso.

Lilah tinha vergonha de Tommy. Ela preferia ter qualquer outra pessoa no condado como primo. Ele era como uma mácula em sua imagem perfeita. Até que ponto ela podia ser sofisticada se um troglodita desajeitado como Tommy era o único parente de sua idade?

Ele não era exatamente seu primo, é claro, apenas sobrinho de seu tio-avô por casamento. Sempre que alguém na escola dizia que Tommy era primo de Lilah, ela tentava explicar esse parentesco um tanto confuso, mas nunca adiantava. No dia seguinte, Tommy era novamente o primo de Lilah. Não seria tão ruim se ele já não estivesse começando a ficar gordo, como todos os Stricklands. Queenie era gorda, Lucille também. Malcolm era bem grande, mas Miriam mantinha o marido tão ocupado que ele não tinha tempo de comer tanto quanto gostaria.

No Natal, Danjo enviou uma fotografia com a esposa Fred na Alemanha – e ele também era gordo. Danjo e Fred tinham dois meninos gordinhos, sendo que um deles já era conde.

A conduta de Lilah em relação a Tommy oscilava entre massacrá-lo impiedosamente e ignorá-lo. Quando o ignorava, era como se ele sequer existisse. Lilah não falava com ele, mesmo quando os dois se sentavam lado a lado à mesa de jantar.

Quando virava a cabeça na direção de Tommy, seus olhos não focavam o rapaz. Quando lhe dava atenção, era para bombardeá-lo com perguntas que ele não sabia responder: “Por que não faz uma dieta?”, “Se não quer fazer dieta, por que não experimenta jogar futebol americano?”, “Por que nunca sai com uma garota?”, “Por que não pergunta a Queenie se não pode me levar de carro a Nova Orleans para eu ir às compras?”.

Quando Lilah começou o ensino médio, Tommy já estava se formando. Ele a convidou para ser seu par no baile de formatura, mas ela recusou. Jamais iria ao seu primeiro baile na escola de braços dados com o primo! Tommy acabou indo sozinho. Malcolm o acompanhou, de modo que o garoto passou a noite inteira sentado ao

lado do tio em um canto do salão. Malcolm viu quanto Tommy estava infeliz e derramou uísque às escondidas no ponche do rapaz.

Foi Lilah quem convenceu Tommy a entrar na faculdade.

– Você *tem* que ir, Tommy. Isso é tudo que precisa saber.

Tommy ficou surpreso diante do interesse repentino de Lilah em seu futuro, suspeitando que o verdadeiro motivo por trás disso era que ela o queria ver fora da cidade. Tinha perfeita noção de quanto Miriam não gostava de tê-lo por perto, mas, como era de seu feitio, só conseguia admirá-la pela veemência com que ela o desprezava. Mesmo assim, Tommy não via necessidade de cursar uma faculdade.

– Olhe, Lilah, eu não sou nada bom em nenhuma dessas coisas.

– Que coisas?

– Ora, provas, notas e tudo mais. Além disso, a vovó meio que precisa de mim aqui.

– Se Queenie pudesse, amarrava você ao pé da cama dela! – exclamou Lilah com irritação. – Se deixar que ela prenda você aqui, nunca mais vou olhar na sua cara.

– Vovó tem sido muito boa comigo – ressaltou Tommy.

– Se você fosse para a faculdade, poderia entrar para uma fraternidade.

Ele olhou desconfiado para a prima.

– Tem certeza que alguém me convidaria?

– Claro – disse Lilah, segura. – Sabe por quê? Você é rico. Eles descobrem esse tipo de coisa. Quem é rico sempre é convidado a entrar para as fraternidades, porque eles sabem que essas pessoas podem pagar o que quiserem e comprar cerveja para as festas. Além disso, os ricos trazem seus carros para a universidade, têm casas de praia para dar festas e tudo o mais.

– Como as pessoas saberiam que sou rico? – perguntou Tommy Lee, que nunca carregava mais de 2 dólares no bolso, mesmo quando ia a Pensacola.

– Vão descobrir. Eles pesquisam os nomes das pessoas em um livro enorme que diz se alguém é rico ou não. Uma amiga minha viu um na casa de uma fraternidade uma vez – prosseguiu Lilah, confiante. – Então, se for para a universidade, vai poder entrar para uma fraternidade e me convidar para todas as festas que derem. Toda

sexta-feira à noite tem uma festa durante a temporada de futebol americano, e no restante do ano tem uma sábado sim, sábado não.

– E você iria?

– Claro que sim!

– Em qual universidade eu devo entrar?

– Quer dizer para qual deve se candidatar? – perguntou Lilah, refletindo sobre a questão. – A do Alabama é a que tem mais fraternidades, mas Auburn fica mais perto.

– Eu não me importo – disse Tommy. – A que você disser, está bom, Lilah.

Ele agora entendia que sua ida à faculdade teria um propósito duplo para Lilah. Não só o tiraria da cidade, onde ele só servia para constrangê-la, como lhe garantiria que seria convidada às festas das fraternidades. Se conseguisse, como uma mera aluna do segundo ano, ir a alguma das tão faladas farras de bebida e comportamento deliciosamente inconsequente, Lilah garantiria de forma instantânea um status elevadíssimo e inalcançável entre seus pares.

– Bem, até eu aprender a dirigir, você vai ter que vir aqui me buscar na sexta à tarde e depois me trazer de volta no sábado. Como Auburn é mais perto, seria melhor você ir para lá. Depois que eu tirar minha carteira de motorista, talvez você devesse pedir transferência para o Alabama.

Assim, Tommy Lee Burgess decidiu se candidatar à universidade de Auburn; embora atrasada, sua candidatura foi aceita.

Grace e Lucille se encheram de orgulho, naturalmente. Já haviam aceitado perder Tommy para Queenie, de modo que foi com prazer que as mulheres receberam a notícia de que ele faria um curso superior, indo muito além das expectativas de todos.

Queenie ficou desapontada, embora sua consciência não lhe permitisse negar ao neto permissão para ir à universidade. Na verdade, reunindo toda sua força de vontade, ela se recusou a dissuadi-lo, mesmo que de forma sutil. Tudo o que podia fazer era mimá-lo, comprando-lhe mais roupas do que ele conseguiria enfiar na mala do carro. Ela inclusive comprou um carro novo para Tommy, com um porta-malas maior justamente para esse propósito. Insistiu

em ir até Auburn para garantir que ele fosse instalado em um dormitório, por mais que Lilah tivesse implorado que não fizesse isso.

– Ora essa, Queenie! – disse Lilah, em um tom tão categórico quanto Miriam teria usado. – Ele só vai ficar lá duas semanas, no máximo.

O coração de Queenie acelerou diante dessa possibilidade.

– Você acha mesmo?! – exclamou ela. – Quer dizer que ele vai ter tantas saudades que voltará no mesmo instante para Perdido? Nunca achei que Tommy tivesse perfil para a universidade.

– Não – respondeu Lilah, impaciente. – Quero dizer que ele vai se mudar para uma fraternidade. Aposto que vai ser a Pi Eta. Ela sempre recebe todos os rapazes ricos. E dão uma festa da toga todo mês de setembro. Então, Tommy vai voltar para me pegar. Ele já prometeu que vou ser convidada. É claro que, se ele entrar para a Pi Épsilon, eles têm uma noite polinésia. Eu preferiria ir a uma festa polinésia a uma festa da toga, mas ainda acho que Tommy vai entrar para a Pi Eta.

Na última semana de agosto de 1961, Tommy e Queenie foram até Auburn no carro novo dele. Queenie conseguiu que ele fosse instalado em seu quarto no dormitório, observando com prazer enquanto Tommy tentava, com pouco sucesso, enfiar sua montanha de roupas novas no armário estreito e na única cômoda baixa reservados para ele. O colega de quarto de Tommy também apareceu, e Queenie levou ambos para jantar lampreia.

Queenie passou a noite no hotel de Auburn, fazendo Tommy ficar com ela em vez de no seu quarto na universidade. No dia seguinte, Lucille apareceu de carro e foi apresentada de forma espontânea ao colega de quarto perplexo como "minha mamãe da fazenda". Mais à tarde, após uma despedida lacrimosa, Lucille levou Queenie de volta para Perdido, sentando-se com ela à varanda da frente da casa de James até a meia-noite.

– Eu me sinto tão sozinha… – repetia Queenie a todo momento. – Nem tenho coragem de entrar em casa, sabendo que Tommy não vai estar lá.

– A senhora precisa entrar, mamãe, porque eu estou exausta e Grace está lá na fazenda esperando por mim.

Queenie bufou, se levantou da cadeira e permitiu que Lucille a levasse para dentro de casa.

– Eu poderia *matar* Lilah por ter mandado Tommy embora desse jeito. Lilah só quer um acompanhante para ir a uma festa onde ninguém vista nada além de um lençol com uma saia de folhas de grama por baixo. Ela poderia se vestir assim na própria casa e ninguém em Perdido teria dado um pio. Mas não! – Queenie suspirou. – Lilah tinha que mandar Tommy embora.

– Bem, mamãe – disse Lucille, sem muita compaixão –, agora você sabe como Grace e eu nos sentimos quando tirou Tommy de nós.

– Vocês se sentiram assim? – indagou Queenie, distraída.

– Ah, nos sentimos, sim – confirmou Lucille, enquanto se virava para ir embora.

Queenie ficou escutando os passos enquanto Lucille saía da casa. Ouviu a porta se fechar, a filha atravessar a varanda da frente e descer os degraus. Em seguida, Lucille cruzou o quintal em direção ao seu carro, que estava estacionado na estrada, deu a partida e, pouco depois, o som do motor se perdeu por trás dos ligustros que formavam uma cortina de árvores ao leste.

Queenie nem sequer tentou se enganar de que queria dormir. Queria apenas pensar em Tommy; ou melhor, no fato de que ele estava em Auburn, em um quarto apertado no dormitório de blocos de concreto dos calouros, e não onde deveria estar: aconchegado na cama grande e macia do quarto contíguo ao dela; na penumbra e na segurança daquele canto da casa antiga, sob a sombra do dique de Perdido.

Queenie ficou muito tempo acordada, pensando no neto, se lembrando com prazer das tantas vezes em que havia se sentado à mesa da sala de jantar para vê-lo tomar o café da manhã; das tantas vezes em que tinham ido juntos à casa de Elinor para jantar; das partidas de cartas ao fim do dia; das noites passadas assistindo à TV ou indo juntos ao drive-in para uma sessão de cinema; de como todos os dias eles se davam boa-noite pelo menos cinco vezes, trocando beijinhos antes de irem para suas camas. Ela pensou em como, durante três anos, Tommy havia impedido Carl Strickland de voltar àquela casa à noite.

Tommy a havia protegido, e agora Queenie estava sozinha.

Ela ficou deitada na cama, imóvel, pensando não mais no neto, mas apenas no fato de estar sozinha.

Naquela quietude, ouviu os pratos chacoalharem no armário da cozinha. Na verdade, era apenas uma leve vibração, mas Queenie já havia vivido naquela casa tempo o suficiente para saber quando algo perturbava os pratos no armário. Na outra ponta do corredor escurecido, para além da porta vaivém envernizada, dentro das cristaleiras fechadas, as melhores porcelanas de James estremeciam devido aos passos sorrateiros de alguém que andava o mais devagar e cautelosamente possível de um lado para outro na varanda da frente.

De repente, Queenie foi invadida pela incerteza, perguntando-se se Lucille teria ou não trancado a porta ao sair. Ela saltou da cama e foi na ponta dos pés até a porta do quarto. Espiou o lado de fora, olhando pelo corredor em direção à entrada da casa. Nada se movia, a escuridão e o silêncio eram totais.

Ela saiu para o corredor e os cristais no candelabro da sala de jantar repicaram de leve. Queenie não teve medo *disso*, pois seus passos o haviam causado.

Ela então seguiu a passos rápidos em direção à porta da frente. Conseguia vê-la com clareza, sua moldura branca se destacando na penumbra da casa escura, as cortinas finas e claras sobre os painéis de vidro tremulando de forma quase imperceptível ao sabor dos seus passos. Queenie via até a chave na fechadura. Viu também quando a chave girou.

De repente, toda a casa começou a tremer. Do outro lado da porta, alguém estava girando a chave na maçaneta e pisando firme com suas botas de um lado para outro na varanda, com o máximo de força possível, um pé depois do outro. A chave girava e girava na maçaneta de uma maneira que chaves nunca giravam – rápido, depois mais rápido ainda, enquanto todos os vidros e porcelanas da casa chacoalhavam e retiniam na escuridão.

Os passos continuavam na varanda, fazendo a casa inteira estremecer. Somente Queenie, diante das portas duplas abertas da sala de jantar, continuava parada, seus pés cravados no chão. A casa escura estava repleta da música dos objetos que balançavam e dos

vidros que partiam, uma orquestra estrepitosa que seguia o compasso do bater dos pés contra as tábuas soltas da varanda da frente.

A chave ainda girava sem parar, refletindo uma luz que não parecia estar em nenhuma outra parte da sala e penetrava os olhos de Queenie. Tonta, ela agarrou o batente da porta para se apoiar. Então, Queenie viu a chave saltar da maçaneta e cair no chão de madeira, o som da queda mal chegando aos seus ouvidos por conta do alarido da música que ressoava pela casa e os fustigava.

Subjacente a tudo isso, ouvia-se o som do Perdido, cujas águas corriam como nunca, ou talvez fosse apenas o sangue na cabeça de Queenie, pulsando ao ritmo das botas na varanda e do barulho de mil peças de porcelana e cristais naquela casa escura.

A figura de porcelana de uma pastora de Meissen em uma das pontas da cornija da lareira da sala de estar saltava para cima e para baixo ao compasso daquela música alucinada. Enquanto Queenie olhava para a pastora com seu carneiro dócil, enfeitado com um laço, e para o pastor com sua bengala e gaita de foles, ouviu o som agudo da música que os dois produziam. O pastor tocava sua gaita e a pastora cantava uma canção ao ritmo das botas que pisoteavam a varanda.

Queenie ficou ouvindo a música, *quase* entendendo as palavras. Com certeza as teria entendido se os pastores não tivessem sido lançados ao ar de repente e caído de cima da cornija, passando pelos azulejos pintados com flores holandesas, pela grade e pelas cinzas frias, até se espatifarem nos tijolos duros e lisos da lareira. A gaita de foles se calou e a canção chegou ao fim. A pastora e seu amante agora eram apenas uma pequena pilha de cacos de porcelana colorida, sem sinal de música e irreparáveis.

A menina dos Sapps que sempre fazia o café da manhã de Tommy chegou na manhã seguinte por hábito, embora soubesse que não seria necessária. Quem lhe dera ter ficado em casa. Ela encontrou Queenie caída no chão, morta e fria, diante das portas abertas da sala

de jantar. Duas moedas de 25 centavos, ambas datadas de 1929, cobriam seus olhos, a chave da casa enfiada na boca.

CAPÍTULO 7

Faculdade

O testamento de Queenie Strickland dividiu sua fortuna entre a filha, Lucille, o filho, Malcolm, e o neto, Tommy. Receber todo esse dinheiro, ações, terras e retornos na forma de royalties e dividendos não fez diferença para os três herdeiros. Lucille estava havia tanto tempo contente com Grace – que ficara rica por conta do que herdara do pai – que não se importou em fazer nada com a fortuna da herança. Malcolm apenas perguntou:

– Miriam, tem algum plano para este dinheiro?

Quando ela respondeu que não, ele permitiu que Billy continuasse a investi-lo como achasse melhor. Malcolm ficava pasmo com os relatórios mensais que sempre recebia de Billy, detalhando a própria fortuna, mas, no fim das contas, aquilo não significava nada para ele.

O dinheiro tinha ainda menos importância para Tommy, que estava infeliz em Auburn. Ele não gostava das aulas na faculdade, ainda tinha dificuldades em fazer amigos, sentia saudades terríveis de Perdido e lamentava sinceramente a morte da avó. Seu colega de quarto achava difícil crer que a família de Tommy tivesse algum dinheiro, pois o rapaz parecia estar sempre com os bolsos vazios. Bastou olhar para um dos relatórios de Billy, no entanto, para o colega se convencer de que estava enganado. Ele nunca sequer ouvira falar de alguém tão rico quanto Tommy Lee Burgess.

Então, ofereceu a Tommy um bom conselho:

– Abra uma conta-corrente aqui em Auburn, assim não vai ter que dirigir até Perdido sempre que precisar de uma nota de 5 dólares.

Tommy talvez tivesse se beneficiado dos conselhos do colega de quarto em relação a outros assuntos, mas tudo correu como Lilah previra. Ele foi convidado a se juntar à fraternidade da Pi Eta em

Auburn. Pelo bem de Lilah, certamente não pelo dele, aceitou o convite e se mudou para o dormitório da casa da fraternidade. Na semana dos trotes, foi despido, jogado na mala do próprio carro com as mãos atadas aos pés e largado em um banco de areia no rio Chattahoochee.

Na sexta-feira seguinte, ele voltou de carro para Perdido e buscou Lilah. Festas da toga eram coisa do passado para a Pi Eta, de modo que o tema da primeira festa da fraternidade foi os Estados Unidos anterior à Guerra de Secessão. Lilah ficou ainda mais contente, pois isso lhe dava a chance de usar algumas das joias que havia acumulado.

Lilah foi a todas as festas da Pi Eta naquela primavera e, no outono seguinte, foi a todos os jogos de futebol americano da Auburn, estivesse a equipe jogando em casa ou não, sempre por cortesia de Tommy. Perdido achava tudo isso um pouco ousado para uma menina que cursava apenas o segundo ano do ensino médio, mas Tommy era seu primo, afinal, e Miriam se limitou a dizer:

– Quem me dera ter tido as mesmas oportunidades na idade dela. Eu certamente não vou interferir na diversão de Lilah.

No verão de 1963, Lilah tirou a carteira de motorista e, no outono seguinte, foi de carro até Auburn para todas as festas da Pi Eta. Não deixou Tommy voltar para casa antes do Dia de Ação de Graças, pois não queria perder um só dos fins de semana fora de Perdido. Ficou furiosa quando a morte do presidente Kennedy decretou que a maior de todas as festas da Pi Eta fosse cancelada.

Na primavera de 1964, chegou a hora de Lilah se candidatar à universidade. Tommy supôs que ela iria para Auburn, já que gostava tanto dali. Os demais Caskeys, no entanto, sabiam que não deveriam fazer tal suposição. Não tinham se esquecido de que Miriam não anunciara suas intenções de ir para *qualquer* faculdade até o exato dia em que foi embora de Perdido. Não esperavam ser tratados melhor por Lilah.

E tinham razão. Mesmo que Lilah tivesse se candidatado a alguma universidade, não contara a ninguém. Miriam tinha suas suspeitas, que inclusive confidenciou a Elinor:

– Mamãe, acho que Lilah está tramando alguma coisa.

Era óbvio que estava, pois havia feito Miriam e Malcolm

prometerem que nem sequer *olhariam* para os remetentes das cartas que chegavam para ela pelo correio.

Elinor e Miriam negariam se alguém perguntasse se as duas estavam ficando mais íntimas, mas eram mulheres maduras, com rotinas e personalidades bem definidas. Miriam estava no início dos 40 anos e Elinor, pelas contas de todos, deveria ser, no mínimo, vinte anos mais velha. Miriam adorava café – na verdade, era quase viciada na bebida. Continuava sentada à mesa de jantar muito depois de todos já terem saído. Geralmente, Elinor ficava com ela, deixando uma xícara de café esfriar à sua frente como pretexto de que continuava ali só por isso.

– Você vai se sentir sozinha quando Lilah for embora – disse Elinor, alertando a filha. – Tão sozinha quanto eu me senti quando a tirou de mim.

– Você superou isso – falou Miriam, dando de ombros.

– Não totalmente – confessou Elinor. – Ainda sinto falta dela.

Miriam sorriu.

– Quer tê-la de volta?

– Do jeito que ela é agora? – perguntou Elinor, em tom de retórica, balançando a cabeça e franzindo as sobrancelhas.

– Como assim "do jeito que ela é agora"?

– Ela costumava ser um amor de criança.

– Lilah nunca foi um amor.

– Você também não. Mas pelo menos eu conseguia manter Lilah sob controle enquanto ela morava aqui. Não era *sempre* que a deixava conseguir o que queria.

– E eu deixo? – indagou Miriam.

– Você dá tudo que ela quer. E muito mais do que ela precisa.

– Eu gosto de dar coisas para Lilah. Quem me dera que vovó e Sister tivessem me dado coisas quando eu tinha a idade dela. Tudo que consegui teve que ser com meu suor. Eu trabalhei muito e conquistei tudo o que tenho.

– E Lilah nunca trabalhou dois minutos na vida inteira. Nunca teve que se esforçar por nada.

– Lilah se formou como oradora da turma. Nunca vi uma menina

tão inteligente quanto ela. Poderia ter ido para a faculdade dois anos atrás se a tivessem deixado entrar.

– Lilah nunca teve que se esforçar para ter aquelas notas – rebateu Elinor. – E repito: Lilah nunca teve que se esforçar por nada. Acho que você se esqueceu de dizer uma coisa para ela.

– E o que é, mãe?

Elinor não respondeu de imediato, mas dedilhou suas pérolas negras com um sorriso, parecendo saborear a palavra *mamãe*.

– Lilah é o único membro desta família que não tem nada em seu nome.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que todos os outros ou receberam dinheiro de alguém ou deixaram muito dinheiro para alguém. Todos, até Malcolm e Tommy. Todos têm dinheiro que não acaba mais. Eu já vi os relatórios mensais de Billy. E Lilah é a única de nós que não recebe.

– A senhora não vai deixar nada para ela em seu testamento? – perguntou Miriam. – Ela é sua neta.

– Não vou dizer o que tem em meu testamento, Miriam. Você só vai descobrir depois que eu morrer, e meu conselho é que não seja impaciente. Posso continuar viva por muito tempo.

– Bem, *alguém* vai ter que deixar algo para Lilah. E Billy? Para quem mais ele deixaria seu dinheiro? Ou Oscar. Ele tem mais do que o suficiente. Não estou preocupada com Lilah. Acha que vou deixá-la desamparada?

– Não, não acho – respondeu Elinor. – Mas talvez fosse vantajoso para Lilah se lhe dissesse que deveria sentir ao menos um *pouco* de gratidão por tudo que fez por ela.

– Não quero agradecimento nenhum, mamãe. Se um dia quiser, peço para Lilah me enviar um cartão.

– Ela até enviaria um… se você o comprasse e lambesse o selo para ela.

Miriam chamou Zaddie da cozinha, e Zaddie, sem que ninguém pedisse, trouxe um bule de café fresco.

– Mamãe, o que acha que Lilah vai fazer em relação à faculdade?

– Não sei. Por que não pergunta a ela?

– Não é da minha conta. A decisão é dela. Ela sabe melhor do que eu quais universidades são boas e quais não são. Eu fiz faculdade durante a guerra. É tudo tão diferente agora…

– É você quem vai pagar. Tem o direito de saber.

– Tommy acha que ela vai para Auburn.

Elinor balançou a cabeça.

– Duvido. Isso é só o que Tommy *acha* que ela vai fazer. De todo modo, não acho que você deva se preocupar com qual universidade ela vai escolher. Deveria se preocupar se vai voltar a vê-la depois que ela partir.



O fim do verão se aproximava, e Lilah continuava sem dizer nada. No final de agosto, Miriam teve que ir a Nova York e, por desencargo de consciência, perguntou a Lilah se ela gostaria de acompanhá-la.

Lilah fez as malas e partiu com Miriam e Malcolm no dia seguinte. Hospedaram-se durante quatro noites no Plaza. Enquanto Miriam tratava de negócios durante o dia, Lilah arrastou Malcolm pela Quinta Avenida e pela Madison Avenue afora, comprando roupas por todo o caminho. Malcolm carregava os pacotes e assinava os cheques, sem nunca reclamar de quanto dinheiro Lilah estava gastando.

Na tarde do quarto dia, carregado de compras, Malcolm entrou aos trancos e barrancos em um restaurante na East 57th Street atrás de Lilah. Depois de se sentarem e de ela ter pedido uma bebida, Malcolm disse:

– Sabe, Lilah, tem uma coisa que se esqueceu de comprar.

– O quê?

– Mais duas malas para levar tudo isso de volta para casa.

– Não vou precisar – falou Lilah.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que vou ficar aqui.

Malcolm correu os olhos pelo restaurante, perplexo.

– No Plaza? Sozinha?

– Não, Malcolm! Não no Plaza nem sozinha. Vou estudar aqui. Na

Barnard. Ela fica em Nova York. É uma faculdade para mulheres associada à Colúmbia. É uma boa universidade. O programa de orientação de calouros começa na segunda-feira. Já reservei minha vaga no dormitório. Este aí – acrescentou ela, indicando os pacotes empilhados debaixo da mesa – é meu guarda-roupa de outono.

Foi bom a bebida de Malcolm ter chegado tão rápido.

– Traga outra para ele – pediu Lilah ao garçom.

Malcolm deu um bom gole em sua primeira bebida.

– Já contou para Miriam? – perguntou ele, apreensivo.

– Ninguém sabe além de você.

– Ouça, querida – disse Malcolm. – Todos em Perdido vão ficar muito chateados se não voltar conosco. Já pensou nisso?

– Não tenho tempo para voltar para Perdido, Malcolm. Eu já disse: a orientação dos calouros começa na segunda-feira.

– Ora, me parece que já sabia disso quando veio para cá.

– É claro que sabia. Já sei disso há meses. Eu teria que vir aqui neste fim de semana de um jeito ou de outro. Foi sorte você e Miriam terem que viajar para cá no mesmo momento.

– Mas por que não se despediu de todos antes de ir embora?

– Porque não queria ninguém chorando pitangas. Então não comece, Malcolm. Sua outra bebida está vindo.

Foi Malcolm quem contou a Miriam sobre os planos de Lilah naquela noite, depois que a esposa voltou para o hotel. Lilah ficou sentada à beirada da cama no quarto ao lado, esperando ser chamada. Não precisou esperar muito.

– Bem, já foi ver seu dormitório? – indagou Miriam, seca.

– Não, senhora – respondeu Lilah. – Ele só vai abrir na segunda-feira.

– Aposto que é minúsculo. O meu era. Não prefere um apartamento?

– Deixe eu ficar um pouco no dormitório, depois veremos.

– Tem alguma irmandade na Barnard? – perguntou Miriam.

– Não, senhora. E não me importo. Estou velha demais para esse tipo de bobagem.

– Quer que Malcolm e eu esperemos até segunda-feira para garantir que corra tudo bem no seu primeiro dia?

– Deus me livre! Não mesmo! – exclamou Lilah, que suava frio diante da ideia de seus pais adotivos aparecerem no seu primeiro dia na faculdade. Em seguida, cedeu um pouco: – Bem, vocês podem ficar até domingo à noite e depois pegar o voo de volta. Se pagarem a conta aqui para eu poder ficar até segunda pela manhã, eu vou ficar bem.

E tudo ocorreu assim. Somente Tommy ficou surpreso quando Miriam e Malcolm voltaram de Nova York sem Lilah. Era exatamente o tipo de atitude que a família esperava da jovem. A mesa de jantar na casa de Elinor, que mal havia se recuperado da ausência de Queenie, parecia ter encolhido terrivelmente.

– Você perguntou a Lilah se ela algum dia vai nos deixar vê-la outra vez? – indagou Oscar durante o jantar.

– Ela falou que poderiam visitá-la em Nova York – respondeu Malcolm –, desde que não fossem à faculdade. Disse que não queria ter que nos apresentar a ninguém.

Malcolm deu de ombros como se dissesse: *Não era exatamente assim que vocês esperavam que ela fosse agir?* E todos à mesa assentiram, como se ele tivesse falado isso em voz alta.

– Ela vai sentir falta de casa, lá no norte – previu Billy.

– Lilah?! – exclamou Miriam.

– *Você* sentiu quando foi para a faculdade, e estava a apenas 80 quilômetros daqui, em Mobile – atalhou Elinor. – Grace disse que, quando foi até lá, você chorava toda noite até dormir.

– Não me lembro disso.

– É claro que lembra – falou Oscar. – Nunca vi ninguém tão feliz em voltar para casa naquele primeiro Dia de Ação de Graças.

– É melhor ficar atenta a Lilah – sugeriu Billy –, para garantir que ela esteja mesmo feliz lá.

– Não quero estar sempre em cima dela – rebateu Miriam, balançando a cabeça. – Ela vai achar que estou tentando me intrometer.

– Basta não deixar de ir a Nova York o máximo que puder – retrucou Elinor, ignorando as justificativas da filha. – Fique de olho nela. Malcolm, você pode ir até sozinho, de vez em quando. Não dê a

entender que foi vê-la, finja que foi levar documentos ou algo parecido. Compre algumas roupas novas para ela.

– *Disso* ela vai gostar – concluiu Malcolm, concordando.



Os Caskeys não precisavam ter se preocupado. Lilah se virou muito bem sozinha. Ficava feliz em ver Miriam, Malcolm ou Billy quando qualquer um deles estava em Nova York, e em uma ocasião chegou até a apresentar Miriam à sua colega de quarto. Voltou para casa no Dia de Ação de Graças, no Natal e no recesso de primavera naquele primeiro ano, mas passou o verão viajando pela Europa. Fez questão de evitar encontrar Danjo, por mais que o filho dele fosse *mesmo* um conde.

No segundo ano na Barnard, Lilah se mudou para um apartamento no East Side e, desse ponto em diante, Miriam e Malcolm passaram a ficar no Carlysle, a apenas três quarteirões do flat de Lilah. Nesse ano, ela voltou a Perdido apenas para o Natal e, no terceiro, somente uma vez, para um fim de semana em abril, e só porque era o aniversário de 45 anos de Miriam, que a subornou com um colar de pérolas duplo; uma espécie de presente de aniversário ao contrário.

Após se formar na Auburn, Tommy voltou para Perdido. Miriam lhe ofereceu um trabalho na madeireira. Em vez disso, ele retornou para junto de Grace e Lucille na fazenda de Gavin Pond. Elas o receberam com alegria, mas um tanto surpresas por Tommy ter escolhido ficar com as duas.

– Aqui é tão monótono… – falou Lucille. – Não há nada para fazer. Grace e eu achávamos que você se mudaria para Nova York para ficar com Lilah.

– Lilah não me quer – comentou Tommy com um suspiro.

– Talvez alguma outra garota queira – arriscou-se a dizer Grace.

Tommy balançou a cabeça.

– Melhor assim – falou Grace, taxativa. – Os homens não têm nada que se casar. Só servem para causar problemas às mulheres. Eu te

amo, Tommy, mas você provavelmente não seria melhor do que a maioria deles.

– Não – concordou Tommy –, eu provavelmente não seria.

Ele voltou a caçar, pescar e fazer tudo o que costumava fazer sete anos antes de morar com Queenie em Perdido. Parecia genuinamente feliz, sem desejar outra vida além daquela, tão pacata e sossegada. Certa vez, por falta de algo melhor para fazer, pegou um dos barcos de Grace e desceu com ele o pântano ao sul da fazenda, se perdendo no labirinto de cursos d'água e ilhotas de vegetação, até deparar com uma das plataformas de petróleo. Curioso, fez perguntas aos homens que trabalhavam ali.

Quando descobriram que ele era membro da família dona daquelas terras, os homens se dispuseram a fazer sua vontade. Ele voltou ao pântano no dia seguinte, e no outro também, e logo aprendeu tudo o que havia para aprender. Com o tempo, passou a levar a Miriam informações que se mostraram consideravelmente valiosas – do tipo que as empresas petrolíferas esperavam manter em segredo dos Caskeys.

Miriam então percebeu que, afinal, Tommy poderia ser vantajoso para ela e para a família. Ela conversou longamente com o rapaz sobre os documentos, os livros-razão e os contratos que envolviam o negócio do petróleo, algo que Tommy também entendeu sem grande dificuldade. Por não ter encontrado nada mais interessante, ele havia se formado em administração na Auburn.

Depois disso, quando Malcolm estava indisposto ou ocupado com outras coisas, Miriam levava Tommy com ela para Houston, Nova Orleans ou Nova York. Grace não precisou de nenhum convencimento para acrescentar uma ala de escritórios na casa para Tommy, contratando duas meninas que cursavam o segundo ano na escola de Babylon para ajudar com a papelada que não parava de aumentar.

Tommy fez amizade com muitos dos homens que trabalhavam nas plataformas de petróleo. Muitas noites, vários deles iam à casa para beber cerveja, contar histórias e zombar de Tommy por ele ter tanto dinheiro e ainda querer mais. Grace e Lucille entravam e saíam dessas reuniões com panelas enormes de camarão cozido, tigelas de batatas

fritas e engradados de cerveja gelada. Aqueles eram bons homens, sustentava Grace, pois trabalhavam arduamente e não tinham interesse em se casar.

Enquanto a fazenda de Gavin Pond parecia abarrotada naqueles dias, com os novos amigos de Tommy e todos os vários trabalhadores agrícolas, o conjunto de casas dos Caskeys em Perdido parecia abandonado. Elinor, Oscar e Billy continuavam sozinhos na casa grande, os três envelhecendo juntos; na casa ao lado, Malcolm assistia à TV à noite, enquanto Miriam ficava sentada com seus jornais todos espalhados sobre uma mesa de centro larga diante do sofá.

A casa de Queenie continuava inabitada. Aos poucos, foi sendo preenchida com os detritos da existência opulenta dos Caskeys. Roupas velhas eram guardadas em caixas e amontoadas nos quartos. Móveis que ninguém mais queria eram entulhados em cômodos já cheios de coisas. Tapetes puídos eram enrolados e empilhados junto às paredes. Billy mantinha todos os registros mais antigos da família ali, em caixas bem organizadas e rotuladas. A cozinha estava abarrotada de móveis de varanda antigos. O quarto de Queenie tinha mais de vinte luminárias em um canto, cada qual tristemente à espera de um conserto que nunca chegaria.

Os brinquedos das poucas crianças dos Caskeys estavam todos preservados com cuidado no quarto antigo de Tommy. As preciosas bugigangas de James, que nunca tinham sido adequadamente armazenadas após sua morte, foram deslizando das prateleiras e se espatifando, uma a uma. Ninguém as via ou ouvia cair, mas, sempre que alguém ia à casa, havia uma nova pilha de cacos de porcelana, vidro ou louça no chão.

Estava tudo coberto de poeira, e ratos mordiscavam as quinas das portas fechadas. O sótão foi invadido não só por esquilos como também por uma família inteira de guaxinins. Uma das meninas dos Sapps, empregada por Miriam, se recusava a chegar perto da casa, pois dizia que cascavéis tinham feito ninhos debaixo dos degraus dos fundos.

Em 1959, em uma noite de tempestade, um relâmpago atingiu um dos carvalhos-aquáticos no quintal dos fundos da casa e partiu a parte de cima da árvore, que despencou contra o que costumava ser o

quarto de James. O buraco resultante era feio, mas, como ficava do lado oposto à casa de Miriam, foi apenas remendado com placas de aço.

No inverno de 1966, enquanto os Caskeys jantavam, a casa de James pegou fogo. Todos os bombeiros disponíveis em Perdido foram chamados, mas a casa se incendiou por completo em menos de meia hora. Os Caskeys ficaram observando, com o que parecia ser uma completa impassividade, da varanda lateral da casa de Miriam, enquanto Zaddie distribuía a sobremesa e Elinor servia café de um dos melhores bules de prata de James.

CAPÍTULO 8

Oscar e Elinor

Oscar se tornou idoso de repente. O incêndio da casa de Queenie foi o culpado, embora naquela ocasião ele não tivesse dado grande importância ao fato. Ficara sentado à varanda de Miriam, bebendo seu café e cumprimentando os bombeiros enquanto Elinor lhe dizia quais dos homens estavam ali. Lamentava apenas que tantas das coisas que haviam sido armazenadas naquela casa talvez pudessem ter sido úteis a alguém se tivessem sido doadas.

– Pobre Queenie… – falou ele com um suspiro. – Pobre James, pobre Genevieve e pobre mamãe…

Mesmo assim, ele disse não ter pena da destruição da casa. Além de velha, era impossível manter uma casa onde ninguém vivia. O risco de incêndio era constante, e não se podia entrar pela porta, segundo Sammy Sapp contara, sem que um milhão de pulgas saltassem do carpete e se enfiassem pelas suas roupas.

Miriam poderia contratar um homem para fazer um jardim ali, se quisesse, ou poderiam construir uma garagem espaçosa para seus carros. A casa era desnecessária, e estava fadada a ser consumida pelas chamas cedo ou tarde.

Depois daquela noite, a solidão de ter sobrevivido parecia pesar sobre Oscar. Ele começou a sentir falta de James, da mãe e de Queenie com uma frequência e intensidade que o surpreendeu e alarmou. Sua visão ficava mais fraca a cada dia e, à medida que a luz real do mundo exterior era bloqueada, velhas sombras se tornaram visíveis para ele.

Nos momentos em que a casa estava silenciosa, enquanto sua mente divagava, ele ouvia a voz dessas sombras o chamando. Quando

desligava o rádio depois do jogo de futebol americano, ele ouvia Genevieve (logo ela) chamar seu nome em um quarto distante.

– Venha cá! – ouvia Oscar, e quase saltava da cadeira.

Ou então sonhava com a mãe, deitada inerte na cama do quarto da frente. No sonho, ela abria os olhos e o chamava com uma voz fraca. E, no instante em que ele se levantava da cadeira de balanço ao pé da sua cama, Oscar acordava; mas continuava a ouvir a voz de Mary-Love, abafada, como se viesse de trás da porta fechada de seu antigo quarto.

Toda manhã bem cedo, Sammy Sapp o levava de carro até o country club do lago Pinchona para jogar uma ou duas partidas de golfe, mas Oscar não conseguia enxergar a bola depois de ela sair do pino, mal distinguindo para que lado ficava o buraco.

– Para onde ela foi, Sammy? – perguntava ele após cada tacada.

Não importando onde a bola fosse parar, Sammy conduzia o Sr. Oscar para mais perto do buraco e escolhia um lugar apropriado para largar uma bola que trazia no bolso. Oscar suspeitava desse truque, mas sabia que não conseguiria jogar de outra maneira. Quando outros jogadores começavam a chegar por volta das dez da manhã, Oscar dizia estar cansado e pedia que Sammy o levasse de volta para casa.

Ele tinha um rádio potente na sala de estar do andar de cima, e ficava sentado junto do aparelho a tarde toda, ouvindo qualquer jogo que estivesse sendo transmitido, estreitando os olhos para ler os jornais de Mobile contra a luz do sol da tarde que entrava pelas janelas voltadas para o oeste.

Quando não havia jogo, Oscar lia os jornais em silêncio. Tentou restabelecer seu grupo de dominó, mas os companheiros que restavam estavam tão cegos quanto ele, e descobriram que, à noite, muitas vezes contavam errado o número de pontos nas peças de marfim antigas.

Billy e Miriam o mantinham a par das notícias sobre a madeireira e os negócios de petróleo, mas Oscar as ouvia sem grande atenção. Já não se interessava muito por nada daquilo. Preocupava-se apenas com Tommy e Lilah: queria saber quando iriam encontrar seus parceiros.

– Precisamos de bisnetos – dizia ele, sem escrúpulos. – Precisamos

que Tommy e Lilah encontrem alguém com quem se casar e nos deem mais bebês.

– Para podermos roubá-los? – brincava Elinor, rindo.

– Faz tanto tempo que não temos bebês por aqui. Esta casa velha está tão sem vida, e Miriam também não ajuda. Mas imagino que seja tarde demais para Miriam ter bebês.

– É, sim.

– E suponho que Billy nunca vai voltar a se casar.

– Nunca – concordou Elinor.

– Vai ser muito solitário para nós aqui se Tommy e Lilah não se apressarem.

– Aqueles dois ainda são jovens.

– Eu sei, eu sei, mas, se demorarem muito, quando acontecer já não vai nos adiantar de nada.

Oscar não queria saber de ninguém que não conhecesse havia anos. Reconhecia as pessoas somente por suas vozes, e vozes novas lhe soavam estranhas e enervantes. Dizia que a menina dos Sapps que limpava a casa não fazia ideia de como fazer uma cama com colchão de penas. Assim, Elinor e Zaddie passaram a arrumar a cama dele, afofando seus quatro colchões do jeito que ele gostava.

No fim da tarde, Sammy o levava para passear de carro pela cidade. Enquanto Oscar ficava no banco de trás, Sammy descrevia o que via dos dois lados da rua.

– O Sr. Cailleteau está saindo da farmácia, Sr. Oscar. Acene pela janela esquerda. E a Sra. Gully está saindo do estacionamento em seu carro novo, um Chevette vermelho. Ela não nos viu, então não precisa acenar…

Oscar não descia para receber visitas. Quando havia um estranho à mesa, sempre pedia licença para sair o mais rápido possível. Às vezes, dizia que não seria boa companhia e simplesmente pedia para Zaddie levar seu jantar até o andar de cima, que ele comia assistindo ao noticiário na TV. Zaddie se sentava com ele nessas ocasiões, conversando com Oscar e lhe fazendo companhia, mas também para o caso de ele deixar comida cair ou precisar de algo que ela pudesse resolver sem alarde.

Era bom que Zaddie tivesse tantas outras meninas dos Sapps sob

seu comando, pois cuidar de Oscar tomava uma parcela cada vez maior de seu tempo. Ele a queria do seu lado durante o dia para lhe fazer companhia e conversar com ele. Os dois assistiam juntos à novela *As the World Turns*, fazendo previsões sobre o que aconteceria a seguir e desaprovando as constantes maldades dos vilões da história.

Quando o *Press-Register* de Mobile era entregue, por volta das três da tarde, Zaddie o lia em voz alta para ele. Oscar ainda fingia tentar lê-lo por conta própria, mas Zaddie sempre o arrancava de suas mãos, dizendo:

– Sr. Oscar, não vou deixar que fique agarrado a este jornal. Também quero saber as notícias. Então continue sentadinho aí e me deixe ler em voz alta. Quer começar pela primeira página ou pelos obituários hoje?

Juntos, Oscar e Zaddie acompanharam o movimento pelos direitos civis do Alabama com todo o ardor e interesse com que seguiam a novela de meio-dia e meia.

– O Sr. Wallace está sendo muito duro com a sua gente – declarou Oscar. – Não é melhor enviarmos Sammy até lá com uma carta ou algo parecido, pedindo que ele relaxe um pouco?

– O senhor escreve a carta e eu pago a gasolina do Sammy – disse Zaddie.

– Você deseja igualdade, Zaddie? – perguntou Oscar, recuperando algo de seu antigo tom pomposo e cortês.

– Igualdade em quê, Sr. Oscar? Com quem?

– Não quer um salário melhor? Não quer deixar de pagar uma taxa para votar? Se sua gente votasse, Zaddie, se sequer registrassem todos os Sapps desta cidade, poderiam tomar o poder. Poderiam ter um prefeito negro, um xerife negro, negros em todos os cargos que imaginar.

– Suponho que sim.

– Então façam isso! Você poderia ser prefeita, Zaddie. Eu votaria em você. Elinor também. Miriam e Malcolm também. Aposto que seria a primeira prefeita negra do Alabama!

– Aposto que sim. Mas quem leria o jornal para o senhor todo dia?

– Não sei, Zaddie. Não sei. Talvez você não devesse se candidatar, afinal. Não seria a mesma coisa se eu não ouvisse os obituários toda

tarde. Talvez você devesse desistir dessa ideia de política. Mas vou dizer o seguinte: no meu testamento, deixarei dinheiro suficiente para você começar uma campanha e tirar o Sr. Wallace do governo. Aposto que conseguiria pôr Selma e Sylacauga nos eixos de novo.



À noite, depois do jantar, Oscar subia à sua sala de estar no andar de cima, fechava a porta e ligava o rádio. Ouvia partidas de futebol que aconteciam em lugares distantes.

Billy e Malcolm geralmente estavam na sala ao lado, assistindo à TV juntos. Miriam e Elinor ficavam no andar de baixo, demorando-se à mesa. O desejo de Oscar por companhia diminuía a cada dia. Não havia ninguém ali da sua idade, da sua geração, com exceção de Elinor.

James e Mary-Love estavam mortos havia tempos, e era dessa maneira que Oscar pensava neles. Ou seja, *ele* nunca esperava que qualquer um dos dois entrasse pela porta e lhe pedisse alguma coisa. Não podia dizer o mesmo de Sister e Queenie. Muitas vezes ele tinha a impressão de ouvir a risada estridente de Queenie vindo da varanda com tela ou de ouvir Sister reclamando aos berros no quarto ao lado. Nessas horas, Oscar aumentava o volume do rádio, como se o som pudesse impedi-lo de ouvi-las quando o chamavam.

Era apenas tarde da noite, depois de as luzes se apagarem e o quarto mergulhar na escuridão de fato, e não só aquela causada pela sua visão deteriorada, que Oscar voltava a ser algo parecido com seu antigo eu. Apenas Elinor era a feliz testemunha dessa pequena transformação noturna. Oscar e Elinor conversavam noite adentro, sobre a família, sobre como Lilah deveria estar em Nova York, sobre como Miriam e Malcolm se davam bem, sobre a leva seguinte de melhorias na fazenda de Gavin Pond. Conversavam sobre a cidade, sobre como o estacionamento seria ampliado, sobre como precisariam em breve de uma quarta professora para o terceiro ano, sobre como talvez devessem doar algum dinheiro para o reparo do relógio e dos sinos da prefeitura. Trocavam fofocas.

As notícias da comunidade negra chegavam aos ouvidos de Oscar por meio de Zaddie Sapp, que as transmitia de bom grado, geralmente durante os comerciais da novela *As the World Turns*.

Oscar falava com loquacidade e espontaneamente com a esposa, os dois deitados na cama juntos, ele normalmente de costas e Elinor virada de lado para ele, um dos braços pousado de leve sobre o peito do marido. Quando enfim se cansava, ele simplesmente interrompia a esposa ou a si mesmo com um sucinto "Boa noite, Elinor", adormecendo de imediato.

Somente uma vez Elinor se opôs a esse corte, na noite de 1967, depois de todos terem passado o dia na fazenda de Gavin Pond.

– Não durma ainda, Oscar. Quero conversar com você.

– Estou cansado, Elinor. O que foi? – perguntou ele com impaciência.

– Seus olhos. Seus olhos estão incomodando você hoje. Eu notei.

– *Todos* notaram – disse ele após uma pausa. – Teriam que ser tão cegos quanto eu para não notar.

– Está pior, não está?

– Está. Essas coisas só pioram. Nunca melhoram.

– Oscar, não adianta nada ser grosseiro comigo.

– Então vamos parar de falar nisso!

– Temos que falar – insistiu Elinor, apertando o braço dele. – Daqui a pouco você vai ficar cego.

Oscar se calou por alguns instantes, então comentou baixinho:

– Lembra quando Sammy e eu fomos de carro até o Texas cinco anos atrás, porque eu disse que havia um monte de campos de golfe por lá que eu não conhecia e que queria ver antes de morrer?

– Sim.

– Bem, eu não fui até lá jogar golfe. Os campos no Texas são *horríveis*, todo mundo sabe disso. Não fui até lá por isso. Fui me consultar com um médico, no Texas A&M Hospital. Ele disse que eu poderia fazer uma cirurgia, mas que havia um grande risco de ela me deixar cego para sempre. Então voltei para o carro e disse: "Sammy, vamos para casa. Estou farto do Texas." Não quis enganar você, Elinor. Só não tive coragem de contar.

– Oscar, eu sei de tudo isso.

– Como você sabe? – perguntou Oscar, surpreso.

– Sammy contou para Zaddie que tinha levado você a um hospital enquanto estavam no Texas, e eu o fiz lembrar o nome do hospital. Então liguei para lá, conversei com seu médico e ele me revelou tudo.

– Que bom! Não gostei nada de enganar você.

Elinor lhe deu um abraço apertado.

– Oscar, gostaria de ver o dia em que vai conseguir me enganar.

– Eu também, Elinor, eu também. Posso dormir agora?

– Não – disse Elinor, voltando ao assunto. – Eu falei de novo com aquele médico.

– Por que você fez isso? – perguntou Oscar, agora alarmado.

– Falei para ele que você estava piorando. Ele disse que você deveria marcar outra consulta. As coisas podem ter mudado.

– Elas *mudaram*. Eu estou pior. Muito pior do que cinco anos atrás. Elinor, você faz ideia de quanto medo eu tive de ir àquele médico, de quanto me custou? Não sei se consigo voltar lá sozinho.

– Tudo bem – disse ela, tranquilizando-o. – Eu vou com você.

– Você vai?

– É claro que sim. Você e Sammy podem ir no banco da frente, e eu vou no banco de trás com seus colchões de pena – sugeriu Elinor, rindo. – O que eles devem pensar no Hilton quando você chega com uma maleta e um homem carregando cinco colchões de pena?

– Eles dizem: "Deixe-me acompanhá-lo à sua suíte, Sr. Caskey." Eu sempre fico em uma suíte, porque daí eles não se importam com *nada* que eu faça. Suponho que estejam acostumados com velhos ricos loucos. Pobre mamãe – lamentou-se ele com um suspiro.

– "Pobre mamãe"?

– O que ela pensaria de mim agora? Um velho rico e louco, sendo carregado pelo Sul pelo filho de Luvadia Sapp em um carro cheio de colchões e travesseiros. A mamãe não ficou doente um dia na vida, pelo menos não até morrer. O que ela pensaria de mim, tão cego que tenho medo até de me levantar da cadeira se houver mais alguém por perto? Com medo de dar uma topada em algo e todos descobrirem que eu não enxergo um palmo à frente do nariz?

– É por isso que vamos ao Texas – sussurrou Elinor.

– Não toque no assunto comigo – implorou Oscar. – Apenas trate

de tudo. Mas não me diga quando vai ser. Não me diga que marcou a consulta e reservou uma suíte no hotel. Quando for a hora de ir, diga apenas: "Oscar, vista as calças! Vamos dar um passeio." E, durante todo o caminho até o Texas, vou fingir que vamos jantar em Pensacola.

Ele riu da própria fraqueza.

– Então é assim que vamos fazer – concordou Elinor. – Muito bem, Oscar! Pode dormir agora. Deve ter sido cansativo para você desembrulhar tantos presentes.

– Fiz Zaddie sentar do meu lado, para ela poder me dizer o que era o quê. A única vez que ela não precisou me contar o que eu tinha aberto foi quando chegou a hora do presente de Tommy. Ele sempre me dá o mesmo raio de pijama todo ano. Sempre do tipo errado. Aquele menino não tem a menor…

Ele se interrompeu de repente.

– O que foi? – perguntou Elinor.

– Elinor, você precisa me prometer uma coisa.

– O quê?

– Não me pergunte o que é. Apenas prometa.

– Eu prometo. O que quiser, Oscar. O que quer que eu prometa?

– Prometa que vai me deixar morrer antes de você. Prometa que não vai me fazer viver sozinho nesta casa velha e enorme. Permita que eu morra antes. Quero que me prometa isso.

Elinor pressionou o rosto contra o peito do marido.

– Eu prometo – disse ela, sem hesitar, em um tom de voz que transmitiu confiança a Oscar. – Estarei aqui para cuidar de você até seu último dia de vida.

– Eu não conseguiria viver sem você – declarou Oscar, de forma bastante casual, os dois deitados juntos no escuro. – Nem iria querer tentar.

Elinor ficou calada, mas colou seu corpo ainda mais ao do marido.

– Por que você veio? – indagou ele.

– Por que eu vim? Para onde?

– Por que veio aqui para Perdido? – perguntou Oscar, reflexivo. – Mamãe sempre fazia esta pergunta: "Por que Elinor veio para

Perdido?" Eu sempre respondia: "Mamãe, não importa. Só fico feliz por ela ter vindo."

– Mary-Love com certeza não ficou nada feliz – comentou Elinor com frieza.

– Não, não ficou – admitiu Oscar sem pestanejar. – Mamãe achava que você tinha vindo com um único propósito: me roubar dela.

– E como sabe que não foi por isso?

– Ah, foi? – falou ele, com uma curiosidade serena. – Você se escondeu no Hotel Osceola durante três dias…

– Quatro dias.

– … quatro dias, esperando que Bray e eu chegássemos naquele velho bote verde? Ainda se lembra daquele bote?

– Lembro.

– Então foi isso? Você ficou esperando por mim lá, como mamãe dizia?

– Oscar, eu nunca quis nada neste mundo além de você – respondeu Elinor, evasiva.

– Também queria ser rica e ter uma grande família para ser a chefe dela. Queria que todo mundo se arrumasse para o jantar, queria…

Elinor riu.

– É claro que eu queria tudo isso. Que mulher com algum juízo não iria querer? Mas nada disso teria importado para mim se você não estivesse do meu lado.

– E quando eu morrer? – questionou Oscar, em tom leve. – E quando você ficar sozinha? Você acabou de me prometer que vou morrer primeiro. Quando essas coisas forem tudo o que lhe restar, elas não terão importância sem mim?

– Não. Não é isso que estou dizendo. E, Oscar, eu certamente não pretendo vestir você para se deitar no caixão, ver você ser enterrado ao lado de Mary-Love e cair morta em cima da sua sepultura. Mas, quando você morrer, todas essas outras coisas vão começar a desaparecer. Eu sei que sim. E, quando tiverem desaparecido, eu também vou morrer.

– Desaparecer… – sussurrou Oscar. – Meu Deus, Elinor. Nós estamos tão velhos!

– É o que acontece aqui – disse Elinor.

– Aqui?

– Aqui em cima, em terra firme…

– Ah, sim. Aqui em cima, em terra firme. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

– Que pergunta?

– A pergunta da mamãe. Quando Bray e eu estávamos remando pelas ruas inundadas desta cidade e passamos pelo Osceola, você estava sentada em seu quarto, na beirada da cama. Eu vi você ali. Sabia, Elinor, que eu chorei no dia em que demoliram aquele hotel? Chorei porque me lembro daquela manhã de domingo de Páscoa, em que resgatei você daquele quarto. Mas esta é a pergunta: eu a resgatei mesmo? Tudo isto, esta casa, a madeireira e a fazenda de Gavin Pond, todos esses parentes podres de ricos que temos, os poços de petróleo, ações e títulos, os quatrocentos cofres de Miriam cheios de joias, criados para tudo e mais alguma coisa, e você e eu deitados aqui nesta cama no escuro… Elinor, isso tudo é por minha causa, porque eu resgatei você, ou é por sua causa… porque estava à minha espera, como mamãe sempre disse?

– Sua mãe – falou Elinor, virando-se para o outro lado e dando as costas a Oscar – sempre achava que tinha razão e que todos os outros estavam errados. Bem, Oscar, às vezes Mary-Love *tinha* razão sobre as coisas.

CAPÍTULO 9

Os pijamas de Oscar

Sem contar a Oscar, Elinor marcou a consulta com o médico no Texas A&M Hospital e, em um belo dia de fevereiro, disse ao marido:

– Oscar, vista as calças. Vamos dar um passeio.

Enquanto Oscar se vestia, Elinor e Zaddie desfizeram a cama. Sammy Sapp e Malcolm pegaram os cinco colchões de Oscar e seus quatro travesseiros preferidos e deram um jeito de enfiá-los no porta-malas do Lincoln Continental, deixando espaço suficiente para Elinor se espremer no banco traseiro.

– Vamos apenas jantar em Pensacola! – gritou Oscar para Miriam e Malcolm. Como Sammy sussurrou em seu ouvido, sabia que eles estavam parados na varanda da frente da casa. – Mas não nos esperem acordados.

A cada 15 quilômetros, Oscar se virava para perguntar:

– Elinor, já chegamos a Pensacola?

– Estamos chegando, Oscar. Sammy, o que diz aquela placa logo à frente?

– Pensacola, 15 quilômetros.

– Tenha paciência, Oscar. Vamos chegar em um instante.

Por mais óbvio e enfadonho que fosse, Oscar se divertia com aquilo e continuou a perguntar por todo o caminho até o Texas. Elinor havia reservado a suíte mais ampla do maior hotel de Houston, e Sammy e três carregadores de malas subiram os colchões até o quarto, colocando-os no lugar dos que estavam no cômodo. Elinor fez a cama ela mesma e informou às camareiras que continuaria encarregada disso.

Oscar foi no dia seguinte ao médico, que diagnosticou uma piora em sua visão. Agora, uma cirurgia seria mais perigosa do que anos

antes e as chances de cegueira total eram ainda maiores. Por outro lado, Oscar já estava quase cego, de modo que já não havia tanto a perder.

– Ele vai operar – falou Elinor, ao que Oscar assentiu com relutância.

A cirurgia foi marcada para dali a uma semana. Nesse meio-tempo, Oscar, Elinor e Sammy ficaram no hotel, nenhum deles feliz em passar tanto tempo longe de Perdido. A cirurgia foi realizada, e Oscar saiu dela completamente cego.

Os colchões foram colocados de volta no carro, e Oscar e Elinor, com Sammy ao volante, retornaram a Perdido.

– Aquele jantar em Pensacola não me caiu bem, Elinor – limitou-se a dizer Oscar.

Enquanto o conduzia pela calçada até a casa, Elinor disse:

– Não vamos conseguir manter isso em segredo. Você sabe disso, não sabe?

Oscar assentiu.

– Quando as pessoas me virem cair de cabeça e sair rolando pela escadaria da prefeitura, vão *saber*.

Mas, no fim das contas, as coisas melhoraram para Oscar depois disso. A cegueira não era muito diferente da pouca visão que lhe restava antes, e pelo menos agora não havia uma deterioração angustiante.

Já não era preciso tentar esconder o fato de que necessitava de ajuda para se deslocar pela casa. Tinha uma desculpa para não falar com as visitas. Todos os seus subterfúgios e engodos foram deixados de lado junto com os óculos de lentes grossas; já não precisava de nada daquilo. Não descia mais para jantar; permanecia em sua sala de estar com Zaddie.

Elinor não impediu que Oscar se retraísse para o próprio mundinho. Ele era capaz de passar uma semana sem sair do quarto ou da sala de estar. Desabituou-se do restante da casa. Atravessar os outros cômodos era uma aventura tão exigente para ele quanto andar até a loja de Ben Franklin sem um guia. O conjunto de aposentos nos fundos do segundo andar começou a cheirar a Oscar, assim como o quarto de Sister fora tomado por seu cheiro quando ela estava viva.

Nos dias de sol, Zaddie conduzia Oscar até o carro para que Sammy o levasse para um passeio pela cidade e depois para o country club do lago Pinchona. Sammy estacionava o Continental junto ao campo de golfe e Oscar ficava sentado ali dentro, imóvel, sentindo o cheiro da grama recém-cortada e ouvindo com prazer as tacadas nas bolas e as imprecações dos jogadores. Quando passavam por perto, eles diziam a Oscar:

– Ei, Sr. Caskey, não quer sair deste carro quente e jogar uma partida conosco?

– Quem está me chamando? – indagava Oscar em resposta.

– Fred Jernigan e Roscoe.

– Fred, Roscoe, claro! Vou até aí se prometerem que vão jogar com os olhos vendados.

– Nós prometemos – diziam Fred e Roscoe às gargalhadas, e então seguiam para o próximo buraco.

Billy Bronze servia de algum consolo para Oscar à noite, pois ouvia com ele os jogos de futebol no rádio. No entanto, Oscar tinha pouca paciência para os outros membros da família.

Miriam às vezes o visitava por alguns minutos, com Malcolm a tiracolo, trazendo notícias sobre a madeireira – mas Oscar havia perdido todo o interesse nos negócios. Tudo o que queria saber era se tinham notícias de Lilah, se já estava casada, se estava saindo com alguém ou interessada em algum rapaz em especial. Grace, Lucille e Tommy iam muito raramente a Perdido depois da morte de Queenie. Quando o faziam, visitavam Oscar por consideração, mas tinham pouco a dizer a ele. Em uma dessas visitas, Oscar se virou para Tommy e perguntou:

– Tommy, você já tem namorada?

– Não venha falar de namoradas, Oscar – ralhou Grace, irritada. – Não queremos que ele comece a trazer para casa garotas que não aprovamos e de quem não sabemos nada a respeito. Quando Tommy quiser se casar, ele vai nos comunicar, e Lucille e eu vamos passar um pente-fino em todo o interior para encontrar a jovem certa. Não é mesmo, Tommy?

– É, Grace – concordou Tommy Lee passivamente.

– Ele pode se casar depois que Grace e eu morrermos – falou

Lucille, em tom condescendente. – Não tem por que pensar no assunto antes disso. É rico! – acrescentou, embora não fosse exatamente relevante para a conversa. – Pode ter a mulher que quiser.

– Eu não quero ninguém – retrucou Tommy. – Exceto, talvez, Lilah.

– Bem, se Miriam pôde se casar com Malcolm, então Lilah certamente poderia se casar com você – disse Grace.

– Foi o que pensei – comentou Tommy, que tinha uma opinião bastante precisa de si mesmo e de suas capacidades. – Cheguei a falar isso com ela.

– E o que ela respondeu? – perguntou Oscar.

– Falou: "Nem sonhando."

– Grace, converse com Miriam sobre isso – sugeriu Oscar. – Talvez ela consiga colocar algum juízo na cabeça daquela menina. Tommy, se você e Lilah se casarem este ano, poderiam começar a ter filhos antes de eu morrer.

– Eu bem que gostaria de lhe dar esta alegria, Oscar – concordou Tommy. – Preferiria lhe dar um bebezinho de Natal do que aqueles velhos pijamas de sempre.

Zaddie, que estivera sentada em silêncio durante toda aquela pequena reunião, gesticulou para indicar que Oscar estava cansado. Grace, Lucille e Tommy se levantaram no mesmo instante e, despedindo-se com o mínimo de cerimônia, foram embora.

O inverno de 1968 foi especialmente frio e úmido no sul do Alabama. Todos tiveram que aturar dias de chuva congelante, ventos fortes e noites friorentas e nubladas, imaginando que o dia seguinte raiaria límpido e quente. Isso raramente acontecia.

Na fazenda de Gavin Pond, Lucille estava preocupada com algumas camélias pequenas e muito raras que ela acabara de plantar no outono. Tratava-as com todo o cuidado, dia após dia, ficando cada vez mais desanimada, pois as plantas raras pareciam prestes a morrer.

Saía na chuva todo dia, pondo terra nova em volta das raízes, cobrindo-as com plástico e erguendo pequenas cercas de proteção ao redor delas. Por volta do final de fevereiro, quando o clima mais quente *decerto* não tardaria a vir, o empenho de Lucille rendeu frutos, com as camélias dando todos os indícios de que sobreviveriam.

No entanto, Lucille estava acamada com o que parecia ser uma gripe forte. Após uma semana, foi diagnosticada com pneumonia e internada no Hospital do Sagrado Coração, em Pensacola. Grace, Tommy e Elinor se organizaram para passar dias alternados com ela e, assim, Lucille nunca ficar sem companhia.

Oscar reclamou com Elinor que não queria ficar sozinho.

– Deixe Grace ou Tommy irem. Preciso de você aqui, Elinor.

– Grace tem muito o que fazer na fazenda, Oscar. E Tommy também é bastante ocupado. Sou obrigada a ir, e faço isso com prazer. Lucille ficaria aflita sem ninguém ao seu lado no hospital. E não sei o que quer dizer com ficar sozinho. Zaddie não está aqui em cada minuto do dia quando não estou? Além do mais, eles nos expulsam do hospital às onze, então à meia-noite eu já estarei em casa.

Os horários de visita terminavam muito mais cedo na maior parte do hospital, mas Lucille tinha um quarto particular e, de todo modo, os Caskeys eram uma família bem conhecida na região. Não houve empecilhos para essas visitas discretas fora dos horários habituais.

Nas noites em que Elinor ficava com Lucille no hospital, Oscar não sabia o que fazer. A temporada dos jogos de futebol tinha acabado, e ele não gostava de basquete, de modo que o rádio não lhe servia de nada. Ficar sozinho o deixava ranzinza. Ele dizia para Miriam, Malcolm e Billy saírem para comer fora. Se Elinor não estava por ali, Oscar não queria nenhum deles por perto. Em uma dessas noites, Zaddie trouxe o jantar, sentando-se com ele durante todo o noticiário da noite, mas logo em seguida Oscar a mandou descer com a bandeja.

– Volte depois e ajeite minha cama, Zaddie. Estou cansado.

– É a chuva, Sr. Oscar – consolou Zaddie. – É ela que deixa o senhor tão cansado o tempo todo.

– Deve ser, deve ser – concordou Oscar, escutando por alguns

instantes o som da chuva que batia no peitoril da janela da sala de estar. – Onde eles foram jantar? Você sabe?

– Foram à fazenda. Tommy caçou aves para eles, imagino.

– Não é temporada de caça. Aquele menino ainda vai arranjar problemas qualquer dia desses. Eles nos deixaram sozinhos, Zaddie.

Zaddie não desceu com a bandeja, pois Oscar parecia disposto a conversar. Em vez disso, foi ao quarto dele e fez sua cama como Oscar gostava.

– O jantar estava ótimo, Zaddie!

– Que bom que o senhor gostou! – exclamou Zaddie.

– Só eu e você na casa hoje à noite, Zaddie. Eu, você e a chuva.

– Sim, senhor.

– Elinor me disse que a chuva destruiu todas as azaleias este ano.

– Isso mesmo, senhor. Não sobrou muita coisa.

– Que pena. Elinor sempre teve muito orgulho daquelas azaleias.

Zaddie voltou à sala de estar.

– Vai direto para a cama, Sr. Oscar?

– Acho que sim. Essa chuva toda está me dando sono.

– A mim também, Sr. Oscar. Precisa de ajuda para vestir seus pijamas?

– Não, eu consigo. Pode descer. Tem alguma menina dos Sapps lá embaixo para ajudar você a lavar os pratos?

– Com certeza. Tem duas delas na cozinha, assistindo à TV.

– Está bem. Vamos fazer assim, Zaddie: desça até a cozinha e, depois que acabar de arrumá-la, suba aqui só para ver se estou bem.

Oscar não queria a ajuda de Zaddie para se despir, isso seria humilhante demais. Por outro lado, ele quase sempre precisava do auxílio de Elinor para desatar os sapatos, desafivelar o cinto e encontrar seu pijama favorito. Não tinha tanta certeza de que conseguiria fazer tudo isso sozinho.

– Precisa da luz, Sr. Oscar? – perguntou Zaddie enquanto pegava a bandeja.

– A luz não vai me servir de muita coisa – respondeu Oscar com uma voz baixa e cansada. – Pode descer.

– Volto daqui a pouco para ver se o senhor está confortável.

Zaddie desceu, deixando Oscar na escuridão do segundo andar. A

chuva tinha ficado mais intensa na última meia hora. Enquanto seguia tateando da sala de estar para o quarto, ele passou pela janela e foi molhado por um jorro d'água. Oscar afastou o braço e torceu a manga da camisa encharcada na altura do punho. Sentou-se à beirada da cama e tirou os sapatos sem se preocupar em desamarrá-los. Tirou as meias e, em seguida, se empenhou em desafivelar o cinto. Após alguns instantes, ficou aliviado ao ouvir a fivela se abrir. Despiu as calças e as cuecas, depois desabotoou os punhos da camisa, deixando as abotoaduras caírem no chão.

Após tirar a camisa e a blusa de baixo, pôs-se a arrastar os pés até a cômoda. Abriu uma das gavetas e tateou lá dentro, em busca de cuecas, mas aquela parecia ter apenas meias. Tentou a gaveta de baixo, e nela encontrou o pijama. Vestiu-o, mas algo na textura e no cheiro dele o convenceu de que não era um dos que estava habituado a usar. Voltou a passos lentos para a cama e se deitou, puxando as cobertas até o queixo.

Não fosse pelo pijama a que não estava acostumado, estaria bastante satisfeito. Elinor tinha feito a cama naquela manhã exatamente como ele gostava; Zaddie a ajeitara, afofando os travesseiros bem do jeito que ele sempre os queria.

Ainda era cedo, mas, como o barulho da chuva o impedia de ouvir Zaddie e as meninas dos Sapps na cozinha, parecia muito tarde. Oscar tinha a sensação de que poderia ter adormecido de imediato, não fosse pelo pijama diferente. Deveria ser o que Tommy lhe dera no Natal anterior. Tommy, tornou a refletir Oscar, sempre dava pijamas e sempre do tipo errado. Ele se perguntava quantos daqueles haviam sido queimados no incêndio da casa de James. Centenas, provavelmente. Cômodas e baús cheios de pijamas ainda embrulhados, com laços decorativos, em suas embalagens de celofane cheias de tiras de papel.

Mas, nem mesmo a sensação do tipo errado e estranho de pijama foi suficiente para vencer a influência sonífera do ruído da chuva, de modo que Oscar Caskey em pouco tempo dormia profundamente.

Oscar acordou um pouco mais tarde, sem ter como saber quanto tempo havia se passado. Ainda chovia. A casa continuava a parecer vazia; Elinor não estava na cama ao seu lado. Ele suspirou, desejando não ter ido se deitar tão cedo. Perguntou-se se Zaddie tinha subido para ver se ele estava bem. Queria poder saber que horas eram.

Um dos problemas de ser cego era nunca saber as horas. Perdia a capacidade de avaliar o passar delas com base nas alterações da luz e das sombras. Além disso, agora o pijama lhe parecia mais desconfortável do que antes. Oscar achava que pijamas deveriam ser feitos de algodão, algodão puro, e nada mais. Aqueles eram de algum outro tecido; e isso o manteria acordado a noite inteira.

Quanto mais pensava no pijama, mais convencido ficava de que teria que sair da cama e procurar outro. Um pijama que fosse todo de algodão, não engomado e que já tivesse sido usado naquela cama. Enquanto ficava deitado ali, pensando se deveria se levantar naquele exato instante ou esperar um pouco, teve a impressão de que ouvia vozes acima do barulho da chuva. Talvez Elinor estivesse de volta, conversando com Zaddie no andar de baixo. O som da chuva, no entanto, era alto e ele não sabia ao certo se seus ouvidos não estariam lhe pregando uma peça.

– Elinor – chamou ele.

Sua voz soou abafada e fraca naquela atmosfera pesada. Ela não o teria ouvido nem que estivesse no quarto ao lado.

– Elinor! – tornou a chamar, desta vez mais alto.

Uma voz pareceu responder. Mas era impossível determinar de quem era, de onde vinha ou o que dissera. A chuva, batendo nos peitoris, escorrendo pelas telas, caindo sobre os rodapés, o impedia de saber quem mais estava na casa.

Ele continuou deitado, imóvel, sem se lembrar do pijama, enquanto se esforçava para ouvir aquelas vozes se repetirem. Seus olhos estavam arregalados e atentos, mas não viam absolutamente nada.

Oscar!

Ele ouviu isso. Ouviu seu nome ser chamado. Quem quer que fosse, estava no segundo piso; não na sala de estar, mas no corredor.

Mais além, provavelmente na outra extremidade, diante do quarto da frente.

– Elinor – chamou ele com uma voz fraca, sabendo que não era a esposa nem Zaddie quem o havia chamado.

A voz não soou outra vez. Oscar tentou se lembrar como ela era, tentou recriar em sua mente, sob o ruído da chuva, a configuração exata daquelas duas sílabas familiares para determinar quem o chamava do quarto da frente.

Billy, foi seu primeiro palpite. Billy poderia ter atravessado o corredor das roupas de cama entre seu quarto e o quarto da frente, aberto a porta e chamado seu nome. Mas aquela voz não era a de Billy, que pronunciava seu nome de outra forma.

– Quem é? – questionou Oscar, afastando as cobertas da cama.

Poderia ter sido Miriam, Malcolm ou até Grace, pensou Oscar, aflito, mas o que qualquer um deles estaria fazendo no quarto da frente? Ninguém mais ia àquela parte da casa. Não era estranho como padrões rígidos se estabeleciam quando uma casa se esvaziava daquela forma? Havia três quartos lá em cima que nunca eram usados. Oscar inclusive ouviu Zaddie falar que não fazia mais as camas neles. Se as fizesse, os lençóis mofariam antes que qualquer pessoa voltasse a dormir ali.

Oscar saiu devagar da cama. O chão estava frio e parecia úmido sob seus pés. Ele deu alguns passos em direção à porta para a sala de estar, parando de repente quando sentiu uma dor aguda ao pisar em uma das abotoaduras caídas. Chutou-a de lado e prosseguiu, agitando os braços. O ar estava frio.

Zaddie devia ter fechado mais janelas, pensou.

Ele tateou até chegar à porta, onde se deteve, agarrando o batente dos dois lados. Então se inclinou para a frente e escutou. Não ouviu nada além da chuva. Embora houvesse apenas uma só janela na sala de estar, o barulho da chuva parecia mais alto do que no quarto. Se fechasse todas as janelas, conseguiria ouvir se seu nome fosse chamado, mas duvidava de sua capacidade de fazer isso sem tropeçar nos móveis. E, já que havia chegado até ali, era melhor seguir até o corredor.

Foi o que ele fez, atento aos mínimos ruídos. A chuva tamborilava

contra a janela das escadas à sua esquerda. Sob aquele tamborilar, Oscar achou ter ouvido algo mais; um arrastar de pés, o som de movimento e um sussurro. Parecia vir da parte dianteira da casa, do quarto da frente.

– Elinor? – chamou Oscar, não por achar que a mulher estava em casa, mas porque queria que ela estivesse do seu lado.

Ele atravessou o corredor e, arrastando a mão pelo papel de parede úmido, seguiu em direção à frente da casa. Os sussurros e o arrastar de pés pararam, e tudo o que ele ouvia era o tamborilar da chuva.

– Quem é? – gritou ele. – Quem está aí?

Chegou à porta do quarto da frente e pressionou a orelha em um dos painéis. Uma rajada de vento soprou contra a porta com painel de vitral mais adiante no corredor, mas, no instante seguinte, as batidas ritmadas da chuva voltaram a se fazer ouvir.

Oscar bateu à porta.

– Quem está aí? – insistiu ele.

Ouviu ruídos vindo lá de dentro, como se alguém, ou mais de uma pessoa, tivesse se movido de repente ali.

– Quem é? – repetiu Oscar.

Ele pressionou a mão direita na porta, deslizando-a para baixo até agarrar a maçaneta. Girou-a e, quando estava prestes a abrir a porta, ouviu seu nome ser chamado de novo.

Oscar!

– Mamãe? Mamãe, é você?

Ele abriu a porta.

– Mamãe? – repetiu.

Oscar!

Ele? É ele?, disse a segunda voz, com um ceceio cantarolado e vibrante. A voz de um rapazinho.

Ele ouvira a voz da mãe à direita. Oscar se virou naquela direção. Sem se lembrar de como os móveis estavam dispostos no quarto da frente, tinha medo de tropeçar em alguma coisa.

– Mamãe, se for a senhora, me responda.

Ele ouviu as molas da cama rangerem, como se alguém tivesse se

sentado. Mais rangidos – que desta vez soaram diferentes – sugeriam que alguém acabara de se deitar na cama.

Ele? É ele?, repetiu a voz aguda.

Sim, foi a resposta que veio da cama.

Então Oscar ouviu algo raspar de leve no chão e sentiu braços pequenos, de criança, enlaçarem suas coxas. Os braços da criança estavam molhados, a umidade penetrando o tecido do pijama de Oscar.

Ele tentou manter o equilíbrio, mas caiu para a frente. Por sorte, estava perto da cama, que impediu sua queda. Quando estendeu o braço para a escuridão, sua mão foi agarrada com força. A mão que a agarrou estava molhada e escorregadia, as unhas se enterrando na palma de Oscar.

Ao mesmo tempo, a criança continuava agarrada às suas pernas, tentando puxá-lo para o chão.

Este aqui. Este aqui, sibilava a criança.

Oscar se debateu. Libertou a mão e se virou para trás, sentando à beira da cama. Agitando os braços, ele agarrou a criança. O menino arranhou Oscar furiosamente com suas unhas grandes.

– Quem é você? – indagou Oscar, segurando a criança com força e a puxando para si.

O menino estava todo molhado e fedendo. O hálito asqueroso do Perdido foi bafejado no rosto de Oscar.

John Robert, falou a voz atrás dele. Oscar sentiu o colchão se remexer às suas costas. Quem quer que estivesse ali estava se sentando. Dois braços o agarraram com firmeza por trás.

– John Robert DeBordenave – sussurrou Oscar, soltando a criança de repente.

O nome veio aos seus lábios sem que ele o buscasse, sem nem sequer lembrar que tal criança tinha existido, sem que conseguisse recordar que fim ela havia levado. Ele ouviu a criança correr para longe. Algum móvel pequeno foi derrubado, e Oscar começou a escutar o som de madeira se partindo.

John Robert estava morto. Tinha se afogado no Perdido. Oscar se lembrava agora. Mas, se ele estava morto, e mesmo assim estava ali

naquele quarto, então a mãe de Oscar também poderia estar. Oscar agarrou os braços que o seguravam firme. Virou a cabeça.

– Mamãe – chamou ele. – Mamãe, é você? Não me aperte tanto, está me sufocando.

Se era mesmo Mary-Love, ela não estava disposta a largá-lo. Apertou Oscar com mais força, até parecer que ele não conseguiria mais respirar. Enquanto isso, John Robert continuava a quebrar o móvel que havia derrubado.

A chuva batia nas janelas do quarto da frente, e Oscar tinha a sensação de estar imerso nas águas do rio, de tão forte e impregnante que era o cheiro do Perdido no quarto. A princípio, mal notou quando John Robert começou a bater em suas pernas com um pedaço de pau. Mas a insensibilidade se tornou dor quando John Robert girou a madeira e um prego protuberante, torto e enferrujado, mas ainda afiado, começou a fustigar suas pernas, rasgando a carne com a mesma facilidade com que rasgou o tecido do pijama.

– Mamãe, faça-o parar – implorou Oscar. – Faça-o parar. Não tenho como. Estou cego. Mamãe…

Oscar talvez estivesse enganado. Talvez não fosse Mary-Love. Mas, fosse quem fosse, ela não impediu John Robert. Em vez disso, empurrou Oscar para a frente, jogando-o no chão. Então o menino parou acima dele, golpeando-o no peito e nos ombros, enterrando o prego repetidas vezes na carne de Oscar com uma monotonia brutal.

O homem ficou caído, trêmulo, até parar de se mexer. Então ouviu a voz da mãe, soando lenta e melancólica:

Não é por você, Oscar. É por Elinor.

– Mamãe? – chamou Oscar, sua voz fraca. – Mamãe, eu perdi a visão…

O pedaço de pau que o espancava sem misericórdia se aproximou do rosto de Oscar.

Os olhos, instruiu a voz de Mary-Love. *John Robert, os olhos.*

– Mamãe… – murmurou Oscar.

Foi sua última palavra. John Robert brandiu a perna da mesa uma última vez, fazendo o prego solitário romper a catarata no olho de

Oscar, arrebentar o globo ocular e rasgar o nervo óptico, enterrando-se 7 centímetros em seu cérebro.

CAPÍTULO 10

Passos

Foi Elinor quem descobriu o corpo de Oscar, contou as perfurações no cadáver, extraiu o prego alojado em seu cérebro e convenceu Leo Benquith, aposentado e senil, a assinar um atestado de óbito sem ao menos ver seu velho amigo.

Foi Elinor quem o preparou para o enterro e, com a ajuda de Zaddie, ergueu o corpo enrijecido do marido para depositá-lo no caixão. Toda a cidade protestou, mas Elinor disse:

– Oscar me fez prometer que eu faria tudo sozinha.

Os demais membros da família não protestaram; Elinor sem dúvida tinha seus motivos, e provavelmente o melhor a fazer era não questionar.

Ela doou toda a mobília daquele quarto e da sala de estar – os móveis com que Oscar e Elinor haviam começado sua vida de casados – para Escue Wells e Luvadia Sapp na fazenda de Gavin Pond. Todas as roupas de Oscar e toda a roupa de cama que tinha sido usada naqueles quartos foram distribuídas entre os pobres por meio da Igreja Metodista da Baixada dos Batistas.

– Este quarto tem o cheiro de Oscar – falou Elinor para Zaddie. – Não quero ter que sentir o cheiro dele quando for dormir à noite. Não preciso ser lembrada dele dessa forma. Já penso em Oscar o suficiente sem isso.

Começou a circular um boato de que, no fim das contas, a morte de Oscar não tinha sido natural. No entanto, um assassinato parecia pouco provável. Não havia ninguém em casa naquela noite além de Zaddie, e todos sabiam e louvavam a maneira como ela havia cuidado de Oscar depois da cegueira.

Como Leo Benquith não conseguia falar, nem sequer para

fornecer detalhes que pudessem corroborar insuficiência cardíaca como a causa da morte, conforme constava no atestado de óbito, a cidade acabou por decidir que Oscar, deprimido devido ao fracasso da cirurgia de catarata, se suicidara. Dizia-se que seu último bilhete a Elinor estava agora em um cofre em Mobile. O suicídio explicava de forma aceitável todo o mistério que cercava a preparação bastante secreta do cadáver de Oscar Caskey.

Ele se afastara tanto da família nos últimos anos de vida que sua morte só fez diferença para Elinor, Zaddie e Sammy. Apenas eles haviam tido algum contato com Oscar naqueles últimos dois anos. O pobre Sammy se perguntava se teria que abdicar de seu uniforme e se mudar de volta para a fazenda. Como muitos dos Sapps antes dele, preferia a vida da cidade. Elinor manteve o cargo de Sammy, dizendo que uma mulher da sua estatura deveria ter um chofer.



Perdido observou Elinor Caskey com atenção. O comportamento de uma viúva era sempre motivo de interesse e comentários, e ela era tudo menos uma mulher comum. Perdido notou algumas coisas: primeiro, ela não chorou no funeral; segundo, ela não continuou de preto após a cerimônia, tampouco alterou sua rotina. Continuou a viver exatamente como quando Oscar ainda estava vivo.

Durante os quase cinquenta anos de casamento, Elinor parecia ter sido devota ao marido, e vice-versa. De forma impiedosa, Perdido concluiu que o casamento, sobretudo nos últimos anos, havia sido apenas de fachada. Elinor e Oscar continuaram juntos por mera conveniência, pois uma separação teria sido desvantajosa do ponto de vista financeiro para toda a família. Perdido tinha certeza de que o relacionamento entre os dois havia esfriado à medida que envelheceram. Elinor, exasperada com a cegueira do marido; Oscar, definhando por conta da falta de compaixão da esposa.

Mesmo entre a família, Elinor nunca falava sobre Oscar. Nunca cometia o erro, tão comum entre aqueles que perdiam um ente querido, de falar nele como se ainda estivesse vivo. Toda manhã,

depois que as camas eram feitas, Sammy levava Elinor e Zaddie de carro para o cemitério, onde Zaddie depositava flores frescas no túmulo de Oscar. Elinor nunca saía do carro ou sequer baixava a janela, o que dava àquele ritual um aspecto tão frio e superficial que Perdido concluiu ser tão falso quanto o luto da mulher.

Na parte nova da cidade, entre as pessoas que viviam em Perdido havia apenas vinte ou trinta anos, corriam boatos de que o velho Caskey não tinha morrido de causas naturais – e sim que Elinor e sua criada o haviam matado pelo dinheiro que receberiam de herança.

O boato mostrava como a família Caskey estava mudando. O fato de isso nunca ter chegado aos seus ouvidos mostrava que sua relação com a cidade também não era mais a mesma. Perdido havia crescido e prosperado. As pessoas que compraram terras ali após a descoberta do petróleo agora nadavam em dinheiro. Havia também os proprietários das novas lojas e outros negócios que atendiam a esses novos-ricos e lhes prestavam serviços. O dinheiro que esguichava da terra, brotando de centenas e centenas de poços, tomou conta de Perdido, jorrando sem parar, até parecer que toda a cidade se afogaria nele.

A madeireira dos Caskeys continuava ativa, expandindo-se ainda mais sob o comando de Miriam, mas não era mais o pequeno negócio local que costumava ser. Os trabalhadores agora vinham de toda parte, deslocando-se a cada manhã de Brewton, ao norte, e de Jay e de Bay Minette, ao sul.

Três turnos completos mantinham a madeireira funcionando 24 horas por dia. Miriam só permitia que as instalações fossem encerradas aos domingos e nos feriados nacionais. É claro que um grande número de habitantes de Perdido ainda trabalhava na madeireira ou ganhava sua vida indiretamente com ela, mas a empresa já não parecia fundamental para o bem-estar da cidade. Perdido agora estava cheia de estrangeiros, pessoas que não tinham um interesse genuíno na cidade.

Os Caskeys, é claro, eram muito ricos – muito mais do que qualquer pessoa em Perdido suspeitava, na verdade, pois não ostentavam sua riqueza. A casa mais nova no complexo dos Caskeys era a de Elinor, que tinha sido construída havia cinco décadas. Todos

os novos-ricos de Perdido haviam erguido mansões nos arredores da cidade, com garagens para três carros, piscinas e quadras de tênis, que serviam para provar quanto eram abastados. Um dos médicos da cidade chegou inclusive a comprar um avião, construindo uma pista de aterrissagem ao lado da casa para exibi-lo.

Esses mesmos novos-ricos erguiam casas de praia em Destin, ao sul, e faziam viagens anuais para a Disneylândia e Acapulco. Jantavam fora em Pensacola quase todas as noites, enviando os filhos homens para escolas militares na Carolina do Norte e na Virgínia. As meninas ficavam em casa, usando aparelhos dentários durante três anos.

Os Caskeys, por sua vez, moravam em casas antiquadas, com móveis antigos, sem mudar seu estilo de vida. Era um consenso na cidade que eles tinham permitido que Perdido os deixasse para trás.

A morte de Queenie desestabilizou o clube de bridge que se reunia às tardes de segunda-feira, e Elinor não parecia ter interesse em jogar com as mulheres mais jovens que o assumiram. Depois da morte de Oscar, ela não renovou seus títulos de sócios do country club do lago Pinchona.

Uma mudança ainda mais drástica foi a de que os Caskeys não iam mais à igreja. Primeiro, Elinor deixou de frequentá-la. Billy então passou a ficar em casa – segundo ele, para fazer companhia à sogra. Ao ver isso, Miriam anunciou sem rodeios:

– Bem, mamãe, se você pode deixar de ir, então eu também posso. Ter que me arrumar um dia a menos na semana me parece ótimo. Posso aproveitar para adiantar um monte de trabalho.

Nunca ocorreu a Malcolm fazer algo que Miriam não fizesse. Assim, todos os Caskeys de Perdido deixaram de ir à igreja. Elinor ainda fazia uma visita anual e, por discrição, nunca era vista na varanda da frente de casa ou passeando pela cidade durante o horário da escola dominical ou dos cultos da manhã. A aparente apostasia dos Caskeys foi muito debatida pela cidade, e Perdido presumiu que houvera anos de discussões entre Elinor e Oscar sobre se deveriam ou não frequentar a igreja.

Miriam e Malcolm passaram a viajar a negócios com ainda mais frequência. Na última década, ela havia encontrado uma série de gerentes que lhe agradaram e aos quais tinha repassado a maior parte

do trabalho administrativo cotidiano da madeireira. No entanto, manteve para si todas as operações mais complexas, pessoais e empolgantes envolvendo investimentos e negociações de grande porte.

No passado, ela costumava depender bastante de Billy Bronze. Quando Miriam tinha reuniões com executivos que não gostavam de lidar com mulheres, Billy estava ao seu lado para apoiá-la. Mas agora era bem conhecida e desenvolvera finesse suficiente para lidar com quase qualquer situação. Além disso, nas ocasiões em que se deparava com um executivo que se *recusava* a levá-la a sério por ser mulher, Miriam se limitava a dar de ombros e saía no meio da conversa, deixando o homem descobrir mais tarde o erro tolo que havia cometido. Ela era rica o bastante para fazer isso. Miriam preferia trabalhar sozinha, enquanto Billy preferia ficar com Elinor. Billy tinha desistido de seu escritório no centro da cidade e convertido dois dos quartos do andar de cima para uso próprio.

Quando era jovem, Billy sonhara com vários tipos de existência, mas nunca com aquela. Jamais teria escolhido Perdido como lugar para viver. Certamente não gostava de cidades pequenas; sempre tinha preferido lugares como Houston e Nova Orleans. Não gostava do cheiro do rio. Não tinha amigos em Perdido.

Mesmo assim, lá estava ele, vivendo em uma casa antiga com a sogra idosa, levantando às sete da manhã, sentando-se para tomar um café da manhã formal na sala de jantar e então se recolhendo em seu escritório com ar-condicionado no segundo andar, onde conferia a correspondência matinal e falava ao telefone com Miriam na madeireira, com corretores em Nova York e com os homens das petrolíferas no Texas.

Ele tinha uma secretária que chegava ao meio-dia para datilografar suas cartas e, enquanto ela trabalhava, Billy ia almoçar com Elinor, Miriam e Malcolm. Depois do almoço, Elinor e ele se sentavam à varanda com tela e conversavam até a secretária acabar o serviço.

Em seguida, Billy voltava a se fechar em seu escritório. Quase sempre jantava sozinho com Elinor, algo que fazia de bom grado e serenamente, ambos vestidos a rigor. À noite, assistia à TV ou escutava partidas de futebol no rádio de Oscar, o único dos artigos pessoais do

falecido que continuava na casa. Billy ia se deitar cedo, não porque seu dia fora cansativo, mas porque não tinha nada melhor para fazer.

Ele era muito rico agora, mais rico do que jamais imaginara ser possível. Herdara todo o dinheiro de Frances e do pai. Além disso, guardara a maior parte do que ganhara por conta própria. E não fazia nada com essa fortuna. Nunca viajava, nunca comprava nada. Era Elinor quem lhe dizia:

– Billy, é hora de você comprar um terno novo.

Então Sammy levava os dois de carro até Mobile, onde Elinor escolhia três ou quatro ternos novos para ele, pagando-os do próprio bolso. Quando era jovem, Billy imaginava que teria uma família: uma esposa e três filhos, dois meninos e uma menina. *Tinha se casado*, é claro, mas sua esposa havia falecido e ele continuara vivendo com a sogra viúva. Tivera uma filha, mas ela havia sido tirada dele. Lilah já nem o chamava de "papai" e só o via uma vez por ano, isso quando decidia passar o Natal em casa.

Todos os seus sonhos de juventude – tudo o que conquistaria, teria e seria – eram apenas caminhos para um único fim: a felicidade. As coisas não aconteceram como ele imaginara, longe disso, mas ele era feliz.

Às vezes, Billy se perguntava se não estava apenas se iludindo, ignorando os limites à sua volta e insistindo que eles não existiam. Talvez existissem: aquela casa, Elinor, o bosque de nogueiras à frente, o dique e o rio atrás, Miriam com suas exigências ao telefone e o pinheiral escuro ao fundo. Mas, se essas barreiras eram reais, ele não as sentia. E se, de algum modo, estivesse preso, então era essa prisão que lhe trazia prazer.

Parecia provável que ele cuidaria de Elinor em seu leito de morte, pois tinha apenas 47 anos enquanto Elinor àquela altura deveria ter 74 ou 75. Às vezes era *nisso* que pensava, e em mais nada, quando erguia os olhos ao pé da mesa de jantar e olhava a extensão de linho branco até onde sua sogra estava sentada, empertigada e majestosa, com a luz das velas reluzindo nas pérolas negras ao redor de seu pescoço.

Alguns anos antes, Oscar instalara um sistema de ar-condicionado por toda a casa, e os dois grandes aparelhos, localizados debaixo da janela do quarto de Zaddie, zumbiam alto de abril a outubro.

Oscar gostava de ter a casa fresca, pois sentia muito calor. E Elinor, Billy e Zaddie haviam de tal forma se acostumado com aquilo que não aumentaram o termostato depois da morte de Oscar. Billy sempre dormia debaixo das cobertas e, no verão, adormecia ao som do ar frio soprando em seus ouvidos. Isso e o zumbido dos aparelhos do lado de fora abafavam todos os pequenos ruídos noturnos que havia naquela casa antiga… ou quase todos.

Ao longo das tantas noites que passava acordado na cama, Billy percebeu que sua audição estava ficando mais aguçada. Conseguia discernir ruídos *por trás* do zumbido do ar-condicionado: os rangidos, os passos furtivos, os estalos dos móveis e o leve retinir dentro das cristaleiras repletas de louças de vidro.

Ainda assim, os ruídos em algumas das noites eram mais do que isso. Às vezes, Billy parecia ouvir uma das portas se abrir com um som úmido, como se Zaddie tivesse espiado pela porta traseira para ver se a lua já estava no céu, e então a tivesse deixado bater de volta suavemente. Em outras noites, julgava ouvir passos nas escadas. Ele sabia que um dos degraus em particular rangia; ficava do lado direito de quem subia, e às vezes Billy escutava o barulho.

Talvez fosse Zaddie subindo as escadas junto à janela para admirar as estrelas. Billy nunca se levantava para conferir. Depois de se deitar na cama, não saía mais dali. Mesmo quando tinha pesadelos, suando e tremendo, seus pés permaneciam imóveis, apontados para o buquê de violetas pintado no tampo de madeira ao pé da cama, e as mãos espalmadas sobre as cobertas bem dobradas. Muitas vezes, acordava com calafrios, a testa umedecida de suor por conta do pesadelo.

Nas noites de chuva, a água que batia nas janelas mascarava ainda mais qualquer ruído que houvesse na casa. Ainda assim, como se aquilo que causava os sons se sentisse encorajado pelo barulho extra que os encobria, os passos, os rangidos e os estalos se tornavam menos

discretos. Billy olhava para a porta que dava para o corredor de comunicação com o quarto da frente. Ou então para as janelas, que, com suas cortinas leves, davam vista para a varanda com tela. Ele aguçava os ouvidos e, sobretudo naquelas noites chuvosas, julgava detectar vozes na casa: sussurros, risinhos e gritos abafados.

Billy se acostumou com aqueles ruídos, da mesma forma que se acostumara com sua vida limitada. Não os mencionou a Elinor ou Zaddie. Até onde ele sabia, alguma das duas poderia estar trazendo amigas às escondidas para casa; ou ficando acordadas juntas até tarde da noite, falando sobre Oscar e sobre todos os outros que tinham visto morrer. Quem quer que se movesse de maneira tão furtiva pela casa à noite não queria se revelar a Billy, que se recusava a bisbilhotar.

Certa manhã, logo depois do amanhecer, Billy teve mais um de seus pesadelos. Sentiu tanto medo que acordou. Esqueceu-se no mesmo instante do que se tratava, embora soubesse que, fosse o que fosse, ele já o tivera. Continuou deitado na cama, imóvel, sentindo o suor salgado pingar da testa em seus olhos. Virou a cabeça e examinou a porta que dava para o corredor das roupas de cama. Fazia isso todas as manhãs, sem saber por quê, mas sempre ficava aliviado ao ver que não tinha sido aberta – embora não fizesse ideia de quem poderia abri-la.

Em seguida, olhou para o outro lado, vendo que o sol do início da manhã já atravessava as cortinas finas. Discerniu os contornos dos móveis verdes da varanda, o que também o reconfortou. Saiu da cama, foi ao banheiro, onde tomou banho e se barbeou evitando fazer barulho; era uma hora mais cedo do que seu horário habitual e ele não queria incomodar Elinor, na outra ponta do corredor. Vestiu-se e saiu do quarto, na intenção de descer e pedir que Zaddie lhe adiantasse uma xícara de café. Perguntou-se se teria que acordá-la.

No entanto, encontrou Zaddie não só acordada, como também ajoelhada no patamar da escada debaixo da janela grande, secando uma enorme poça d'água.

Billy desceu as escadas a passos leves.

– Bom dia, Zaddie. O que aconteceu?

– Derramei um copo d'água – respondeu ela, constrangida.

Billy não disse nada, embora não tivesse acreditado nela. Zaddie

não gostava de mentir. Qualquer mentira ficava estampada em seu rosto. Mas, mesmo que ela mentisse com a cara tão lavada, Billy sabia que não era um copo d'água o que fora derramado ali. Ao passar por Zaddie enquanto descia as escadas, ele se surpreendeu com o cheiro da água lamacenta do Perdido.

Continuou calado, mas notou que os degraus estavam *todos* úmidos. Zaddie havia acabado de secar água do Perdido de *toda* a escada.



Billy guardou o incidente para si por tanto tempo que seu silêncio sobre o assunto pareceu assumir certo peso para ele no cotidiano moroso daquela casa. Elinor nunca dissera uma palavra sobre ouvir ruídos ou vozes à noite. Zaddie tampouco. Mas as duas olhavam para Billy todas as manhãs como se estivessem curiosas por saber se *naquela* manhã ele iria dizer algo. Como ele nunca dizia, as mulheres o encaravam de tal forma que pareciam aprovar sua decisão de ficar calado. Essa, pelo menos, era a interpretação de Billy do que se passava na cabeça delas.

No entanto, como se seu silêncio fosse uma carta branca, Billy teve certeza de que os ruídos ficaram mais altos, menos contidos. Agora, por trás do ar-condicionado e da chuva, Billy certamente ouvia passos – que subiam as escadas em direção ao quarto de Elinor e, às vezes, hesitavam diante de sua porta primeiro.

Billy continuava na cama, imóvel, mas pensava com bravura: *Entre. Entre.* Porém, os passos sempre se afastavam. Por vezes, havia também um segundo conjunto de passos, mas muito diferentes, titubeantes e desajeitados, e nunca paravam diante de sua porta.

Então vinham as vozes. Ele discernia a voz de Elinor agora; era fácil reconhecer. A segunda voz era mais difícil de identificar. Não era de Zaddie, disso tinha certeza. Mas era familiar. Soava como a de Frances. No entanto, como Frances estava morta, deveria ser alguém cuja voz o fazia pensar na esposa afogada. Billy não conseguia pensar em ninguém, e isso o incomodava.

A terceira voz não se parecia com nada que tivesse ouvido antes: às vezes soava como um balido rouco, às vezes como um canto; um canto que não era feliz, triste, reverente, patriótico ou qualquer outra coisa que estivesse habituado a associar a uma canção.

Billy nunca investigou esse fenômeno, nunca tentou descobrir sua origem ou identidade. Era assunto de Elinor, e ele jamais faria algo que invadisse sua privacidade. Mesmo quando acordava mais cedo do que o normal, continuava na cama. Não saía do quarto, pois não queria surpreender Zaddie secando a água do Perdido das escadas. Não deixou armadilhas, não fez insinuações e evitava inclusive transparecer qualquer tipo de curiosidade ou perplexidade. Isso, no entanto, não significava que sua curiosidade e perplexidade não aumentassem.

Em um dia de outubro, o ar-condicionado foi desligado e, quando Billy foi para a cama naquela noite, ele se perguntou se os ruídos continuariam como antes. Não continuaram naquela primeira noite, o que o decepcionou. Billy mal pregara os olhos e, na manhã seguinte, Elinor e Zaddie comentaram como ele parecia abatido.

– O ar-condicionado foi desligado – disse ele, sem energia. – Devo estar habituado ao barulho.

Só que, na noite seguinte, Billy ficou satisfeito ao ouvir os passos, bem como as duas vozes: a de Elinor e a que se parecia tanto com a de Frances que ele não conseguia imaginar pertencer a ninguém mais. Cerca de uma semana depois, um segundo visitante apareceu, e Billy ouviu com muita clareza seus passos desajeitados escada acima, um balido abafado e rouco no corredor e, muito mais tarde naquela noite, o canto agudo. Billy ficou ouvindo, imaginando quem estaria cantando daquela forma – uma canção hipnótica, interminável e sinuosa, com cadências, entonações e ritmos inusitados.

O outono passou, o inverno chegou e Elinor pôs um carpete nas escadas. Quase todas as manhãs, ele ainda estava úmido quando Billy descia para tomar o café da manhã.

– Dormiu bem esta noite? – Elinor sempre lhe perguntava.

– Sim. Sonhei que Frances nos visitava.

Em uma noite chuvosa de fevereiro de 1969, Billy não conseguia dormir. Os dois conjuntos de passos tinham surgido logo depois de

ele ir para a cama, e Billy estava irritado porque o barulho alto da chuva o impedia de ouvir qualquer coisa além de uma ou outra risada ou balido roufenho.

Quando Billy enfim pegou no sono, o canto voltou, mais forte do que nunca – um canto que ao mesmo tempo seguia o compasso da chuva que caía, mas também soava contrastante a ela, de tal maneira que era possível discernir cada oscilação da sua melodia sinuosa. Ele ficou ouvindo, encantado, e então surpreendido quando uma segunda voz se juntou à primeira, em uma cadência precisa e, depois, em contraponto.

A surpresa se tornou arrebatamento quando uma terceira voz se juntou ao coro. Essa terceira voz era de Elinor, e ela cantava de uma forma que nem Billy nem ninguém em Perdido jamais a ouvira cantar. As três vozes, *femininas mas não humanas*, pensou Billy, cantaram por mais de uma hora, enquanto durou a chuva.

Quando a chuva diminuiu, as três vozes baixaram o volume. Quando a água passou a apenas gotejar espaçadamente das calhas, o canto parou por completo. Havia tempos que Billy já não tinha o hábito de rezar, mas desta vez ele rezou para as nuvens voltarem e desaguarem sobre a casa, na esperança de que as vozes pudessem cantar juntas de novo. As nuvens, no entanto, haviam sido sopradas para longe de Perdido, de modo que a casa se manteve em silêncio, com exceção das gotas que ainda caíam vez por outra do telhado.

Mas Billy não adormeceu. Lutando contra o sono, ele esperou os passos saírem do quarto de Elinor. Por fim, quando já achava que a aurora estava prestes a raiar, ele foi recompensado. A porta da sala de estar de Elinor foi aberta com cuidado, e ele ouviu passos saindo em direção ao corredor. No entanto, em vez de se encaminharem para as escadas, eles pararam diante da porta de seu quarto.

Isso é novidade, pensou Billy, eletrizado.

Além dos ouvidos, ele havia treinado também os olhos, de modo que enxergava muito bem no quarto escurecido. Viu a maçaneta de vidro da porta girar devagar, lançando um pequeno estilhaço de luz em direção aos seus olhos.

A porta foi aberta silenciosamente.

Billy fechou os olhos. Quem quer que fosse, esperava que ele

estivesse dormindo, e Billy não estava disposto a parecer acordado, da mesma forma que jamais perguntaria a Elinor: "Quem a senhora recebe em seu quarto todas as noites?"

Billy manteve os olhos fechados, mas não pôde deixar de sorrir.

Está vendo, sussurrou a voz que era de Frances, mas ao mesmo tempo não era, pois Frances estava morta, afogada nas águas do Perdido. *Está vendo, Nerita? Este é seu pai.*

CAPÍTULO 11

Sra. Woskoboinikow

Na primavera de 1969, Lilah Bronze se formou na Barnard com grandes honras. Se não tivesse brigado com seu tutor tantas vezes durante o último ano, provavelmente teria recebido uma distinção ainda maior.

Os Caskeys estavam curiosos para saber se Lilah voltaria para Perdido, mas ninguém perguntou quais eram seus planos. Eles logo descobririam. De todo modo, Lilah era bem capaz de dizer "Não faço ideia" só por crueldade. Ela voltou para casa uma vez naquele verão, em agosto. Mesmo assim, apenas por tempo suficiente para tranquilizar a família de que não havia participado dos protestos da última primavera no campus.

– Só vou ficar aqui uma semana – disse ela no domingo à mesa de jantar, ao redor da qual todos os Caskeys estavam reunidos para lhe dar as boas-vindas. – Então não aceitem convites por mim nem nada parecido.

Elinor, Billy, Miriam e Malcolm se entreolharam, mas ninguém falou nada por longos instantes. Grace e Lucille também ficaram caladas. Não aprovavam a maneira como Lilah sempre tivera permissão para fazer tudo o que queria, sem limite algum. Tommy parecia apenas constrangido. Então, por fim, muito acanhado, Malcolm disse:

– Ah, Lilah…

– Sim? – rebateu ela no mesmo instante, quase com rispidez.

Malcolm percebeu que era responsabilidade dele fazer a grande pergunta, tentando encontrar uma forma de enquadrar a questão de modo que não irritasse Lilah. Por fim, achou uma maneira extremamente delicada de interrogá-la:

– Caso decida mudar seu número de telefone, você pode anotar o novo e o enviar para mim, só para o caso de alguma emergência ou algo do tipo.

Lilah assentiu, e todos ficaram aliviados. Era óbvio que a sutileza de Malcolm tinha agradado à jovem.

– Na verdade, eu *já* mudei meu número. Vou te dar antes de ir embora.

Billy pigarreou.

– Lilah, você se mudou de seu antigo apartamento ou apenas trocou de número? – perguntou ele, querendo entender.

– Por que raios eu trocaria de número se não tivesse me mudado?

Seu pai deu de ombros, como se quisesse indicar que nada do que Lilah fizesse seria capaz de surpreendê-lo.

– Eu me mudei para dois quarteirões de distância – prosseguiu ela com relutância.

Era como se sua família tivesse extraído dela seu segredo mais particular, guardado havia tempos.

– Para um apartamento maior? – perguntou Miriam.

– Em um andar mais alto? – quis saber Elinor. – Ou mais baixo?

Antes, Lilah vivia no vigésimo primeiro andar.

Lilah não respondeu de imediato. Correu os olhos pela mesa, estalou a língua, bufou, largou o guardanapo na mesa e disse:

– Bem, talvez seja melhor contar logo para vocês…

– Contar o quê? – apressou-se a perguntar Tommy.

– Já que vão arrancar a notícia de mim antes de eu ir embora de qualquer maneira. Se eu contar agora, talvez me deixem um pouco em paz.

– O que é, querida? – perguntou Malcolm.

– Duas coisas. A primeira é que vou ficar em Nova York. Não vou voltar para cá.

– Nós já tínhamos entendido isso – falou Grace, em tom seco –, quando disse que tinha se mudado para dois quarteirões de distância.

– E o motivo é que vou começar a estudar direito no outono. Na Colúmbia, novamente.

Os Caskeys pensaram no assunto por alguns instantes, então lhe

deram os parabéns. Consideraram sábia aquela decisão. Ela, afinal, poderia ter tomado tantas outras que não seriam nada sábias…

– Algum ramo específico do direito? – perguntou Billy.

– Ainda não sei bem. Direito fiscal, provavelmente.

– Ótimo – falou Miriam. – Assim vai poder nos ajudar. Você nem imagina o que Billy e eu temos que aturar todo ano com aquela gente que contratamos em Atlanta.

– Talvez – disse Lilah. – Talvez eu possa ajudar, talvez não. Talvez eu nem faça direito fiscal no fim das contas.

Em seguida, falou-se um pouco sobre impostos e advogados em geral, uma discussão da qual Lilah não participou. Quando finalmente houve uma pausa, Lilah disse com irritação:

– Bem, ninguém quer saber a outra parte da notícia que tenho para dar?

– Achei que era só isso – comentou Lucille. – Que vai ficar em Nova York e pretende estudar direito fiscal.

– Isso é só uma parte – falou Lilah, contrariada. – Estava contando essas duas como se fossem uma.

– O que mais, então? – indagou Tommy.

Lilah correu os olhos pela mesa para garantir que tinha a atenção de todos.

– Olhem, não quero que caiam em cima de mim – alertou ela.

Ninguém falou nada, o que contou como promessa de que não a reprovariam, independentemente do que ela fosse contar.

– Eu me casei na semana passada. Na quinta-feira.

Os Caskeys ficaram calados, em parte por estarem perplexos, em parte para cumprir a promessa de não expressarem desagrado. Ela dificilmente poderia ter dito algo mais chocante do que aquilo.

Por fim, fazendo um gesto exagerado de olhar ao redor da sala, Grace perguntou:

– Ele está aqui? Você o trouxe?

– Não, não trouxe – respondeu Lilah, categórica.

– Podia ter trazido – lamentou Miriam. – Temos espaço suficiente.

– Ele não quis vir – rebateu Lilah. – Eu *perguntei*.

– Por que não? – quis saber Billy.

– Ele odeia o Alabama. Quando veio aqui, em 1964 e 1965, por

conta de toda a questão dos direitos civis, levou jatos d'água durante os protestos, foi espancado e atirado na cadeia em Selma. Diz que nunca mais vai pôr os pés no Alabama.

– Esse homem tem nome? – perguntou Lucille.

– Ele se chama Michael.

– E tem sobrenome? – indagou Miriam.

– Woskoboinikow. – Todos na mesa ficaram olhando, embasbacados. Lilah repetiu o nome bem devagar. – *Wosko* rima com *Roscoe*. *Boin*, como *boing, boing*. *Ikow* com som de "v" no final, *icóv*. Woskoboinikow. Muito fácil. É polonês. Ele não é. O avô dele era, se não me engano. Michael é de Cleveland. Então agora sou Lilah Woskoboinikow. Já até mandei imprimir meus cheques assim. Se quiserem vê-los, estão na minha bolsa.

– E o que ele faz da vida? – perguntou Billy. – Agora que saiu da cadeia?

– Ele é físico de plasma. Um cientista – explicou ela quando todos a encararam sem entender.

Os Caskeys balançaram a cabeça. Era típico de Lilah se casar sem aviso com um homem cujo nome ninguém nunca tinha ouvido falar, nem sequer conseguia pronunciar ou decorar sua grafia, cujo trabalho envolvia algo de que não faziam a menor ideia e que se recusava a pôr os pés no Alabama.

– E por acaso vamos poder conhecê-lo? – perguntou Miriam.

– Se forem a Nova York.

– Deixe-me perguntar uma coisa – falou Miriam.

– O quê?

– Esse Michael sabe quanto dinheiro você tem?

– Eu mesma não tenho dinheiro – respondeu Lilah, lembrando-a desse fato.

– Esse Michael sabe quanto dinheiro *nós* temos, então? – insistiu Miriam.

– Eu contei. Mas acho que ele não tem verdadeira noção. Michael não entende nada de dinheiro. Há um ano que eu venho tratando das finanças dele. Não me parece que se importe com isso.

Os Caskeys bufaram e, passado o choque inicial, cada um deles

chegou à conclusão de que deveria ter adivinhado desde o início que tudo aconteceria daquela forma.



Em seu novo cargo como assistente de Miriam em assuntos que envolviam as propriedades relacionadas ao petróleo dos Caskeys, Tommy Lee Burgess havia ganhado estatura não só aos próprios olhos como também aos olhos da família e da comunidade.

Na verdade, era considerado um bom partido. Não era bonito, e certamente estava acima do peso, mas tinha uma boa índole e era gentil, além de muito rico. Tommy, no entanto, não demonstrava o menor interesse em nenhuma das trinta ou quarenta mil jovens disponíveis para casar no condado de Baldwin, no Alabama, e no condado de Escambia, na Flórida. Ele se contentava em ficar em casa com Grace e Lucille. Seus passatempos ainda eram caçar e pescar e, vez por outra, fazer alguma farra inocente com os homens que trabalhavam nas plataformas de petróleo no pântano ao sul da fazenda.

Como todos os Caskeys sabiam, o fato era que Tommy era perdidamente apaixonado por Lilah. Ele a amava desde o dia em que havia se mudado com a avó para a casa ao lado da dela. Ficara terrivelmente decepcionado quando Lilah não fora estudar em Auburn, e agora que ela tinha se casado com um homem cujo nome ninguém conseguia sequer pronunciar, seu sofrimento era ainda maior. Não falou nada à mesa quando Lilah deu sua notícia chocante, mas, enquanto voltava de carro para a fazenda pelo interior escuro e deserto, ele se inclinou para a frente de seu lugar no banco traseiro, pousou o queixo no assento entre Grace e Lucille e comentou, arrasado:

– Eu poderia ter dito a todos. Poderia ter falado para todo mundo que era isso que iria acontecer.

– Como você saberia? – perguntou Lucille. – Ninguém pode prever uma coisa dessas.

– Eu poderia, se não tivesse sido tão tolo. Mas quis acreditar que

Lilah um dia voltaria.

– Está desapontado, não está, Tommy? – lamentou Grace com um suspiro.

– Estou, muito – admitiu Tommy Lee na escuridão.

– Mas não deveria. Não vê a maneira como ela trata as pessoas? Eu nunca pensei que seria capaz de dizer isso, mas Lilah sei-lá-como-ela-se-chama-agora é mais difícil de lidar do que Miriam foi um dia. Você até já quis se casar com ela, não quis?

– E me casaria. Eu me casaria com ela num piscar de olhos.

– E seria infeliz desde o primeiro minuto até o fim dos tempos – afirmou Lucille. – Ela faria gato e sapato de você.

– Eu sei disso… – falou Tommy, num tom melancólico.

– Sabe o que eu acho? – comentou Grace.

– O quê?

– Acho que você deveria dizer a ela como se sente.

– De que adiantaria? Eu tive minha chance. Não falei nada. Agora é tarde.

– Então é a hora certa de falar – argumentou Grace. – Agora que é tarde demais para ela dizer sim. E você vai poder tirar isso do peito. Eu conheço você, Tommy. Sei que vai carregar esse fardo de 2 toneladas nas costas se não contar a Lilah como se sente.

– É o melhor a fazer – concordou a mãe de Tommy.

– Dê meia-volta – falou ele, jogando-se para trás com toda a força contra o banco traseiro. – Volte agora mesmo e eu farei isso.

Grace, no entanto, continuou atravessando Babylon em direção à fazenda.

– Vá amanhã – aconselhou ela. – É melhor que seja à luz do dia.

Assim, Tommy Lee voltou de carro a Perdido na manhã seguinte, chegando antes mesmo de Lilah se levantar.

Melva tinha levado o café da manhã de Lilah em uma bandeja, e Lilah estava sentada na cama. Tommy bateu à porta, ao que Lilah respondeu enquanto passava manteiga em sua torrada:

– Miriam já foi para a madeireira, Tommy. Já Malcolm, não sei onde foi se meter.

– É com você que quero falar – disse ele.

– Então entre e venha se sentar à beirada da minha cama.

Lilah ergueu os olhos e sorriu. Ela era bonita, a garota mais bonita que ele tinha visto na vida, e ele já havia saído com a rainha do baile de formatura de Auburn. O sorriso de Lilah estava radiante. Além disso, ela nunca o havia recebido de forma tão carinhosa.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Tommy, sem jeito.

– Ah, estou tomando meu café da manhã. Você sabia que é impossível arranjar canjica em Nova York?

– Não, digo, o que está fazendo em Perdido? Você se casou uma semana atrás. Por que não está em lua de mel?

– Michael não conseguiu folga do trabalho. Vamos para o Caribe no inverno em algum momento. Mas isso não tem importância. Detesto esse tipo de coisa.

– Que tipo de coisa?

– Essa coisa toda de casamento. É por isso que não contei a ninguém. Não queria que fizessem nada. Nós nos casamos no cartório. Foi algo muito impessoal – acrescentou Lilah com algo muito parecido com orgulho.

Tommy se remexeu na cama, jogando seu peso de um lado para outro e quase derrubando a bandeja dela.

– Você está do tamanho de um bonde, Tommy – comentou Lilah. – Se não ficar parado, vou mandar se sentar em uma cadeira.

– Eu senti sua falta o tempo todo que esteve em Nova York.

– Também senti sua falta – confessou Lilah, soprando seu café para esfriá-lo.

– Sentiu?

– Senti. Eu não diria isso se não fosse verdade. Não senti falta de Grace e Lucille, por exemplo. Mas de você, sim.

Tommy Lee ficou calado por alguns instantes, sem saber como continuar. Melva voltou a entrar para conferir se faltava algo no café da manhã e Lilah pediu que ela trouxesse uma bandeja para Tommy.

– Acabei de comer na fazenda – protestou ele.

– Há dez anos que um café da manhã não é suficiente para você – retrucou Lilah. – Tome mais um, para me fazer companhia.

– Então você vai ser advogada – comentou Tommy, adiando o inevitável.

– E pretendo fazer fortuna – disse Lilah com veemência.

– Por quê?

– Como assim, "por quê"? Todo mundo quer fazer muito dinheiro.

– Você *já tem* muito dinheiro, Lilah.

– Eu não tenho nada no meu nome – corrigiu Lilah.

– Se quiser ter, é só pedir. Peça à primeira pessoa da família que vir pela frente e ela vai fazer um cheque de um milhão de dólares; você sabe disso.

– Eu sei que fariam isso – concordou Lilah baixinho. – E você me conhece, Tommy. Sabe que eu jamais pediria.

Tommy deu de ombros.

– Suponho que sim.

Melva trouxe outra bandeja de café da manhã e Tommy se mudou para uma poltrona larga. Depois de Melva sair, ele disse:

– Lilah, você quer que eu faça um cheque gordo para você? Sabe que eu faria, com prazer. Também manteria segredo. Ninguém jamais saberia.

Lilah ergueu os olhos, considerando a proposta.

– Tommy, você ficaria feliz se eu deixasse você pagar pela minha faculdade de direito?

– Com toda a certeza!

– Então vou deixar que faça isso. Mas não conte a ninguém.

– Não vou contar – prometeu ele. – Mas você sabe que vão acabar descobrindo.

– Eu sei. Só não quero que seja *você* a contar para eles.

Os dois comeram em silêncio por alguns instantes, então Tommy disse:

– Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Eu estava torcendo para que você voltasse para Perdido.

– Eu estou aqui.

– Digo, para ficar – falou Tommy Lee. – Sabe por quê?

– Por quê?

– Porque, quando voltasse, eu iria pedir você em casamento.

– Eu sabia disso – revelou Lilah.

– Sabia?

– É claro que sim, Tommy. Até a pessoa mais tola da cidade sabe

disso. E eu não sou tola.

– Então você teria recusado?

Lilah pensou a respeito.

– Talvez. Talvez não.

Ela pensou mais um pouco.

– Eu provavelmente teria recusado.

– Por quê? – perguntou Tommy, mais por curiosidade do que por desgosto.

– Porque é o que todos gostariam que eu fizesse. O que todos esperariam. Se eu me casasse com você, teria sido como Miriam e Malcolm outra vez. Eu não queria isso. Não é que ache que você e eu seríamos infelizes. É só que não tenho intenção de ficar por aqui, fazendo o que as pessoas esperam de mim.

– Então se casou com aquele outro homem?

– Exatamente.

– Ele é tão inteligente quanto você, Lilah?

– Não. Ele não é nem tão inteligente quanto você, Tommy, não quando se trata de coisas práticas. Mas Michael sabe muito sobre física de plasma, e acho que vai ser importante algum dia. Além disso, ele faz tudo que eu mando.

– Não poderia ser de outra forma.

Eles ficaram calados por alguns minutos, então Lilah mandou Tommy ir à cozinha pegar mais café. Quando ele voltou, Lilah já havia colocado de lado a bandeja e empurrado as migalhas das cobertas para o chão. Ela se sentou ereta da cama, escovando os cabelos.

– Não fique tão chateado – alertou ela.

– Pelo quê? – perguntou ele, servindo café na xícara que ela havia colocado sobre a mesa de cabeceira.

– Por eu não me casar com você.

– Não estou chateado. Eu já disse, só estou desapontado. Estou muito infeliz, mas não chateado.

– Preciso contar uma coisa. Mas só se me prometer que não vai falar nada a ninguém, nem para Grace, Lucille, Miriam, Elinor ou quem quer que seja.

– Eu prometo – jurou Tommy, em tom solene. – Quer que eu

feche a porta?

– Não tem ninguém em casa – rebateu Lilah, descartando a sugestão. – Quero que faça algo para mim.

– É só pedir.

– Quero que seja esperto.

– Lilah, eu não sei se…

– Quero que aprenda tudo o que há para aprender sobre aqueles malditos poços lá fora, e sobre tudo o mais que traz tanto dinheiro para esta família.

– Isso eu posso fazer.

– Depois, quero que vá a Nova York para visitar Michael e a mim e me conte tudo a respeito. Tudo o que puder descobrir, entendeu?

– Está bem.

Lilah sorriu. Indulgente, dignou-se a explicar:

– Vou herdar algo de alguém em algum momento. Talvez do papai, talvez da Miriam, talvez da Elinor, quem sabe? Então vou ser rica. Também vou ser advogada. O que ninguém mais sabe aqui é que eu me especializei em administração de negócios na Colúmbia.

– Administração de negócios!

– Psiu! Sim. Eu disse a todos que minha especialização era em língua inglesa, mas na verdade era administração. – A escova ficou presa em um nó em seus cabelos longos e ela se interrompeu para libertá-la dos fios. – E o que pretendo fazer é voltar aqui algum dia, *algum dia*, Tommy, então controle suas expectativas, e você e eu vamos mostrar a este lugar do que somos capazes. Vamos ter tanto dinheiro que nem vamos saber o que fazer com ele.

– Nós já temos isso – ressaltou ele.

– Então vamos ter cinco vezes mais. E vamos fazer isso juntos.

– Está pensando em pedir o divórcio? – perguntou o rapaz, inocente. – Mas já?

Lilah apontou a escova para ele, ameaçadora.

– Você está fazendo perguntas demais, Tommy Lee Burgess.

CAPÍTULO 12

Brindes com champanhe

Elinor anunciou que queria dar uma pequena festa para Lilah antes de ela voltar para Nova York, a fim de celebrar seu casamento com o desconhecido Michael Woskoboinikow. Lilah concordou com relutância, mas apenas por conta do afeto e respeito que tinha pela avó.

– Não quero que sejam muitas pessoas – comentou a jovem. – Não quero um monte de gente apertando minha mão e fazendo quinhentas perguntas idiotas sobre Nova York. De jeito nenhum.

– Vai ser só a família – assegurou Elinor. – Como Michael não está aqui, não podemos chamar ninguém que *não seja* da família. Teríamos que responder a perguntas demais.

– Quer dizer que vamos apenas chamar todos para jantar? – indagou Lilah, aliviada.

– Sim. Mas vai ser um pouco mais formal do que o habitual. Se não tiver trazido nenhuma joia, peça a Miriam para lhe emprestar algumas dela.

Assim, Elinor planejou um pequeno jantar para a família na noite anterior ao voo de retorno de Lilah para Nova York. Billy, Malcolm e Tommy compraram smokings novos, enquanto Grace e Lucille foram a Pensacola comprar novos vestidos. A mesa da sala de jantar foi arrumada com a porcelana de casamento de Mary-Love, os melhores cristais de Elinor e um jogo de talheres de prata de James que tinha sido resgatado da casa antes do incêndio.

Ninguém sabia por quê, mas certa melancolia pairava sobre os preparativos do evento. Talvez fosse por conta do zelo excessivo de Elinor, que demonstrava uma preocupação incomum com os mínimos detalhes. Ela enviou Malcolm a Nova Orleans para comprar

uma toalha de mesa nova, além de ter contratado uma florista de Mobile para montar os arranjos na manhã de sexta-feira. Zaddie, Luvadia e Melva serviriam o jantar, cada qual tendo recebido uniformes novos, de cor cinza, especialmente para a ocasião.

– Elinor – falou Billy, curioso, vendo toda aquela agitação –, está planejando algo especial?

– Não – respondeu Elinor após uma breve pausa. – Estou fazendo porque não pudemos oferecer uma festa de casamento de verdade a Lilah…

A noite de sexta-feira chegou, e todos os membros que restavam da família se reuniram na casa de Elinor.

Malcolm foi o primeiro a chegar, montando o equipamento necessário para fazer os drinques, pois havia tempos era responsável por todas as tarefas desse tipo. Em seguida, Billy desceu ao primeiro andar para fazer companhia a Malcolm. Lucille, Grace e Tommy logo chegaram também, no Cadillac que quase nunca dirigiam.

Lucille, incomodada com um espartilho novo, e Grace, um pouco insegura em seus sapatos de salto alto, subiram os degraus de entrada no instante em que Elinor vinha descendo as escadas do segundo andar. Miriam e Lilah foram as últimas, uma dupla estranha atravessando os quintais de areia sob o crepúsculo luminoso do Sul. Miriam usava um vestido roxo e diamantes; Lilah, um vestido de seda verde e esmeraldas.

Elas subiram os degraus da entrada em direção à varanda. Miriam bateu de leve à porta de tela. Zaddie apareceu em seu novo uniforme engomado para abrir.

– Boa noite, Sra. Miriam. Boa noite, Sra. Lilah.

– Boa noite, Zaddie – respondeu Miriam. – Todos já chegaram?

– Só faltavam vocês duas, que, aliás, estão lindas.

– Obrigada – limitou-se a dizer Lilah, corando diante do elogio.

Zaddie abriu as portas do salão da frente e Miriam entrou a passos firmes, dizendo:

– Malcolm, já preparou meu drinque?

Lilah se demorou um pouco atrás de Zaddie e então, como se reunisse coragem, ou talvez percebendo que não precisava fazê-lo

quando estavam apenas em família, entrou no salão e se sentou ao lado de Tommy no sofá.

Zaddie e Luvadia levaram em seguida dois baldes de gelo com garrafas de champanhe. Malcolm as abriu e serviu a bebida.

Seguindo as instruções de Elinor, Zaddie e Luvadia voltaram com Melva e as três mulheres se postaram diante da porta. Também receberam uma taça de champanhe cada uma.

– O primeiro brinde – disse Elinor, parada de costas para a janela da frente, no exato local em que Miriam se lembrava de ter visto Mary-Love em seu caixão – é para Lilah que, pelo menos por enquanto, é a última dos Caskeys. Os próximos brindes serão dedicados aos Caskeys que já faleceram. Esta festa é tanto em memória deles quanto em comemoração ao casamento de Lilah. Espero que não se importe, Lilah…

A jovem balançou a cabeça e sorriu.

– Não, senhora – disse ela baixinho. – Nem um pouco.

O salão estava iluminado de forma suave, apenas por velas e castiçais de parede. Seria aquela luz favorável que fazia Lilah parecer tão mudada de repente, tão mais dócil?

Elinor sorriu e continuou:

– Quero fazer um brinde a Oscar. Não sei se algum de vocês, com exceção de Billy e Zaddie, perceberam como sinto falta dele, como esta casa parece vazia sem ele. Sempre que ouço o rádio lá em cima, preciso me conter para não pensar que é Oscar, sentado em sua cadeira girando o sintonizador de um jogo de futebol para outro. Eu me forço a pensar: "É Billy, não Oscar." Mary-Love costumava dizer que eu tinha vindo a esta cidade para roubar o filho dela. Sempre disse que eu estava à espera dele, e de mais ninguém, naquele quarto do Hotel Osceola na enchente de 1919. – Elinor sorriu. – Mary-Love tinha razão. E este brinde é para Oscar.

Ela ergueu sua taça. Todos fizeram o mesmo, bebendo o champanhe. Malcolm percorreu o salão discretamente, servindo mais da bebida.

– O próximo brinde é para Sister – prosseguiu Elinor –, que todos nós amávamos e que Miriam amava ainda mais. Pobre Sister! Nunca lhe foi permitido fazer nada por si própria, nunca lhe foi permitido

ter nada ou sentir algo que fosse só seu. Ela amou ou odiou sempre de forma contraditória. Lutou a vida inteira, e duvido que algum de nós saiba quanto essas batalhas foram duras para ela. Sister chegou ao coração desta família mais do que qualquer um. Ao mesmo tempo, foi ela quem mais conheceu o desespero. Lutou com mais afinco, agarrou-se com mais força e, no fim da vida, ela mudou mais do que qualquer um de nós poderia imaginar. Ela se tornou Mary-Love, a pessoa que mais odiava e a pessoa que mais amava. Foi infeliz durante toda a vida, desesperadamente infeliz, mas, se voltasse agora, se entrasse por esta porta e tivesse a chance de fazer tudo de novo, eu sei que ela diria: "Faria tudo igual, não mudaria nada." Então, um brinde a Sister, de quem sinto muita, muita falta.

Ela ergueu sua taça. Todos fizeram o mesmo, bebendo mais uma vez o champanhe.

Elinor prosseguiu:

– Mais um brinde. Só mais um. Para James, Queenie e Mary-Love. Vocês todos se lembram deles como pais, tias e tios, mas eu não. Minha lembrança deles é diferente. Para começar, fui a única capaz de enfrentar Mary-Love em pé de igualdade. E fui a única que a *derrotou*. Não vou dizer que sinto falta de Mary-Love. Miriam, eu não mentiria para você quanto a isso. O caixão dela esteve aqui, bem onde estou parada. Ela morreu no quarto logo acima deste salão. Não senti pena na época e não sinto agora. Sei quão infeliz ela fez Oscar; sei o que fez com Sister. E Miriam, você não vai gostar de me ouvir dizer isso, mas sei o que ela fez com você. – Miriam se manteve sentada, tensa, olhando para Elinor, mas sem contestá-la. – Eu me pergunto às vezes se cometi um erro ao dar você para Mary-Love. Ela e eu travamos uma guerra dura, muito mais dura do que a maioria de vocês pode imaginar, mesmo agora… e, Miriam, você ficou no fogo cruzado.

Elinor fez uma pausa, como que esperando que Miriam falasse.

A filha falou, mas claramente com relutância:

– Para ser sincera, nunca perdoei você de verdade, mamãe. Hoje em dia, nós nos damos bem, mas você está tão velha… e eu também estou envelhecendo. Tenho o anel de Mary-Love agora, o que você roubou depois que a vovó morreu. E consegui pegar Lilah para mim,

o que fez com que eu me sentisse melhor. Mas não acho que eu tenha perdoado você, e duvido que um dia vá perdoar.

– Eu sei disso. A questão é: se pudesse recomeçar e fazer tudo desde o início, você mudaria algo?

– Não – respondeu Miriam, sem hesitar. – Absolutamente nada.

– Igual a Sister – balbuciou Grace. – Pobre Sister.

– E pobre James – disse Elinor. – Pobre Queenie… Mary-Love tripudiava sobre James porque ele deixava. E não suportava Queenie, porque ela era uma Strickland, mas sem a classe de Genevieve. Eu me lembro de quando Queenie chegou à cidade. Malcolm, você era um rapazinho terrível. E Lucille, você era tão resmungona! Nunca vi uma criança chorar tanto. E tudo o que Queenie queria era que James tomasse conta dela. Mas Queenie mudou, graças ao James, que a levou a sério. Acho que ninguém jamais a tinha levado a sério antes. Lucille, espero que sinta falta dela.

– Eu sinto! – exclamou Lucille. – Sinto muita falta!

– Eu também – falou Malcolm.

– E eu também – disse Tommy.

– E eu sinto falta do papai – falou Grace com um suspiro.

– Ai, gente! – exclamou Lucille, pegando a mão de Grace e a apertando com força. – Essa conversa toda está me deixando triste. Vamos mudar de assunto. Não vamos mais falar de todas essas pessoas que morreram. Achei que esta festa fosse para comemorar o casamento de Lilah com aquele tal de… Como ele se chama mesmo?

– Woskoboinikow – lembrou Lilah. – Ele se chama Woskoboinikow. E eu também, agora. Mas sabe de uma coisa, Lucille?

– O quê?

– Todos vamos morrer – disse Lilah. – Todos nós. Cada pessoa neste salão vai morrer, mais cedo ou mais tarde. Sem exceções.

– Só que não precisamos ficar falando nisso! – exclamou Lucille.

– Ouçam – disse Zaddie, de seu lugar junto à porta. – Está na hora de se sentarem à mesa. Ou então toda a comida boa que eu fiz vai esfriar.

Os Caskeys beberam o resto de champanhe que havia em suas taças, deixaram-nas de lado e entraram em fila na sala de jantar.

Como convidada de honra, Lilah foi posta ao pé da mesa, no

antigo lugar de Oscar, enquanto Elinor assumiu seu lugar habitual na cabeceira.

Em vez de fazer uma oração, Elinor disse:

– Aqui estamos nós, os Caskeys que restam. Somos menos do que éramos antes, mas, para minha alegria, muito mais ricos do que costumávamos ser. Na verdade, temos tudo com que sempre sonhei para nós. Mesmo assim, as coisas nunca saem exatamente como se espera. Mas isso não tem a menor importância. Sister e Miriam têm razão. Não importa o que você passou, o que fez e sofreu, os erros terríveis que cometeu, as coisas que largou de mão quando deveria ter se agarrado a elas ou as coisas às quais se agarrou quando as deveria ter largado de mão. Não importa o que tenha causado tristeza, ninguém pode desejar que as coisas tivessem acontecido de outra forma.

Ela correu os olhos pela mesa. Zaddie entrou com o primeiro prato, uma bandeja com um faisão que Tommy havia caçado e curado no mês anterior. Elinor sorriu e dedilhou as pérolas negras em volta do pescoço.

– Obrigada, Zaddie – disse ela. – Você teve muito trabalho por nós hoje à noite.

– Imagine. Não foi trabalho nenhum… – balbuciou Zaddie sem pensar, mas sua negação estava repleta de orgulho.

– Olhe para nós, Zaddie – pediu Elinor.

– Senhora?

– Olhe para nós, Zaddie, porque é a última vez que vai nos ver juntos desta forma. Lilah está certa: todos nós morreremos. E há alguém no cemitério esta noite, debruçado sobre a lápide da Mary-Love, jogando uma moeda para cima para ver quem de nós será o próximo.

O jantar foi farto, e não parecia haver fim para os pratos que Zaddie, Luvadia e Melva traziam da cozinha. Malcolm não imaginava que mais

de três garrafas de vinho fossem ser consumidas, e, no fim das contas, teve que abrir uma quarta – e, em seguida, uma quinta.

Depois, quando os pratos foram retirados e dois bules de café foram postos à mesa, um para Miriam e o outro para os demais presentes, Malcolm e Billy acenderam charutos. Na última etapa da noite, apenas Miriam e Lilah continuavam a conversar, e o assunto se voltou para o hábito peculiar dos Caskeys de roubar as crianças uns dos outros.

Miriam não abordou diretamente o assunto, preferindo uma estratégia que não deixava de ser controversa. Ela disse, sem meias-palavras:

– Espero que seja feliz com aquele homem, Lilah.

– Eu pretendo ser – respondeu Lilah, sem rodeios.

– O fato é que tínhamos certa expectativa de que você e Tommy se casassem.

Lilah e Tommy trocaram olhares.

– Lilah nunca foi apaixonada por mim – afirmou ele. – Para o meu azar.

– Isso é uma questão de opinião – comentou Grace, não exatamente em voz baixa.

– Suponho que teria sido mais conveniente se eu tivesse me casado com Tommy – disse Lilah. – Digo, conveniente para todos, menos para mim.

– Você e Tommy poderiam assumir o comando da família depois que eu ficasse velha – sugeriu Miriam.

– Nós assumiríamos o comando depois que você morresse, Miriam – retrucou Lilah. – Não vejo você abdicando de seu poder *antes* disso.

– Talvez não – concordou Miriam.

Os outros Caskeys estavam sentados mais longe em suas cadeiras, deixando a sala de estar para as duas mulheres adornadas com joias.

– Talvez não – repetiu Miriam –, mas eu tenho sido boa para Tommy, não tenho? Dei uma ocupação para ele.

– Você tem sido muito boa para mim – admitiu ele para Miriam. – Ela me ensinou muito – falou para o restante do grupo – e me deu várias responsabilidades.

– Eu tinha outro motivo para querer que Lilah se casasse com

Tommy – continuou Miriam, apressando-se a falar depois de ele concluir seu discurso de agradecimento.

– E qual seria? – perguntou Lucille, curiosa.

– Malcolm e eu temos nos sentido sozinhos na casa ao lado. Eu esperava que Lilah e Tommy tivessem um bebê. Era só isso. – Miriam se serviu de outra xícara de café. – Zaddie, pode me trazer uma xícara maior? Senão eu vou passar a noite inteira servindo café deste bule.

– Você queria que eu tivesse um bebê para poder roubá-lo de mim – concluiu Lilah. – Do mesmo jeito que me roubou.

– Sim – admitiu Miriam com tranquilidade. – Só que desta vez o pegaria bem novinho. Eu estava muito esperançosa, Lilah. Tem sido muito solitário para Malcolm e para mim, depois que você foi embora.

Billy falou:

– Agora você sabe como Elinor e eu nos sentimos quando você tirou Lilah de *nós*.

Isso não foi dito em tom acusatório, mas apenas como uma observação.

Miriam não respondeu ao comentário, mas disse a Lilah:

– Você e esse rapaz por acaso estão pensando em ter um bebê?

– Ele quer um – falou Lilah. – Eu não.

– Por que não? – perguntou Lucille.

– Porque não vejo sentido em sofrer meses de desconforto e dores para Miriam pegar um avião, ir a Nova York e tirar a criança de mim.

– Duvido que seja *tanta* dor assim – retrucou Miriam. – Além do mais, eu mandaria Melva ou alguém até lá para tomar conta de você, se essa é sua preocupação. Pouco me importaria se fosse menino ou menina, e Malcolm pensa o mesmo. E você poderia escolher o nome que preferisse. Poderia chamá-lo até de Sadraque Mesaque Abednego, se quisesse.

– Não – falou Lilah, taxativa. – Nem pensar.

– Miriam, você é igualzinha à Mary-Love – disse Grace, perplexa e indignada. – Não consegue servir uma xícara de café sem tramar algo.

Zaddie levara a xícara maior, que Miriam encheu de café.

– Não estou tramando nada – falou ela. – Só achei que seria uma

alegria ter um bebê. Malcolm e eu nos casamos tarde demais. E todos aqui tiveram o prazer de criar um filho, exceto nós dois.

– Então encontrem um para vocês – sugeriu Lilah com rispidez. – Visitem um orfanato. Ponham um anúncio no jornal.

– Eu quero um bebê dos Caskeys – disse Miriam. – Tem que ser um bebê dos *Caskeys*.

Lilah ficou calada.

Com muita calma, Miriam prosseguiu:

– Depois de tudo que fiz por você, depois de tudo que lhe dei, você não diria "obrigada" nem que estivesse amarrada a uma fogueira e eu estivesse com um fósforo aceso na mão.

– Obrigada, Miriam, por tudo o que fez por mim – disse Lilah. – Mesmo assim, eu não vou lhe dar um bebezinho.

CAPÍTULO 13

O ninho

– Lamento que Miriam e Lilah tenham precisado ter aquela conversa – falou Billy, depois de todos irem para suas casas e Elinor e ele subirem para seus quartos.

– Miriam estava apenas sendo Miriam – retrucou Elinor, balançando a cabeça com um sorriso. – E Lilah estava sendo Lilah. Na verdade, não me parece que tenha ficado mágoa entre as duas. Elas foram para casa juntas, não foram? E, na semana que vem, Miriam vai pegar um voo para Nova York e enfim vai conhecer o homem com quem Lilah se casou.

– O que a senhora acha? – indagou Billy, parando no patamar da escada.

Ele trazia consigo a última meia garrafa de champanhe e uma taça.

– A respeito de quê? – perguntou Elinor, recostando-se por um instante na armação da janela grande da escada.

Ambos ouviam o barulho dos talheres e cristais que Zaddie e Melva recolhiam lá embaixo enquanto arrumavam a sala de jantar.

– Sobre a questão da criança. Acha que, se Lilah tivesse um bebê, Miriam tentaria roubá-lo?

– Acredito que sim. Ela provavelmente faria isso.

– A senhora acha isso certo? – perguntou Billy, servindo-se de uma taça de champanhe. – Eu deveria ter trazido mais uma taça?

Elinor balançou a cabeça.

– Não sei se é certo ou não. Além do mais, que direito eu tenho de falar algo a respeito? Fui eu quem começou toda essa história ao dar Miriam. A questão deveria ser: *aquilo* foi certo?

– E foi?

Elinor se pôs a subir o curto lance de escadas do patamar até o

segundo andar.

– Por que está bebendo esse champanhe? – perguntou ela. – Não tomou vinho suficiente no jantar?

– Eu detestaria que fosse pelo ralo, e pensar em Frances me deixou triste.

Ele subiu atrás de Elinor, que parou à porta de sua sala de estar.

– Frances? – repetiu ela.

– Quando a senhora estava brindando a todos os familiares mortos, por que deixou Frances de fora?

– Billy, beba seu champanhe e vá para a cama. Foi uma longa noite.

Billy deu as costas e voltou para o próprio quarto. Ali, foi até a janela e olhou para a casa de Miriam. Pôde ver Miriam e Lilah guardando as joias que haviam usado. Ficou ali, bebericando seu champanhe, até todas as luzes se apagarem na casa vizinha e sua garrafa estar vazia. Então tirou a roupa e foi para a cama. Sem nenhum tipo de pensamento ou reflexão, adormeceu.

Ele acordou algum tempo depois; quanto tempo depois, não tinha como saber. Mas *parecia* tarde. Sua cabeça doía e ele permaneceu deitado, imóvel, pressionando os dedos na testa, na esperança de conter parte do latejar. Não adiantou. Foi ao banheiro, tomou duas aspirinas e limpou o rosto com um pano úmido. Sentiu-se melhor. Voltou ao quarto e, com o latejar amenizado, ouviu vozes. Como sempre, elas vinham do quarto de Elinor. O champanhe o fizera se esquecer delas quando se deitou, e o mesmo champanhe agora o fez abandonar a timidez calculada com que lidava com os visitantes de Elinor. Sem refletir sobre as consequências de seus atos, ele foi à porta que dava para o corredor e a abriu devagar. As vozes soavam mais altas, mas, como a porta da sala de estar de Elinor estava fechada, ele não conseguia discernir o que estava sendo dito.

Como antes, reconheceu a voz da esposa – mas Frances estava morta, afogada nas águas negras do Perdido.

Billy saiu para o corredor. Notou que o carpete estava úmido sob seus pés. Sentia o cheiro da água, e sabia que tinha vindo do rio. Ela parecia granulosa nas solas de seus pés, algo que só podia ser lama do

Perdido. Seguiu em direção à porta da sala de estar de Elinor. Girou a maçaneta sem fazer barulho e entreabriu a porta.

Aquilo que mais o espantou não foi a clareza repentina da voz de Elinor, mas a luz que iluminava o quarto e que incidiu oblíqua sobre a perna de seu pijama. Billy ficou parado ali, escutando.

– É tarde demais – disse Elinor.

– Não, não é – falou a outra voz, a de Frances. – Ainda não, mamãe. Mas vai ser se continuar aqui. Está velha, tão velha… E me dói ver a senhora envelhecer mais a cada dia. Eu venho visitá-la sempre que posso, sempre que consigo me transformar… mas nem sempre consigo. E Nerita nunca consegue… duvido que seja capaz. E o que vai acontecer se eu deixar de conseguir? Se a senhora voltar para junto de nós, não vai envelhecer. Talvez até rejuvenesça. Mamãe, Nerita e eu cuidaríamos tão bem da senhora!

– Eu não quero ir embora daqui, querida.

– Por que não? Que motivo tem para continuar aqui? Papai está morto. James está morto. Queenie está morta.

– Billy – falou Elinor.

– Billy continua aqui por sua causa. Ele não quer deixá-la sozinha, só isso. Se a senhora fosse embora, Billy iria para algum outro lugar e ficaria bem. Eu sei que sim, e seria bom para ele também. Pobre Billy! Sabia que uma noite dessas eu abri a porta do meu antigo quarto e lá estava ele…

– Não devia ter feito isso! E se ele tivesse acordado?

– Mamãe… – A pessoa que não podia ser Frances riu. – A senhora não acha que Billy sabe que tem algo acontecendo?

– Ele nunca disse nada.

– Zaddie também não. Não acha que Zaddie sabe?

– Zaddie com certeza sabe – concordou Elinor.

– E Billy também. Seja como for, ele não acordou. E eu queria mostrar para Nerita como é o pai dela.

– O que Nerita achou? – perguntou Elinor, curiosa.

– Achou que ele parecia velho. E parece mesmo. Pobre Billy…

Billy escancarou a porta da sala de estar e deu um passo em direção à luz. Elinor estava sentada em uma das novas poltronas de veludo que havia comprado depois da morte de Oscar. Sentada na

beirada da cama, estava sua esposa. Não era possível, pois Frances nascera em 1922 e teria quase 50 anos àquela altura, se não tivesse se afogado no Perdido. Aquela Frances não tinha mais que 32 ou 33 anos e se parecia com a mulher que Billy lembrava ter visto pela última vez.

– Frances? – chamou Billy.

A mulher riu, cruzando o roupão de algodão sobre os seios.

– Olá, Billy – disse ela timidamente. – Por que não se casou nesses anos todos?

– Billy – falou Elinor, não com rispidez, mas com tristeza. – Volte para a cama.

Ele entrou mais no quarto. Parou atrás da poltrona de Elinor e olhou para a esposa.

– Você está viva? – perguntou ele.

– Não – disse Elinor.

Frances balançou a cabeça

– Não – confirmou ela. – Não estou.

– Quem é Nerita? – indagou Billy.

– Nerita é sua outra garotinha – informou Frances. – Ela não veio esta noite.

– Mas vem algumas noites – falou Billy. – E ela canta?

– Você a ouviu? – indagou Elinor, erguendo os olhos para Billy por cima do ombro.

– Sim. Eu a ouvi. E, quando abriu minha porta naquela noite, eu *estava* acordado, mas não abri os olhos.

– Volte para a cama – insistiu Elinor.

– Você não está triste por mim, está? – quis saber Frances, curiosa.

Billy balançou a cabeça.

– Nunca estive – admitiu ele.

– Que bom – comentou Frances. – Então volte para a cama, Billy, e sempre que ouvir Nerita e eu subirmos até aqui para visitar a mamãe, não saia, está bem?

– Você está morta – disse ele, baixinho. – Mas não parece morta. Você vive no fundo da confluência, não vive? Eu me lembro de quando, no dia em que decidimos nos casar, você me levou para o topo do dique. Nós descemos e olhamos para a confluência, e você

disse que tinha estado lá no fundo. É lá que está agora, não é? No fundo do encontro dos rios.

– Billy – começou a falar Elinor.

– Você vai voltar com Frances? – perguntou Billy à sogra.

– Ela vai – apressou-se a responder Frances.

– Não, não vou – retrucou Elinor. – Vou ficar aqui com você, Billy.

– Mamãe…

– Shhh! – repreendeu Elinor. – Eu fiz essa escolha muito tempo atrás, Frances. No domingo de Páscoa de 1919, quando me sentei na beirada daquela cama no quarto do Hotel Osceola. Não vou voltar atrás agora.

– A senhora pode voltar, mamãe!

Elinor balançou a cabeça. Parecia ter esquecido que Billy estava ali ou talvez quisesse que ele ouvisse.

– Não posso. Você faz sua escolha uma vez, e não há volta. Você nasceu aqui, neste quarto, querida, e fez a escolha de voltar para o rio. Eu nasci… bem, digamos que não nasci sobre um colchão de penas… Um dia, quando esta cidade inteira estava debaixo d'água, vi um homem branco e outro negro remando em um pequeno bote verde e tomei *minha* decisão. Terminarei meus dias aqui.

– Mamãe, isso é um enorme desperdício!

– Não é um desperdício. Nunca me arrependi, nem por um minuto. Nem mesmo quando Oscar morreu e eu soube que foram Mary-Love e John Robert DeBordenave que o mataram; que ele morreu por minha causa e pelo que fiz a eles. Nem disso eu me arrependo, querida.

Frances deslizou da beirada da cama até o chão, prostrando-se aos pés da mãe.

– Mamãe, o que Nerita e eu vamos fazer sem a senhora? Como posso deixar a senhora envelhecer e morrer? Já está *tão* velha…

– Não há nada que possa fazer, querida. Nada. Eu tenho Billy comigo. – Ela não o esquecera, e ergueu a mão para agarrar a dele. – Billy vai cuidar de mim. Billy, é por isso que eu mantive você comigo.

– Para quê?

– Para que possa cuidar de mim quando eu morrer.

– Elinor… – disse ele, ensaiando um protesto.

– Você e Zaddie vão ter que me proteger – explicou ela em voz baixa.

– Proteger a senhora do quê?! – questionou Frances, erguendo os olhos para o rosto da mãe.

– Quando a hora chegar, eles vão saber.

– Nerita e eu protegeremos a senhora! Nós a protegeremos do que quer que seja.

– Vocês não vão conseguir – disse Elinor. – Mas Billy e Zaddie estarão aqui.

– Mamãe, a senhora sabe quando vai ser?

Elinor se limitou a sorrir.

– Antes de acontecer, eu vou entrar no rio mais uma vez, uma última vez, para me despedir de você e de Nerita.



Um dia depois da festa melancólica, Lilah voltou para Nova York e para o Sr. Woskoboinikow. Angustiado e inconsolável, Tommy se lançou ao trabalho no negócio de petróleo dos Caskeys com um fervor redobrado. Descia aos poços todas as manhãs para conversar com os trabalhadores do terceiro turno antes de voltarem para os trailers onde moravam em Cantonement e Jay. Falava ao telefone com Miriam e Billy duas ou três vezes por dia, e acompanhou mais de uma vez Miriam em viagens de negócios, tendo sido apresentado a várias pessoas por ela.

Elinor o ajudou a escolher vários ternos para essas viagens e, no geral, Tommy deixava uma boa impressão; no mínimo, era fisicamente *imponente*. Além disso, ia com a recomendação de Miriam, o que contava muito em Nova York, Houston e Nova Orleans.

Aos poucos, o fato de Tommy ter sofrido uma desilusão amorosa se tornou conhecido em Babylon e Perdido. Ele esperava um dia se casar com Lilah Bronze. Mas Lilah, treinada por Miriam, tinha agido mais ou menos como a tia e se casado com um homem de nome quilométrico e que havia jurado de pés juntos nunca mais pôr os pés no Alabama. As marchas dos direitos civis em Selma não haviam sido

tanto tempo atrás, e as pessoas ainda não haviam perdoado os oportunistas do Norte, que foram até o Sul para interferir de forma tão ardilosa. Lilah decidira *se casar* com um desses homens inescrupulosos.

No entanto, ao longo de todo esse processo, Tommy ganhara certa profundidade aos olhos da comunidade por conta de seu coração partido. As pessoas entendiam que ele havia mergulhado no trabalho para esquecer. As mães mantinham as filhas longe dele "até esse rapaz se encontrar de novo". Por esse acaso do destino, Tommy se tornou adulto sem o fardo de ter que se casar – o que era o rito de passagem habitual no amadurecimento de um homem no Alabama.

Lucille e Grace tinham orgulho dele. Nunca se esqueciam de agradecer a Deus em suas orações todas as noites, ajoelhadas uma ao lado da outra à beira da cama, pelo fato de Tommy não ter se rebelado e fugido para Chicago para enfrentar a polícia, deixado o cabelo crescer ou tomado LSD. Agradeciam por estar ali com elas quase todos os dias à hora do almoço e sempre ao jantar; e era possível ouvir sua risada, rouca e retumbante, ecoar por toda a casa à noite enquanto assistia à TV com seus amigos das plataformas de petróleo.



Em um fim de manhã na primavera de 1970, Tommy remava seu barco pelo pântano por um trajeto que levava tão ao norte quanto os cursos d'água e ilhotas de vegetação permitiam. Ele não gostava de usar o motor por conta do barulho e do cheiro de gasolina que exalava; além disso, o exercício não só sempre parecia aumentar seu apetite, como, sendo o pântano tão tortuoso, remar não era tão mais lento assim.

Ele passara a manhã com os petroleiros nas plataformas números 5 e 8 e agora estava voltando à fazenda para almoçar. Havia se acostumado ao pântano, sabia navegá-lo bem o suficiente para ir e vir sem se perder, o que era a única coisa que importava. Mantinha um bote ancorado à extremidade sul da fazenda propriamente dita, logo

onde começava o pântano. No fundo do bote, debaixo de uma lona impermeável, guardava um engradado de cerveja, o rifle que Elinor lhe dera de Natal alguns anos antes e as edições mais recentes de revistas masculinas em um saco plástico.

As revistas masculinas eram para ele, que tinha medo de que Grace e Lucille as encontrassem em casa; a cerveja era para os trabalhadores das plataformas; e o rifle era para os jacarés que vez por outra seguiam seu bote, como se esperassem que um petisco tão grande quanto Tommy Lee Burgess fosse desmaiar de calor e cair do barco na água oleosa.

Naquela manhã, com o estômago roncando, ele remava sozinho pelo pântano, pensando apenas no almoço que Luvadia preparava para ele. Já havia se afastado cerca de 1,5 quilômetro da plataforma de petróleo mais ao norte, mas ainda estava a cerca de 1 quilômetro de onde mantinha o barco amarrado. Pela posição do sol, sabia que estava indo na direção certa, portanto não prestava muita atenção na paisagem. Ali, tudo parecia o mesmo onde quer que estivesse, de qualquer maneira.

Tommy achou que Luvadia estava preparando milho frito ou quiabo para ele. Quanto mais pensava no assunto, mais torcia para que não fosse só quiabo, sem nenhum milho frito. Ele não entendia como era *possível* alguém gostar de quiabo a não ser que fosse muito bem empanado e frito, para fingir que tinha um camarão molhadinho lá dentro. O barco dele devia ter passado por um trecho raso, pois o remo ficou preso na lama de repente. O bote deu um tranco, fazendo Tommy cair para a frente e bater com o joelho dolorosamente no engradado de cerveja.

Ele tinha largado o remo, que continuou espetado na lama. O bote se agitou e oscilou enquanto Tommy se endireitava e estendia o braço para apanhá-lo de volta.

De repente, o remo se atirou para cima sozinho, saltando bem alto no ar.

Ele ficou perplexo ao vê-lo subir daquele jeito, observando boquiaberto o remo ficar suspenso no ar por alguns instantes para depois cair na água, a cerca de 20 metros de distância.

Tommy olhou pela lateral do barco e, na água negra e oleosa, viu

que algo o encarava de volta: um rosto achatado e redondo, verde ou preto, não conseguia saber ao certo, com olhos protuberantes perfeitamente circulares, uma boca larga sem lábios e dois buracos dilatados no lugar das narinas. Não era seu reflexo, pois estava claramente debaixo da superfície da água. Não se parecia em nada com um jacaré ou com qualquer tipo de peixe que ele já houvesse pegado naquelas águas ou em quaisquer outras. Não era um animal afogado preso nas raízes submersas de um dos ciprestes. Não era parecido com nada que tivesse visto na vida. E agora Tommy não tinha mais seu remo.

Ele se virou para trás no barco e puxou o cordão do motor, rezando para que pegasse. *A última vez que o usei foi na semana passada*, pensou ele. *Não, não foi na semana passada. Foi no mês passado.*

O motor não pegou.

Ele tornou a puxar o cordão. O motor gorgolejou, depois morreu. De repente, o barco foi puxado para trás. Tommy perdeu o equilíbrio por um instante, escorregando do assento e indo parar no chão do bote. Enquanto tentava se levantar e alcançar o motor, o barco se inclinou perigosamente para a direita. Ele estendeu as mãos para agarrar as laterais da embarcação, em uma tentativa de endireitá-la jogando o peso de seu corpo para a esquerda, mas o que sua mão tocou não foi a beirada do barco, e sim algo diferente; algo molhado e escorregadio.

Ele puxou a mão de volta e olhou. Havia um braço ali, definitivamente cinza-esverdeado e não preto, que terminava em uma mão larga, aberta e membranosa, jogada por sobre a beirada do barco. A mão estava espalmada sobre o assento.

Tommy pegou o saco plástico com as revistas masculinas e o usou para acertar aquela criatura. Ela nem se mexeu. Ele jogou as revistas de lado, pegou o rifle e golpeou a mão com a coronha. A mão pareceu se enroscar e tremer um pouco, mas continuou pressionando o assento. Tommy notou que o barco se movia devagar para a direita. A coisa não estava tentando subir, apenas levava o barco consigo pelas águas.

Ele não teve coragem de olhar pela lateral da embarcação.

Em vez disso, girou o rifle ao contrário e mirou a mão da criatura.

Mas não disparou, pois percebeu de repente que a bala poderia perfurar não só a mão, como o assento e a quilha do barco. Não estava interessado em afundar no pântano com *aquilo*.

Sem muito alvoroço, tentou ligar o motor, outra vez sem sucesso. O barco se movia de forma inexorável em direção a uma das maiores ilhotas daquela parte do pântano. Tommy a reconheceu, pois tinha inclusive lhe dado um nome. Ele a chamava de Ninho, por conta de todos os ninhos de jacarés ao redor dela.

Sem saber o que fazer, ele se sentou ao lado do motor e se pôs a puxar repetidamente o cordão, mantendo os olhos na mão, tentando evitar que o rifle caísse de seu colo.

O motor finalmente pegou. Ele girou o leme e acelerou o máximo que pôde.

O barco continuou a ser puxado inevitavelmente em direção ao Ninho. A força do motor não conseguiu alterar um grau que fosse o trajeto da embarcação.

Pressionando a perna contra o leme para mantê-lo no lugar, Tommy ergueu o rifle e mirou o cotovelo da criatura, que despontava da beirada do barco. Quando ela se levantasse da água, se é que podia se levantar, ele a alvejaria.

Começou a achar que o barco se movia devagar demais. *Mais rápido, mais rápido*, pensou. De poucos em poucos segundos, precisava secar o suor das mãos e da testa.

À medida que o barco se aproximava do Ninho, ele notou algo estranho: não havia jacarés por ali. Também não ouviu pássaros, apenas um som diferente. Um canto – não havia outra forma de descrevê-lo. Agudo, contínuo e monótono, era algo como nunca tinha ouvido.

Ele espiou pelo emaranhado de vegetação alta e troncos de ciprestes do Ninho, mas não viu nada. Então, no mesmo instante em que notou dois montes de grama seca que quase pareciam cabanas, grandes o suficiente para um homem rastejar para dentro e escondidas em meio aos arbustos densos, ele ouviu uma segunda voz que cantava junto da primeira. Em seguida, no entanto, ela se pôs a entoar uma melodia própria, ligeiramente distinta. O barco

continuava sendo atraído para cada vez mais próximo de uma grande ilhota de grama seca, ciprestes maciços e vegetação entrelaçada.

Então, sem aviso, o barco girou e começou a flutuar ao longo das margens da ilhota, passando por vários ninhos de jacarés grandes e vazios. Em alguns, Tommy conseguiu contar os ovos – algo estranho, já que os jacarés nunca os abandonavam assim.

Agora, ele ouvia claramente duas vozes. Usando a mira do rifle, tentou localizá-las na ilhota. Tinha quase certeza de onde estavam, ocultas na grama alta. Perguntou-se se deveria atirar. Sem perceber, já havia armado o rifle e estava prestes a puxar o gatilho quando um som o alertou – algo emergindo da água.

Uma terceira voz se juntou ao canto, gorgolejante no início, mas logo tão clara e imaculada quanto as outras duas. Então, pela beirada do barco, Tommy viu uma cabeça emergir da água. Era achatada, larga e lisa. O rosto estava virado para o outro lado.

Ele moveu a arma até o cano estar a menos de 30 centímetros da nuca daquela cabeça que brilhava de tão lisa.

– *Nerita!* – Foi a palavra que atravessou nitidamente a água desde a grama alta.

A cabeça se afundou e desapareceu.

Tommy girou o rifle automaticamente e mirou na direção de onde parecia vir a voz. Apertou o gatilho e o rifle disparou, o coice o jogando dolorosamente para trás contra o motor. Era óbvio que o barco tinha sido libertado da criatura que o havia controlado até então, pois agora o motor o fez disparar para longe da grande ilhota.

Tommy agarrou a cana do leme e acelerou, não na direção da qual tinha vindo, mas contornando o Ninho, afastando-se rumo à fazenda de Gavin Pond. Segurava o rifle sobre o colo e atirou o engradado de cerveja e as revistas masculinas na água, sem olhar para trás.

Recusou-se a olhar para trás não por medo do que poderia ver, mas por medo do que tinha visto.

O que havia se levantado por detrás daqueles montes cobertos de grama no centro do Ninho não era outra criatura, outra coisa cinza-esverdeada com olhos redondos e vidrados, boca larga sem lábios e cabeça redonda e lisa. Era Elinor Caskey, uma senhora que ele conhecia muito bem, com o rosto contorcido de medo. E foi em

Elinor que Tommy atirou, a bala abrindo um pequeno buraco redondo em seu peito nu.

Quando chegou à fazenda, ele atravessou com o barco os juncos à beira do pasto novo sem desacelerar e saltou para fora, seus pés se afundando na lama ao cruzar a margem. Passou atabalhoadamente pela cerca de arame farpado que delimitava o pasto e foi correndo até a casa, arrastando o cano do rifle atrás de si por todo o caminho.

Embora o sol naquela manhã tivesse se erguido em um céu sem nuvens e o rádio houvesse previsto que o tempo ficaria bom durante todo o dia e no dia seguinte, chovia a cântaros quando Tommy chegou em casa. Suas botas e calças haviam ficado enlameadas quando ele saltou do barco, mas a chuva limpara toda a lama, misturando-a àquela que se acumulava à beira do pátio de tijolos.

Ele suava de medo e exaustão; a chuva caía do céu e encharcava suas roupas até seu olfato, paladar e tato não discernirem nada além dela. Tommy estava coberto de arranhões e sangrava em dezenas de lugares diferentes, mas a água da chuva limpava o sangue tão rapidamente quanto ele brotava do seu corpo, fazendo-o pingar na terra.

CAPÍTULO 14

Chuva

Chove agora, uma chuva que impressiona nem tanto pela sua intensidade, mas pelo seu caráter implacável e constante. Ela encharca sem descanso os quintais ao redor das casas dos Caskeys toda a manhã, toda a tarde e durante toda a noite.

Billy Bronze a ouve ao se levantar da cama, e ela continua ao longo de seu dia infeliz e de seu sono infeliz à noite, sem nunca dar trégua ou sequer aumentar de intensidade, o que poderia ser interpretado, com otimismo, como a escuridão que precede a alvorada.

A água desce aos borbotões pelo telhado por todos os lados da casa, sobrecarregando as calhas insuficientes, recaindo sobre os degraus de entrada em uma cortina líquida pesada o suficiente para destruir um guarda-chuva. Cai em cascata sobre os canteiros à beira da casa, cavando trincheiras profundas e deslocando bulbos e tubérculos. Fustiga peitoris e janelas, enchendo cem mil quadrados minúsculos nas telas enferrujadas.

A chuva é um ribombar constante, inexorável e irritante, mais alto do que qualquer conversa, do que qualquer música, do que o ônibus para Mobile que passa pela estrada às quatro e quinze. A chuva obriga Billy a ficar à escuta por padrões e ritmos que são desfeitos logo que capturados. O som dela se sobrepõe aos seus pensamentos enquanto ele se balança em um dos bancos suspensos na varanda com tela do andar de cima. Mas isso, como lhe ocorre logo antes de desistir de pensar por completo, não é algo ruim, pois Billy não gosta de refletir que, ali dentro, Elinor Caskey está morrendo em seu quarto.

Billy não sabe como ela fora levada para casa, e nunca quis perguntar. Sabe apenas que, no fim da tarde, quando a chuva começou, Zaddie bateu à porta de seu escritório para chamá-lo. Ela o

levou ao quarto onde, ainda em suas roupas molhadas, exalando o cheiro forte do Perdido, estava a sogra. Zaddie afastou a parte de cima da blusa de Elinor e ele viu, cerca de 5 centímetros acima do coração, um pequeno buraco de bala.

– Segure minhas pernas no lugar – ordenou Elinor para Billy.

Obediente, Billy se sentou ao pé da cama e pressionou as mãos sobre os tornozelos de Elinor, para que ela não pudesse mover as pernas. Zaddie deu a volta e segurou com força os joelhos da mulher. Billy não fazia ideia do que estava acontecendo.

– Vocês chamaram o médico? – perguntou ele. – Onde está o médico, Zaddie?

– Nada de médicos – falou Elinor.

– A senhora pode morrer! – protestou Billy.

– Eu *vou* morrer – declarou Elinor, solene.

– Quem atirou? – perguntou Billy. – O que aconteceu?

Elinor não respondeu. Com a cabeça apoiada em dois travesseiros, ela olhou para baixo, para o ferimento em seu peito. Juntou o polegar e o indicador e os enfiou dentro do buraco pequeno. Sibilou por entre os dentes, todo o seu corpo se contorcendo e saltando. Se Billy e Zaddie não estivessem segurando tão firme suas pernas, ela teria se virado de lado ou caído da cama.

Aos gritos, ela finalmente retirou a bala.

Ficou deitada, ofegante, pelo que pareceram dois minutos, segurando o pequeno projétil de chumbo com força na palma da mão. Zaddie secou a testa dela com um pano.

– Foi Tommy – disse Zaddie.

– Por quê? – questionou Billy, perplexo.

– Não foi por querer – sussurrou Elinor. – Ele não teve culpa.

– Elinor, nós temos que…

– Não temos que fazer nada. Eu vou ficar deitada aqui nesta cama até morrer. Você e Zaddie vão me proteger.

– Proteger a senhora do quê? – Billy exigiu saber.

Fez-se um longo silêncio.

– Billy – falou Elinor depois de reunir forças. – Quero que dê dois telefonemas. Ligue para Tommy e peça que venha à cidade porque preciso falar com ele. Ligue para Miriam e diga que estou doente e

que ela deve vir até amanhã. Não ligue para mais ninguém. Se chamar algum médico, vou me recusar a vê-lo e nunca mais falarei com você. Entende o que digo?

Billy assentiu e fez exatamente o que foi pedido.

Naquela mesma tarde, Tommy entrou na casa molhado, cheio de vergonha, culpa e temor. Billy o levou ao andar de cima, até o quarto de Elinor, e esperou com curiosidade para ouvir o que ela tinha a dizer a ele.

Mas Elinor mandou tanto Billy quanto Zaddie embora, ficando sozinha com Tommy por vários minutos. Tommy saiu da conversa mais abalado do que quando havia chegado. Atravessou correndo a chuva, se lançou em sua caminhonete e disparou estrada inundada afora.

– Tive que garantir que ele não iria contar nenhuma tolice – comentou Elinor mais tarde. – Tommy não dirá nada. Com *isso* não precisamos mais nos preocupar.

Miriam apareceu no dia seguinte, e a essa altura Elinor estava mais fraca, porém mais apresentável. Zaddie lhe dera um banho e a vestira com uma camisola e roupão bordados. A chuva continuava a cair.

– Mamãe, você está com uma aparência horrível.

– Eu vou morrer, Miriam.

– Em breve, você quer dizer?

Elinor assentiu.

– Só queria que soubesse que está tudo em ordem. O testamento e todo o resto. Billy sabe de tudo.

– Que bom. Eu sabia que você estaria pronta quando chegasse a hora. Tem certeza de que é agora?

Elinor tornou a assentir.

– Sinto muito – apressou-se a dizer Miriam. – De verdade.

– Acredito em você.

– Zaddie e Billy estão cuidando de você? Quer que eu mande Malcolm vir aqui para fazer alguma coisa?

– Sim. Quero que você e Malcolm façam algo por mim.

– O quê?

– Um último pedido, Miriam.

– Não posso prometer, mamãe. Mas o que é?

– Não quero que estejam por aqui quando eu morrer. Quero que você e Malcolm saiam da cidade até eu estar morta.

– Ir embora?! Mamãe, não posso deixar a madeireira…

– Pode, sim. Faça isso. Vá embora até eu morrer. Você também não iria querer ficar por aqui, cuidando de mim.

– Eu não cuidaria de você, de todo modo – comentou Miriam. – Mas para onde quer que a gente vá?

– Vá visitar Lilah. Vá para Houston. Se precisar mesmo ficar na região, passe um tempo com Grace e Lucille. Deus sabe que elas têm espaço de sobra por lá.

– Mamãe, por que quer que estejamos longe daqui?

– Tenho meus motivos. E são bons motivos. Vá embora, Miriam. Hoje à noite. Ou amanhã, no máximo.

– Bem, ainda não prometi nada. Tenho que falar com Malcolm.

– Malcolm vai fazer o que você mandar.

– Mamãe – disse Miriam com alguma delicadeza –, por quanto tempo imagina que Malcolm e eu teremos que ficar fora?

– Miriam, o que deixei para você no meu testamento vai compensar esse inconveniente – falou a mãe, seca.

Miriam voltou à casa na manhã seguinte com Malcolm, e ambos se despediram brevemente de Elinor. A chuva continuava.

– Precisa ver como está lá fora, Elinor – comentou Malcolm, balançando a cabeça. – Todo o raio do quintal está prestes a ser levado pelas águas.

– Para onde vão?

– Para algum lugar seco – respondeu Miriam.

– Vamos passar alguns dias em Houston, depois vamos para Nova York – acrescentou Malcolm. – Depois disso, ainda não sei.

– Então adeus – despediu-se Elinor. Ela estendeu o braço em um gesto fraco, apertando a mão de Malcolm. – Seja bom para Miriam.

Malcolm riu.

– Diga a ela para ser boa *comigo*!

Miriam se agachou ao lado da cama. Pegou a outra mão de Elinor e a trouxe para junto ao peito. Inclinou-se e beijou Elinor na bochecha.

Quando Miriam recuou, ela viu uma lágrima no olho de Elinor.

– Mamãe, esta é a primeira vez que a vejo chorar.

Elinor abriu um sorriso fraco.

– É a primeira vez que você me dá um beijo.

Miriam se levantou.

– Adeus, mamãe.

– Adeus, querida. Seja boa para Malcolm. Ele provavelmente merece.

Parada à porta de entrada no andar de baixo, Zaddie entregou a Miriam e Malcolm seus guarda-chuvas antes de eles saírem para a varanda da frente.

– Você me liga? – perguntou Miriam em voz baixa a Zaddie.

Zaddie assentiu, calada. Malcolm conduziu a esposa até o carro.

O veículo estava a pouco mais de 10 metros de distância, mas, quando o alcançaram, apesar dos guarda-chuvas e de terem se apressado, estavam encharcados.



A chuva caía de forma incessante sobre Perdido havia sete dias, com uma precipitação de mais de 650 milímetros. A princípio, para a maioria das pessoas, aquela persistência se tornara apenas uma desculpa para reclamar, finalmente por um motivo justo, sobre o clima.

Os comerciantes de Perdido estavam certos de que os clientes se sentiam desmotivados a irem de carro até o centro. Para os fazendeiros, que tinham concluído havia pouco a semeadura de primavera, foi um desastre. As mudas eram esmagadas ou arrastadas pelas águas em seus sulcos, os torrões grossos entupindo as valas de drenagem. Sementes que nem sequer haviam brotado apodreciam no solo. A cada dia que a chuva continuava, o medo dos habitantes da cidade crescia, pois já não se tratava apenas do incômodo dos guarda-chuvas e dos jornais empapados ou da redução na receita das lojas, mas da ameaça de uma nova enchente.

O fato de chover ou não em Perdido não importava muito, mas a existência de precipitação nas grandes florestas ao nordeste e ao

noroeste da cidade era muito preocupante. A água que caísse ali poderia correr pelo terreno levemente inclinado até os rios Perdido e Blackwater, elevando esses cursos d'água desde as suas nascentes até a confluência atrás da prefeitura de Perdido. Em suma, se continuasse a chover nas florestas em que a água e a umidade não incomodavam ninguém, a cidade poderia muito bem ser inundada.

Depois do quarto dia de chuva, os boletins meteorológicos da estação de rádio de Perdido, e até mesmo os de estações de TV em Pensacola e Mobile, muito afastados do perigo, começaram a informar a elevação dos rios com os totais diários e cumulativos dos índices pluviométricos. No sétimo dia de chuva, um engenheiro do Exército foi enviado de Fort Rucca para inspecionar os diques de Perdido, pois as águas estavam mais altas do que jamais haviam estado desde 1919.

O engenheiro dirigiu seu jipe até o topo do dique atrás da prefeitura, remexeu a terra com uma pá, puxou alguns arbustos de mirtilo da lateral da barragem, olhou através da chuva para a margem oposta dos rios cheios com seus binóculos e tentou ignorar as perguntas do prefeito, que havia insistido em acompanhá-lo durante a inspeção.

Da casa do prefeito, à qual ele tinha sido convidado para o almoço, o engenheiro telefonou para Fort Rucca e pediu que seu superior fosse a Perdido naquela tarde. Na verdade, disse que deveria ir imediatamente. O prefeito e a esposa entreouviram essa conversa e ficaram aflitos. A preocupação dos dois aumentou quando o engenheiro do Exército perguntou onde um helicóptero poderia pousar na cidade.

Faltando quinze para as duas, o engenheiro do Exército, bem como todos os funcionários da câmara municipal, assistiu ao helicóptero descer em meio à chuva no espaço que havia sido liberado no estacionamento da prefeitura. Um coronel e mais dois homens, um deles civil, trocaram apertos de mão com o prefeito e, em seguida, saíram dali no jipe do primeiro engenheiro, recusando taxativamente a oferta do prefeito de acompanhá-los.

Às quatro e meia, todos os quatro homens chegaram à casa do prefeito na Live Oak Street, que ficava na zona baixa da cidade, e

informaram que o dique estava em risco e poderia romper se a água chegasse a um nível acima de 10 metros. O prefeito, assim como sua esposa e a cozinheira, que ouviam tudo da cozinha, ficaram horrorizados. Como o dique, que havia protegido Perdido por mais de quatro décadas, poderia estar em risco? Sempre havia sido considerado a maior obra já feita naquela cidade.

– Há alguns pontos em que o dique é muito frágil – disse o engenheiro, dando de ombros. – A vegetação foi queimada em certas partes, causando erosão. Em outras, a construção não foi feita da forma adequada desde o início. Há inclusive uma ruptura junto aos trilhos ferroviários, perto da confluência dos rios. Não foi feita a devida manutenção.

– Nunca houve dinheiro suficiente – argumentou o prefeito, sem muita convicção.

O engenheiro tornou a dar de ombros.

– O que podemos fazer? – perguntou o prefeito, enfim.

O coronel assumiu a palavra, olhando pela janela para a chuva que caía em ritmo constante. Sentia-se desconfortável, pois seu uniforme estava encharcado e seu estômago embrulhado devido à viagem de helicóptero.

– Vou enviar alguns homens. Eles começarão a chegar hoje à noite e amanhã. Podem tentar escorar o dique, empilhar sacos de areia, evacuar as pessoas se necessário, esse tipo de coisa. Mas não posso prometer nada. Não garanto que vá adiantar. A única coisa que *posso* prometer é que estarão aqui trabalhando sem descanso para salvar esta cidade.

– *Salvar* a cidade – repetiu o prefeito em um sussurro alarmado. – O que acontecerá… se o dique romper?

– Bom – disse um dos outros engenheiros, um jovem que não conhecia os benefícios das evasivas e da prevaricação –, a água vai romper o dique em um determinado ponto, daí vai levar um pedaço muito maior da construção com ela. Uma muralha de água vai sair jorrando. A essa altura, é melhor já ter evacuado todos os habitantes, pois a água vai varrer tudo e todos que encontrar pelo caminho.

Embora a explicação do homem estivesse correta, o coronel e os

outros engenheiros o fuzilaram com o olhar: queriam convencer o prefeito de que seria prudente evacuar a cidade, não apavorá-lo.

– O hospital… – disse o coronel. – Onde fica o hospital da cidade?

– Na zona alta – respondeu a esposa do prefeito, que chegava com café e toalhas.

– Melhor assim – falou o oficial, sem acrescentar mais nada.



Ninguém em Perdido notou que Elinor Caskey não saía de casa havia dez dias. Ao longo desse tempo, a chuva não tinha parado de cair, e Perdido não conseguia pensar em outra coisa.

Algumas crianças foram retiradas da escola e levadas para ficar com os avós em locais sem chuva e onde não havia perigo de enchentes. Aqueles que tinham casas de praia em Gulf Shores e Destin foram tomados por um desejo repentino de visitar essas regiões, embora abril ainda fosse muito cedo para ir à praia.

Discretamente, por sugestão de Billy, todos os arquivos importantes da madeireira foram empacotados e despachados para a fazenda de Gavin Pond. Era verdade que a casa de fazenda ficava a apenas 800 metros do rio, mas em um terreno muito mais elevado do que Perdido, portanto provavelmente não seria inundada. Em seguida, Tommy foi à casa de Elinor e levou os arquivos do escritório de Billy.

Assim, dia após dia, pouco a pouco, Tommy transportou tudo que havia de importante para os Caskeys – incluindo as caixas de joias no fundo da penteadeira de Miriam – para a fazenda de Gavin Pond. Grace e Lucille fizeram tantas ampliações na casa ao longo dos anos que sempre havia espaço para guardar tudo.

Após sua primeira conversa com Elinor depois que ela ficara acamada, Tommy não voltou a visitá-la. Na verdade, quando Escue e ele foram à casa recolher parte dos registros do escritório de Billy, Tommy passou depressa pela porta do quarto de Elinor.

Lucille e Grace fizeram uma única visita à mulher, muito formal e breve.

Lucille, que a cada dia se parecia mais com Queenie, e já superava a mãe em termos de circunferência, ficou parada diante da janela, olhando para fora. Através da cortina d'água que caía do telhado, via os troncos estreitos ligeiramente contorcidos dos carvalhos-aquáticos que Elinor havia plantado antes de se casar com Oscar. Ouvia os galhos rangerem sob o peso da água e, uma vez, depois de um estalo molhado, viu um galho grande, sem folhas e apodrecido, cair do topo da árvore até o chão, onde aterrissou com um estrondo no lençol de água raso que cobria o quintal. Lucille não queria olhar para Elinor. Tommy achava que ela não duraria muito.

Grace puxou uma cadeira para mais perto do lado da cama.

– Tommy disse que você está morrendo.

Elinor assentiu, solene.

– Eu estou morrendo – confirmou ela.

– Está sentindo dor?

– Estou.

– Eu e Lucille podemos fazer algo?

– Não – disse Elinor, mas então se corrigiu: – Sim, uma coisa.

– O quê? – perguntou Lucille, virando-se com ar solícito.

Sentia-se impotente, então ficou feliz em ouvir que poderia fazer *algo*.

Elinor falou com brandura:

– Digam a Tommy que não foi culpa dele.

As duas trocaram olhares.

– Ele acha que foi? – indagou Grace.

Quando a outra assentiu, Grace perguntou:

– O que há de errado com você, Elinor?

A mulher balançou a cabeça.

– Apenas garantam que Tommy saiba que não foi culpa dele.

Lucille estava prestes a dizer algo, mas Grace falou depressa, em tom decidido:

– Fique tranquila. Diremos que não foi culpa dele – repetiu ela, como se quisesse confirmar a mensagem.

– A senhora está cansada – falou Lucille, prestativa. – Voltaremos amanhã.

– Não. Despeçam-se agora.

– A senhora tem que nos deixar voltar! – exclamou Lucille.

– Fiquem na fazenda, vocês duas. Não voltem para a cidade.

– Por que não? – perguntou Grace.

– Porque o dique vai romper. E não quero que sejam apanhadas.

Lucille olhou involuntariamente pela janela para a barragem coberta de kudzu para além dos carvalhos-aquáticos.

– Ele não vai romper, Elinor.

– Tem certeza? – disse Grace a Elinor, ignorando o otimismo de Lucille.

Elinor assentiu.

– Então é melhor você nos deixar levá-la para a fazenda, onde estará segura. Lucille, comece a aprontar uma mala para ela.

– Não – disse Elinor. – Vou ficar aqui.

– Para ser levada pelas águas? – exigiu saber Lucille.

Elinor se limitou a sorrir.

– E quanto a Billy e Zaddie? – perguntou Grace. – O que vai ser deles se o dique romper? Deveria deixá-los levar você para a fazenda. Temos tanto espaço!

– Estou cansada – disse Elinor com a voz fraca. – Digam adeus e voltem para a fazenda. Estarão seguras lá.

Lucille e Grace ficaram paradas ao lado da cama, de mãos dadas.

– Não posso dizer adeus! – exclamou Lucille. – Ai, Elinor, não me obrigue a fazer isso!

– Adeus, Lucille. Queenie tinha muito orgulho de você. Todos sempre tivemos muito orgulho de você.

Lucille se virou e começou a chorar baixinho.

– Adeus, Elinor – despediu-se Grace.

– Abra aquela primeira gaveta – pediu Elinor. – E pegue a caixa que está logo à frente.

Grace fez isso. Dentro da caixa estavam as pérolas negras de Elinor.

– James deu essas pérolas a Genevieve – falou Elinor. – Elas devem ficar com você agora.

– Não – disse Grace. – Eu não poderia aceitar.

– Mary-Love ficou com todas as outras joias de Genevieve, que

estão com Miriam agora. Duvido que Miriam abra mão de uma única delas, então aceite as pérolas, Grace.

– Eu vou esperar – sussurrou ela.

– Não pode esperar. Quando eu morrer, não deixarei nada para trás. – Elinor correu os olhos pelo quarto e sorriu. – Absolutamente nada. Se não as levar agora, as pérolas vão se perder para sempre. E eu odiaria que isso acontecesse.

Grace assentiu e guardou a caixa com as pérolas em sua bolsa.

– É difícil acreditar que tantos da família estão mortos. De quando cheguei a Perdido, você é a única viva – disse Elinor.

– Eu me lembro – falou Grace. – Ainda me lembro de me sentar no seu joelho em frente à igreja da Sra. Driver. Lembro também de quando foi morar comigo e com papai.

– Faz tanto tempo… Você era tão pequena, tão melindrosa… – comentou Elinor, rindo baixinho.

– Eu amava muito você, Elinor – limitou-se a dizer Grace. – Sempre amei. Ainda amo.

– Me dói muito dizer adeus – falou Elinor. – Ainda mais para você.

Grace se inclinou sobre a cama e abraçou Elinor por um instante. Então se empertigou, secou os olhos e saiu do quarto. Lucille não demorou a segui-la.

– Adeus! Adeus! – exclamou Elinor enquanto elas iam embora, sua voz fraca se perdendo sob o ruído da chuva que batia nas janelas da casa.



No décimo primeiro dia de chuva, o Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos aconselhou todos os habitantes de Perdido a evacuarem a cidade e se transferirem para zonas mais elevadas. Muitos já o haviam feito, e aqueles que tinham insistido em ficar – confiando no dique e na própria sorte – reconsideraram se seria prudente permanecer em uma cidade que muito em breve poderia ser destruída por uma enchente.

Os curiosos mais ousados subiram ao topo do dique, abismados

com a altura das águas. O bosque de carvalhos silvestres ao norte da confluência dos rios já não passava de uma extensão de água negra, pontuada por cúpulas verdes monumentais. As florestas ao noroeste de Perdido estavam submersas, já não sendo possível extrair madeira a meros 15 quilômetros da cidade. Ao nordeste, o pântano em que nascia o rio Blackwater já transbordara havia tempos e a estrada entre Perdido e Atmore estava fechada. Ao sul da cidade, o Perdido dobrara de largura, os arbustos e as árvores pequenas afogados ao longo de suas margens – muitas das árvores maiores, inclusive, tinham sido desenraizadas pela pressão da torrente de água negra.

A Guarda Nacional passara três dias na cidade, escorando o dique com sacos de areia e batendo às portas de cada casa para garantir que os moradores estivessem cientes do perigo. As lojas no centro da cidade fecharam as portas. Caminhões foram carregados de mercadorias, que seriam armazenadas temporariamente em áreas mais altas. A madeireira dos Caskeys foi encerrada por ordens de Miriam, que estava em Nova York, e a maioria dos trabalhadores deixou a cidade.

Toda a madeira e demais produtos em armazéns próximos foram levados de caminhão para Bay Minette, não por ser o destino mais conveniente, mas porque a estrada para o sudoeste era a única que continuava segura em caso de enchente. Uma sirene foi instalada na sala debaixo dos relógios da prefeitura; seu toque seria o sinal de que o dique havia rompido.

A instalação da sirene convenceu os São Tomés de Perdido de que a cidade estava sob grande perigo. Essas pessoas consideravam que a Guarda Nacional sempre inventava coisas para manter seus homens ocupados, e encher sacos de areia poderia ser apenas mais uma delas. O Corpo de Engenheiros do Exército estava sempre em busca de alguma desculpa para ostentar sua autoridade e declarar que uma ou outra construção era insegura ou perigosa. Os sacos de areia, os alertas dos engenheiros e o corre-corre frenético do prefeito poderiam ser ignorados, mas não a sirene instalada na sala debaixo dos relógios da prefeitura. Os rios estavam a 9,45 metros de altura e todos, ou quase todos, foram embora da cidade.

Os pacientes do hospital de Perdido foram transferidos para Bay

Minette ou Mobile. Como o prédio ficava em uma área elevada, a Guarda Nacional agora ocupava os leitos à noite. Estavam certos de que a cidade havia sido evacuada.

Os suportes da ponte que conectavam o centro à Baixada dos Batistas tinham sido enfraquecidos pela água e, na noite do décimo segundo dia de chuva, a ponte ficou instável. As bases do lado da Baixada dos Batistas foram as primeiras a ceder e, ao som de rangidos e estalos terríveis, a ponte pendeu para o sul, arrastada na direção da correnteza.

Dois homens azarados da Guarda Nacional estavam atravessando a ponte naquele momento, e seu jipe atolou em uma grande poça. Eles correram e saltaram para o dique no instante em que a ponte se soltou por completo. Um deles conseguiu escapar, mas o outro escorregou na lama do dique e deslizou para a água. Por um instante, ele se agarrou a uma estaca da ponte que restava, mas suas mãos e seus braços foram arrancados dali quando tentou escalar para fugir do alcance da correnteza. A ponte desmoronou com um ruído ensurdecedor, em meio à chuva cegante que caía sem trégua do céu negro.

Os homens da Guarda Nacional que tinham chegado à segurança do dique ouviram o grito do amigo, pendurado naquela estaca inclinada, e acharam tê-lo visto ser puxado para debaixo d'água por dois braços longos que terminavam em mãos achatadas, cujos dedos pareciam unidos por membranas.



Na décima segunda noite de chuva, Billy Bronze estava sentado no escuro na varanda do andar de cima. As telas estavam opacas pela chuva. A água espirrava do meio parapeito que contornava toda a varanda, ainda caindo em uma cortina constante das calhas da casa.

Billy estava na escuridão. Zaddie e ele não acendiam mais nenhuma luz exceto a do quarto de Elinor, onde as cortinas eram mantidas fechadas. A Guarda Nacional estivera ali três dias antes, e Billy lhes havia prometido que iria embora em no máximo uma hora.

Zaddie percorrera a casa, trancando todas as portas e cerrando as cortinas, como se de fato pretendessem partir. Elinor se recusava a ir embora, e Zaddie e Billy não tinham intenção de abandoná-la.

Ocorreu-lhe naquele instante, quase pela primeira vez, que essa lealdade talvez significasse a própria morte, bem como a de Zaddie. Se o dique atrás da propriedade rompesse, a casa seria varrida pelas águas. Billy e Zaddie se afogariam ou seriam esmagados na catástrofe.

Ele ponderou sobre isso por alguns momentos, não por medo, mas como uma forma de passar o tempo. De certa forma, não parecia que Elinor estivesse pedindo muito; ele certamente não tinha intenção de censurá-la por isso. Mesmo que ela morresse antes de o dique romper, mesmo que estivesse morta *agora*, pensou ele, olhando por sobre o ombro, Zaddie e ele ficariam junto do corpo até a chuva diminuir e as águas baixarem. Ou até o dique ceder à força do rio. De alguma forma, não seria certo transportar o corpo de Elinor no meio da chuva.

Ele continuou sentado, balançando-se de leve no banco suspenso. Embora fosse tarde, não ouviu os passos lentos e furtivos subirem as escadas para visitar Elinor. Frances e Nerita (ele agora pensava nas visitantes pelo nome) não haviam voltado desde que Elinor aparecera com o buraco de bala no peito. Não apareciam desde o dia em que a chuva tomou Perdido de assalto.

Ele se levantou e entrou na casa. Havia algo inquietante em estar ali – em uma casa que deveria estar vazia, em uma cidade evacuada – sabendo que, se a sirene tocasse, apenas eles seriam alertados. E justamente eles, que não precisavam desse aviso.

Billy se sentiu um intruso naquele silêncio, na escuridão interrompida apenas pela lamparina do quarto de Elinor, queimando óleo perfumado de pinho. Sempre acesa, atravessava as noites negras e os dias chuvosos, oferecendo-lhe um raro conforto. Mas, dentro daquele quarto, o que havia era uma idosa à beira da morte.

Ele já girava a maçaneta da sala de estar quando ouviu um som na outra ponta do corredor. Não era chuva nem o ranger dos móveis, mas algo furtivo, tão silencioso quanto os passos de Frances costumavam ser. Billy não hesitou. Abriu a porta e entrou. Seus olhos,

acostumados à escuridão, levaram um instante para se ajustar à linha de luz que escapava do quarto de Elinor.

Ela estava deitada no meio da cama, magra e pálida, parecendo ainda mais velha sem a maquiagem que havia tempos não usava. Os olhos fechados, as mãos frágeis repousando sobre as cobertas bem dobradas. Era a imagem perfeita da morte iminente – como uma pintura antiga, bela e sentimental, de como tudo deveria acontecer.

Ao lado da cama, Zaddie dormia em um leito portátil e se mexeu, sonolenta, quando Billy entrou. Nenhum dos dois deixava Elinor sozinha nem por um minuto.

Elinor abriu os olhos devagar. Ao vê-lo, sorriu.

– Como você está? – perguntou, baixinho. – Pobre Billy… Já não vai precisar esperar muito.

Billy deu de ombros, então foi se sentar à beirada da cama. Elinor não tinha forças para mover as mãos, mas ela as viu tremer sobre as cobertas e agarrou as duas.

– Quero que vocês dois fiquem comigo esta noite. Ouviram?

Billy franziu as sobrancelhas, mas não discutiu. Se havia aceitado sua recusa de receber um médico ou ser internada em um hospital, como deixaria de acatar um pedido tão simples quanto aquele?

– Zaddie – disse Elinor. – Acorde.

Embora a voz de Elinor mal passasse de um sussurro, Zaddie se levantou imediatamente.

– Senhora?

– Desça e prepare algo para você e Billy comerem. Não se preocupe com as luzes. Ninguém vai sair hoje à noite. Depois, traga tudo aqui para cima. Ande logo, e não demore.

Zaddie fez exatamente o que lhe foi pedido. Depois que ela foi embora, Elinor disse a Billy:

– Pegue a caixa de chaves que está na segunda gaveta da escrivaninha. Encontre as que servem para a porta da sala de estar e para a porta deste quarto.

Ela então fechou os olhos, como se lhe tivesse sido muito custoso dizer até mesmo aquelas poucas palavras.

A porta da sala de estar nunca tinha sido trancada. Tampouco a porta daquele quarto. Billy sabia disso. Ele experimentou uma dezena

de chaves até encontrar as duas que giravam as trancas das fechaduras. Então ficou esperando Zaddie voltar diante da porta da sala de estar. Em instantes, ela subiu as escadas carregando uma bandeja com sanduíches e cerveja.

Billy abriu a porta para ela, então sussurrou:

– Eu já volto. Só vou buscar meus óculos.

Ele atravessou o corredor até o próprio quarto e tateou em busca do estojo correto em cima da penteadeira. Tentou pensar em algo mais de que pudesse precisar, mas não lhe ocorreu nada. Então ficou surpreso ao ouvir, acima do barulho da chuva, duas vozes. Elas vieram de dentro da casa e não pertenciam a Elinor nem a Zaddie. Eram de uma mulher e de uma criança, e vinham da sala da frente.

Guardando os óculos no bolso da camisa, ele foi sem pensar até a porta do corredor das roupas de cama e banho. Girou a maçaneta sem fazer barulho e abriu a porta devagar. O corredor fechado, sem janelas, estava escuro a princípio, mas Billy viu a porta na extremidade oposta se abrir devagar. Ali, à luz tênue que preenchia a sala da frente, ele viu uma velha com a mão na maçaneta.

Billy não a reconheceu. Ao lado dela, havia uma criança que ele tampouco reconhecia. A velha abriu um breve sorriso, apontou para Billy e então empurrou o menino para o corredor. O menino, com as mãos estendidas, seguiu cambaleante por entre as prateleiras de lençóis e toalhas em direção ao homem.

Billy fechou a porta com força, saiu correndo do quarto e atravessou o corredor, sem nem ao menos olhar para trás. Entrou estabanado na sala de estar e fechou a porta com um golpe. Puxou a que achava ser a chave certa do bolso e a enfiou depressa no trinco. Ela não girou. Billy a puxou de volta e tentou uma segunda chave. Essa girou, mas antes mesmo de Billy recolher a mão, ele viu a maçaneta da porta girar.

– Vá embora – sussurrou ele.

Ele entrou depressa no quarto de Elinor, cegado novamente pela luz. Fechou a porta com cuidado, trancando-a também.

Elinor abriu os olhos devagar e fitou Billy com uma compreensão tão profunda no olhar que ele perguntou automaticamente:

– Quem são eles?

– Mary-Love – respondeu Elinor.

– A mãe de Oscar? Mas ela morreu antes de… – Ele parou de argumentar de repente. – E o menino?

– O nome dele é John Robert DeBordenave. Ele morava atrás da casa de James.

– Quando? – perguntou Billy.

– Muito tempo atrás. Não é, Zaddie? – perguntou Elinor com um sorriso. – Você se lembra de John Robert? Quando você e Grace eram pequenas e Mary-Love tentava fazer Grace brincar com ele e não com você?

– John Robert era um pouco devagar da cabeça – falou Zaddie, como se isso explicasse por que Zaddie era velha e John Robert parecia não ter mais do que 10 anos.

– É por isso que precisamos trancar a porta? – perguntou Billy.

Elinor fechou os olhos, como se não pretendesse gastar sua energia respondendo a perguntas cujas respostas fossem tão óbvias.

– O que faremos agora? – indagou Billy.

– Agora? – repetiu Elinor. – Agora, esperamos.



Zaddie e Billy ficaram com Elinor até tarde naquela noite. Billy moveu sua cadeira de perto da porta para um lugar junto à janela. Sentado próximo à porta, ele ouvia o arranhar distante, porém implacável, que vinha do outro lado da porta da sala de estar. Perto da janela, ouvia apenas a chuva.

À medida que Elinor enfraquecia, a chuva parecia aumentar de intensidade. Assim, Zaddie e Billy ficaram ali, em silêncio, enquanto Elinor Caskey se aproximava lentamente da morte. Esperaram pela morte, pela trégua da chuva ou pelo som da sirene cortando o ruído da água. Mas Zaddie e Billy sabiam que a inundação poderia chegar sem nenhum aviso.

De repente, ouviu-se um estrondo no quarto ao lado. Antes que Billy e Zaddie sequer tivessem tempo de perceber que fora o som da porta da sala de estar sendo arrombada, eles viram a maçaneta da

porta do quarto girar, primeiro lentamente, depois em um ritmo frenético. Quando isso se mostrou inútil, eles começaram a ouvir os arranhões e as batidas graves mais perto, logo do outro lado da porta.

Billy e Zaddie se entreolharam e depois encararam Elinor. Os olhos dela estavam abertos, seu rosto sereno.

– Me deem suas mãos – sussurrou ela.

Os dois obedeceram, postando-se cada um de um lado da cama.

Billy e Zaddie se inclinaram mais para perto para ouvir suas palavras. A chuva batia estrepitosamente nas janelas. A porta do quarto estava sendo esmurrada, de forma incessante e agora alucinada.

– Adeus, Billy. Você se tornou meu filho.

Ele ficou calado, mas apertou a mão inerte de Elinor com mais força.

– Adeus, Zaddie. Nós fomos boas uma para a outra, não fomos?

– Sim, senhora – respondeu Zaddie. – Com toda a certeza.

Ouviam-se trovões agora. A chuva açoitava a casa e, em meio às trovoadas, os golpes contra a porta do quarto soavam redobrados. Acima disso tudo, dois gritos cortaram o ar: um de frustração logo atrás da porta do quarto, outro ecoando por toda a cidade, à medida que a sirene na sala debaixo dos relógios da prefeitura começou a soar. O dique havia rompido.

A porta do quarto foi escancarada, e Zaddie e Billy vislumbraram Mary-Love e John Robert, pálidos, brancos e mortos.

Elinor fechou os olhos.

– Adeus – sussurrou ela, sem pressa e sem medo, e morreu.



O dique rompeu em dois pontos ao mesmo tempo. O lado oeste do Perdido, onde a ponte costumava ficar, sempre havia sido um ponto fraco. Ao se soltar e ser levada embora, a ponte arrastara consigo várias toneladas de barro compactado. Além disso, a água que corria em redemoinhos pacientes e tenazes havia dilapidado ainda mais a barragem ao longo das últimas horas. Fissuras cada vez mais

profundas se abriram até que, por fim, precisamente às três e meia da manhã, as águas unidas do Perdido e do Blackwater não puderam ser mais contidas.

Em questão de instantes, as lojas que se enfileiravam ao leste da Palafox Street foram empurradas até o outro lado da rua, chocando-se contra a fileira de lojas opostas. No minuto seguinte, havia apenas estilhaços, cacos de vidro e montes de papel, todos enegrecidos pela água. O ganha-pão dos comerciantes se transformara em um aríete de detritos que se atirava em uma dúzia de direções simultâneas contra o restante da cidade.

A enchente se movia rapidamente, destruindo ruas, postes telefônicos, árvores e casas. Prédios inteiros foram esmigalhados, suas madeiras reduzidas a palitos de dentes. Outros tiveram seus segundos andares decapitados, quartos mobiliados sendo completamente levados pela maré negra implacável até baterem em uma árvore ou em outro prédio, tornando-se eles próprios instrumentos da destruição.

No lado leste da cidade, o dique havia rompido logo atrás da madeireira dos Caskeys, cerca de 100 metros antes de o Blackwater chegar à confluência. O rio menor tinha menos força do que o Perdido, mas o dano causado por ele foi total. Armazéns, anexos, escritórios, caminhões e instalações de armazenamento de petróleo dos Caskeys foram os primeiros a ser inundados, tendo sido despedaçados ou erguidos e carregados até a Baixada dos Batistas, onde, uma a uma, como se Deus tivesse um mapa do município e quisesse eliminar as habitações humildes em uma sequência cruel, as casas e todos os pertences das pessoas pobres que ali viviam foram esmagados sob toneladas de água negra e detritos. Vários tanques de óleo enormes se partiram, de modo que a superfície da enchente agora estava coberta por um brilho lúgubre.

E a chuva ainda caía torrencialmente sobre aquela cena de destruição.

Os homens da Guarda Nacional posicionados no telhado do hospital observavam através de seus binóculos. Na escuridão, não tinham visto nada. A primeira indicação de que os diques haviam rompido fora o barulho explosivo da água que invadia de repente a

cidade. Foi então que a sirene soou, mas durante não mais do que alguns segundos antes de toda a energia da cidade ter sido cortada. Sem ser anunciada de nenhuma outra forma, a água tratou de varrer Perdido da face da Terra.



O dique atrás das casas dos Caskeys aguentou firme, mas isso fez pouca diferença. Antes de o dique romper no centro da cidade, a água começou a transbordar por sobre o topo daquela barragem. Água negra desceu pelas trepadeiras de kudzu, cobrindo os quintais com um lençol d'água que subia a cada minuto.

Quando o dique finalmente cedeu no centro, o nível da água subiu com ainda mais rapidez, mas, como havia uma pequena colina residencial e vários bosques cerrados entre as casas dos Caskeys e a ruptura principal, os detritos não chegaram até ali. Somente a água veio, batendo em ondas contra as bases da casa de Elinor, então se chocando contra as janelas do primeiro andar, partindo o vitral do salão da frente, invadindo os quartos, fazendo redemoinhos em volta das pernas dos móveis, entrando pelas lareiras e expulsando todas as cinzas e fuligem acumuladas ao longo de anos.

A água subiu pelas tábuas dos pisos, penetrando todos os quartos, derrubando o mobiliário mais delicado, atirando objetos pequenos nas paredes e empurrando detritos de um aposento para outro. Tudo isso na escuridão, sem muito mais barulho do que o estrépito contínuo da chuva do lado de fora da casa.

Mas a chuva começava a parar. No andar de cima, Elinor Caskey estava morta.

Com sua morte, as aparições terríveis que surgiram diante da porta, Mary-Love e John Robert, simplesmente desapareceram. A porta arrombada e partida se fechara sozinha. Zaddie estava sentada à beira da cama, ainda segurando a mão de Elinor. Billy foi até a porta e a abriu. Olhou para fora, mas não viu nada. Vasculhou a sala de estar e o corredor. Ouviu apenas a água que se agitava no andar de baixo; inclinou-se sobre o corrimão e observou. Viu água negra no lance

inferior da escada. Já parecia ter 1 metro de profundidade no primeiro piso, e continuava a subir.

Ele voltou ao quarto de Elinor e olhou pela janela. A água tinha 2,5 metros no quintal. Pôde vê-la transbordar do topo do dique.

Ele andou até a cama e pegou a outra mão do cadáver.

– Não me parece que vamos conseguir sair daqui, Zaddie – avisou ele.

Ela balançou a cabeça, dizendo com uma solenidade orgulhosa:

– A Sra. Elinor me disse uma vez, muito tempo atrás: "Zaddie, aquele dique vai aguentar até eu morrer, e depois a água vai varrer esta cidade."

Eles ficaram sentados, esperando. Aos poucos, a chuva parou. O efeito de tamanho silêncio foi sinistro para Billy e Zaddie, mais sinistro do que o fato de estarem os dois sentados ali, segurando as mãos de uma mulher morta, muito mais sinistro do que os sons que ouviam do andar de baixo, de móveis batendo contra paredes e tetos dos cômodos do primeiro piso.

Passado algum tempo, Zaddie olhou para o chão e levantou o pé. O carpete estava encharcado.

– Começou a atravessar o chão – comentou ela.

Billy apenas assentiu. Já havia notado isso.

Zaddie e Billy aguardaram com uma paciência infinita, sem nunca pensarem em resgate ou tentarem fugir. De vez em quando, Billy se virava para a janela e olhava para ver se o raiar do dia já estava próximo, mas o céu continuava negro. Ainda estava coberto de nuvens, mas elas agora apenas deslizavam, sem lançarem mais chuva.

Tanto Zaddie quanto Billy estavam imersos nos próprios pensamentos; as mãos de Elinor, frias nas deles. Por fim, a alvorada começou a lançar seus raios sobre todos. A água já havia subido mais de 30 centímetros no quarto, de modo que Zaddie e Billy tinham apoiado seus pés sobre as cadeiras. Pequenos objetos entravam flutuando do corredor como animaizinhos curiosos e, após ficarem ali por alguns instantes, voltavam a flutuar para fora. Quando o dia acabou de raiar, os dois, já cansados, foram arrancados de seu torpor por um baque que soou mais alto do que os outros.

– O que foi isso? – perguntou Zaddie.

Billy balançou a cabeça.

– Algo bateu na lateral da casa. Imagino que tudo nesta cidade esteja flutuando de um lado para outro. Estou surpreso por ainda não termos visto nenhum poste entrar pela janela.

A batida se repetiu, duas vezes em rápida sucessão. Parecia insistente.

Billy soltou a mão de Elinor e a pousou no peito da falecida. Ele foi à janela e olhou para fora, pestanejando para se habituar à luz.

– O que é? – indagou Zaddie.

– Um barco – falou Billy calmamente. – Alguém amarrou um barco a esta janela. – Ele se virou para Zaddie. – Venha, Zaddie. Está na hora de irmos.

– Não podemos deixar a Sra. Elinor.

– Podemos, sim. – Billy chapinhou pelo quarto, atravessou a sala de estar e foi até o corredor. – Frances? – chamou ele, sem nenhuma dúvida ou constrangimento, confiante de que ela estava ali. Nenhuma resposta veio, mas Billy prosseguiu: – Frances, Zaddie e eu estamos partindo. Tome conta de Elinor, está bem?

Sem esperar resposta, ele voltou ao quarto. Zaddie se debruçava sobre a cama, pressionando a face na de Elinor, que estava fria e definhada.

– Estou pronta, Sr. Billy.

Ele estava à janela. Esticou-se para fora, puxou o barco mais para perto e, meio desajeitado, entrou nele. Agarrou o peitoril e tentou manter a embarcação firme enquanto Zaddie, de forma muito mais atabalhoada, também entrava nela.

Imediatamente Billy desamarrou o barco e começou a remar, afastando-se da casa. Sentada na popa, Zaddie fez menção de olhar para trás, mas Billy disse:

– Não. Não faça isso.

Mas ele nunca afastou o olhar da janela aberta pela qual tinha saído. E o que viu ali o fez chorar enquanto remava para longe.

Assim, em meio à alvorada que raiava sobre a destruição de Perdido, Billy e Zaddie seguiram lentamente em seu barco para terras mais altas.

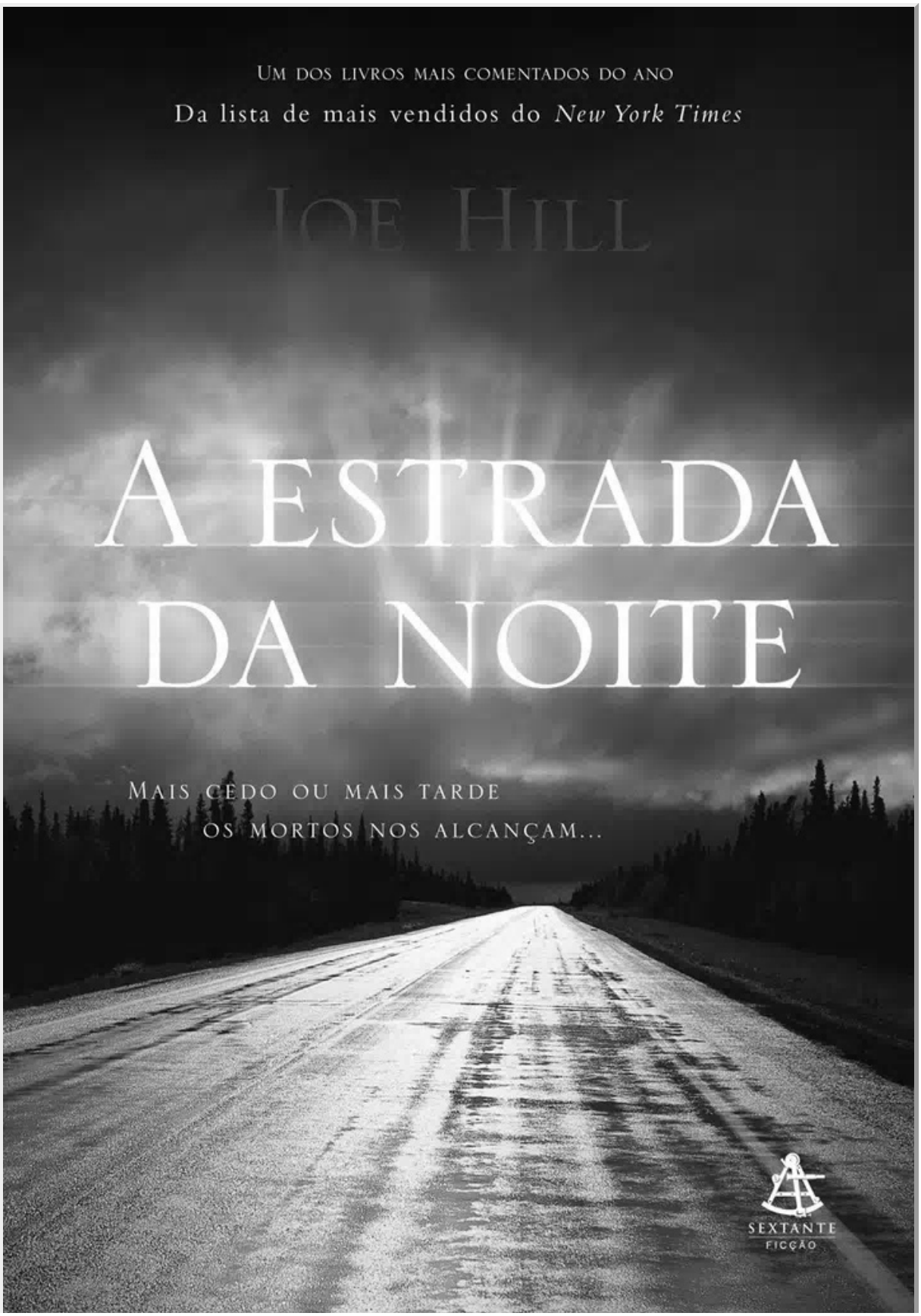
SOBRE O AUTOR

MICHAEL MCDOWELL nasceu em 1º de junho de 1950, na cidade de Enterprise, no Alabama. Obteve bacharelado e mestrado em Inglês por Harvard e doutorado em Literatura Inglesa e Americana pela Universidade Brandeis.

McDowell produziu mais de 30 obras de ficção, destacando-se como autor consagrado de terror e como roteirista de TV, escrevendo episódios das séries *Histórias maravilhosas* e *Contos da cripta*. Além disso, deixou sua marca em filmes memoráveis, como *Os fantasmas se divertem* e *O estranho mundo de Jack*.

Ele faleceu em 27 de dezembro de 1999, mas seu legado literário e cinematográfico continua a inspirar gerações.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO


Um dos livros mais comentados do ano
Da lista de mais vendidos do *New York Times*
Joe Hill
A estrada da noite
Mais cedo ou mais tarde
os mortos nos alcançam...
Sextante
Ficção

A estrada da noite

Joe Hill

Uma lenda do rock pesado, o cinqüentão Judas Coyne coleciona objetos macabros: um livro de receitas para canibais, uma confissão de uma bruxa de de 300 anos atrás, um laço usado num enforcamento, uma fita com cenas reais de assassinato. Por isso, quando fica sabendo de um estranho leilão na internet, ele não pensa duas vezes antes de fazer uma oferta.

"Vou 'vender' o fantasma do meu padrasto pelo lance mais alto..."

Por 1.000 dólares, o roqueiro se torna o feliz proprietário do paletó de um morto, supostamente assombrado pelo espírito do antigo dono. Sempre às voltas com seus próprios fantasmas – o pai violento, as mulheres que usou e descartou, os colegas de banda que traiu –, Jude não tem medo de encarar mais um.

Mas tudo muda quando o paletó finalmente é entregue na sua casa, numa caixa preta em forma de coração. Desta vez, não se trata de uma curiosidade inofensiva nem de um fantasma imaginário. Sua presença é real e ameaçadora.

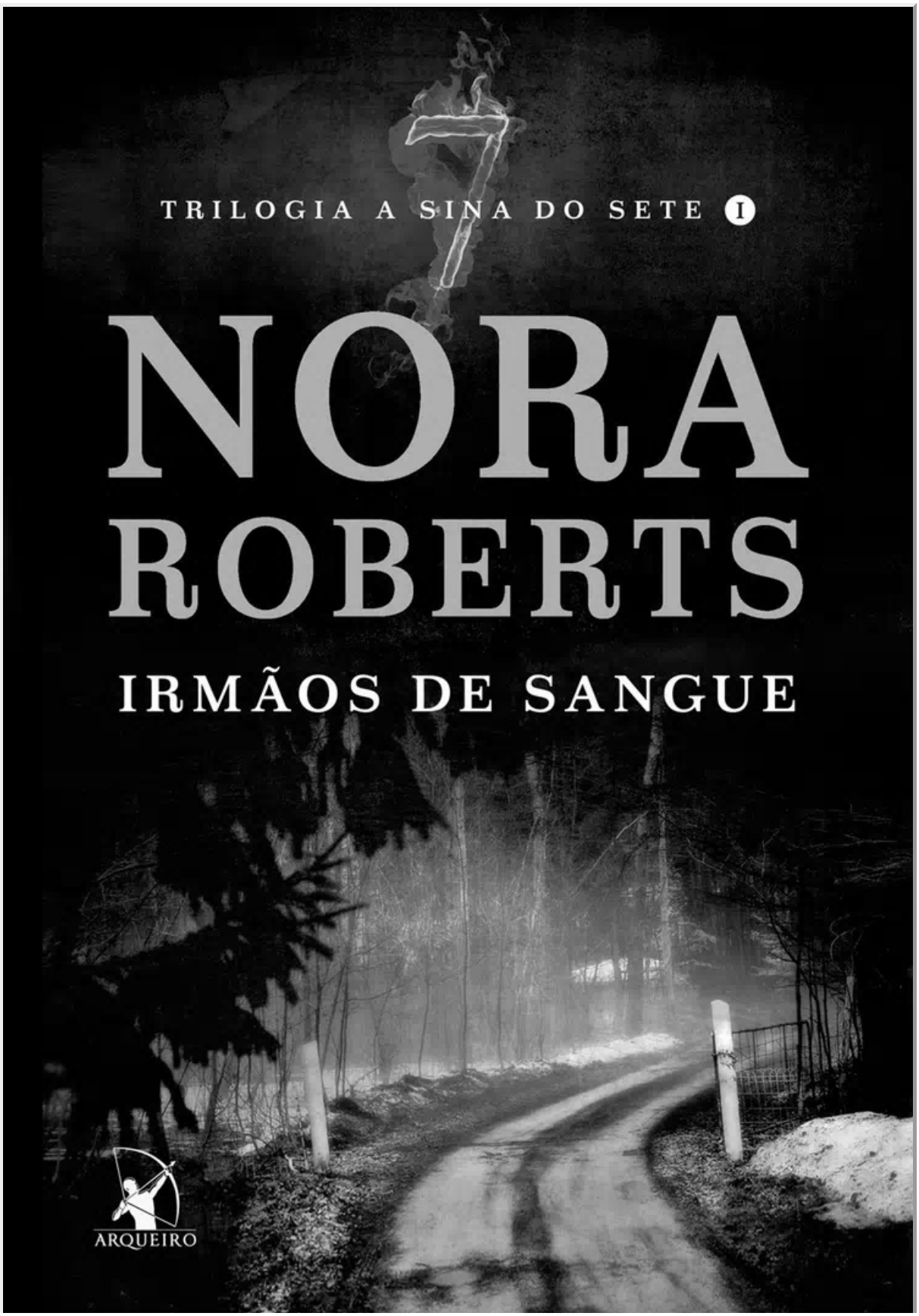
O espírito parece estar em todos os lugares, à espreita, balançando na mão cadavérica uma lâmina reluzente – verdadeira sentença de morte. O roqueiro logo descobre que o fantasma não entrou na sua vida por acaso e só sairá dela depois de se vingar. O morto é Craddock McDermott, o padrasto de uma fã que cometeu suicídio depois de ser abandonada por Jude.

Numa corrida desesperada para salvar sua vida, Jude faz as malas e cai na estrada com sua jovem namorada gótica. Durante a perseguição implacável do fantasma, o astro do rock é obrigado a enfrentar seu passado em busca de uma saída para o futuro. As verdadeiras motivações de vivos e mortos vão se revelando pouco a pouco em *A estrada da noite* – e nada é exatamente o que parece.

Ancorando o sobrenatural na realidade psicológica de personagens complexos e verossímeis, Joe Hill consegue um feito raro: em seu romance de estréia, já é considerado um novo mestre do suspense e

do terror.

Clique aqui para ver na loja


TRILOGIA A SINA DO SETE I
NORA
ROBERTS
IRMÃOS DE SANGUE
ARQUEIRO

Irmãos de sangue

Nora Roberts

"Como qualquer livro escrito por Nora Roberts, este é fantástico. Nora cria uma paisagem pitoresca e sombria." – *The Best Reviews*

A misteriosa Pedra Pagã sempre foi um local proibido na floresta Hawkins. Por isso mesmo, é o lugar ideal para três garotos de 10 anos acamparem escondidos e firmarem um pacto de irmandade. O que Caleb, Fox e Gage não imaginavam é que ganhariam poderes sobrenaturais e libertariam uma força demoníaca.

Desde então, a cada sete anos, a partir do sétimo dia do sétimo mês, acontecimentos estranhos ocorrem em Hawkins Hollow. No período de uma semana, famílias são destruídas e amigos se voltam uns contra os outros em meio a um inferno na Terra.

Vinte e um anos depois do pacto, a repórter Quinn Black chega à cidade para pesquisar sobre o estranho fenômeno e, com sua aguçada sensibilidade, logo sente o mal que vive ali. À medida que o tempo passa, Caleb e ela veem seus destinos se unirem por um desejo incontrolável enquanto percebem a agitação das trevas crescer com o potencial de destruir a cidade.

Em *Irmãos de sangue*, Nora Roberts mostra uma nova faceta como escritora, dando início a uma trilogia arrebatadora em que o amor é a força necessária para vencer os sombrios obstáculos de um lugar dominado pelo mal.

Clique aqui para ver na loja

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO 1



ARQUEIRO

Estrelas da sorte

Nora Roberts

"Nora Roberts é uma verdadeira artista das palavras." – *Los Angeles Daily News*

Sasha Riggs é uma artista assombrada por sonhos que transforma em pinturas maravilhosas, cenas que preveem o futuro. Ela nunca conseguiu assumir seu dom, mas desta vez não consegue ignorar as visões que a atormentam e viaja para a ilha grega de Corfu.

É lá que encontra as pessoas com quem sonha: um mágico, um arqueólogo, um viajante, um lutador, um solitário. Elas também foram atraídas por uma força inexplicável. Dotadas de habilidades extraordinárias, cada uma terá um papel fundamental na aventura que as espera: encontrar as míticas Estrelas da Sorte, que caíram do céu, pondo em risco o destino de todos os mundos.

Sasha é quem os mantém unidos e vê no mágico, Bran Killian, um homem de imensa compaixão. Ela tem dificuldade para lidar com sua vidência, mas Bran está lá para apoiá-la. Porém, os dois não devem desviar sua atenção da missão, pois uma ameaça sombria procura corromper tudo que está no caminho para alcançar as estrelas.

Nesse primeiro volume da série Os Guardiões, Nora Roberts se aventura mais uma vez pela fantasia, mas sem deixar de lado o seu envolvente romantismo e a escrita que a consagrou.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA A SAGA BLACKWATER

I.
A enchente

II.
O dique

III.
A casa

IV.
A guerra

V.
A fortuna

VI.
A chuva

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

